



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA MOTRICIDADE
(PEDAGOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA)**

**ATITUDES DE CONDUTORES DE ATIVIDADES DE AVENTURA E A
PERSPECTIVA DE DISSEMINAÇÃO DA SENSIBILIZAÇÃO AMBIENTAL**

JULIANA DE PAULA FIGUEIREDO

Dissertação apresentada ao
Instituto de Biociências do Campus
de Rio Claro, Universidade
Estadual Paulista, como parte dos
requisitos para obtenção do título
de Mestre em Ciências da
Motricidade.

Dezembro - 2012

Juliana de Paula Figueiredo

**ATITUDES DE CONDUTORES DE ATIVIDADES DE AVENTURA E A
PERSPECTIVA DE DISSEMINAÇÃO DA SENSIBILIZAÇÃO AMBIENTAL**

Dissertação apresentada ao
Instituto de Biociências do
Campus de Rio Claro,
Universidade Estadual Paulista,
como parte dos requisitos para
obtenção do título de Mestre em
Ciências da Motricidade.

Orientadora: Profa. Dra. Gisele Maria Schwartz

Rio Claro
2012

372.357 Figueiredo, Juliana de Paula
F475a Atitudes de condutores de atividades de aventura e a
perspectiva de disseminação da sensibilização ambiental /
Juliana de Paula Figueiredo. - Rio Claro : [s.n.], 2012
154 f. : il., gráfs., tabs., fots.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista,
Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientador: Gisele Maria Schwartz

1. Educação ambiental. 2. Lazer. 3. Conduta
pró-ambiental. 4. Esporte. I. Título.

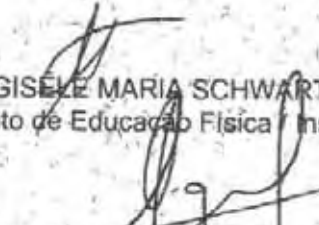
CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO: Atitudes de condutores de atividades de aventura e a perspectiva de disseminação da sensibilização ambiental

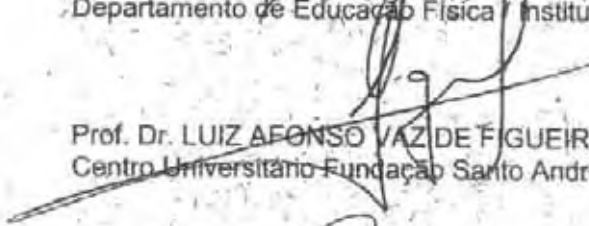
AUTORA: JULIANA DE PAULA FIGUEIREDO

ORIENTADORA: Profa. Dra. GISELE MARIA SCHWARTZ

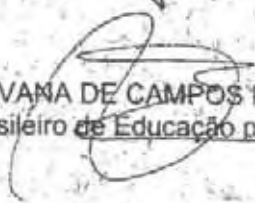
Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de MESTRE EM CIÊNCIAS DA MOTRICIDADE, Área: PEDAGOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA, pela Comissão Examinadora:


Profa. Dra. GISELE MARIA SCHWARTZ

Departamento de Educação Física / Instituto de Biotécnicas de Rio Claro/SP


Prof. Dr. LUIZ AFONSO VAZ DE FIGUEIREDO

Centro Universitário Fundação Santo André (FSA) - Santo André/SP


Profa. Dra. IVANA DE CAMPOS RIBEIRO

Instituto Brasileiro de Educação para a Vida - Rio Claro/SP

Data da realização: 14 de dezembro de 2012.

Dedico este trabalho aos meus pais, por todo o apoio que me deram para a concretização desta etapa da minha vida e às minhas tias Leandra e Maria Izabel (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

A Deus, por todas as oportunidades e por guiar cada passo dessa caminhada.

Aos meus pais, minha fortaleza.

A toda a minha família (avós, irmãos, tios e primas), pelo carinho de sempre e por me renovarem a cada reencontro.

A Gisele Schwartz, por todo o conhecimento compartilhado, por todas as contribuições para o meu crescimento profissional e por me ajudar a continuar sonhando. Obrigada pela sua grande participação na concretização desta etapa.

A todos meus amigos, os mais velhos e aqueles que eu tive o prazer de conhecer em Rio Claro, por tornarem a minha vida mais completa.

Aos membros da banca, Luiz Afonso Figueiredo e Ivana Ribeiro, por todas as contribuições para este trabalho e pelos incentivos. Foi muito bom conhecer vocês e compartilhar os conhecimentos desta área tão encantadora que é a Educação Ambiental.

A todos do LEL – Laboratório de Estudos do Lazer, por tantos conhecimentos compartilhados, pelos momentos de alegria e por tantas comilanças.

A Vila do Chaves e a Rep Garotinhos, que me acolheram por estes anos em Rio Claro e me proporcionaram tantos momentos felizes.

Aos condutores de atividades de aventura participantes da pesquisa, o meu sincero agradecimento pela contribuição.

Aos professores da área de Lazer e Recreação que conheci durante os congressos, pelos conhecimentos compartilhados, aliados à diversão, bem como, pelas amizades construídas.

A todos que direta ou indiretamente estiveram presentes em minha vida durante esta fase e contribuíram para a concretização deste trabalho, o meu eterno obrigada!

"A educação não transforma o mundo.
Educação muda pessoas. Pessoas
transformam o mundo." Paulo Freire

RESUMO

Este estudo, de natureza qualitativa, teve como objetivo investigar as atitudes e comportamentos ambientais de condutores de atividades de aventura e as perspectivas de disseminação de valores sobre sensibilização ambiental para os praticantes, durante as intervenções, com base nas atividades de aventura. O estudo foi desenvolvido por meio da união de pesquisas bibliográfica e exploratória. Foram utilizados para a coleta de dados os instrumentos referentes ao questionário para caracterização da amostra, à Escala de Ecocentrismo e Antropocentrismo (idealizada em 1994 por Thompson e Barton e traduzida para o idioma português por Pinheiro et al., em 2005), e à Escala de Intervenção sobre Sensibilização Ambiental (EISA) - para Condutores de Atividades de Aventura, elaborada especificamente para este estudo. Esses instrumentos foram aplicados a uma amostra intencional, composta por 24 condutores de atividades de aventura de vivências em terra, gelo e neve (montanhismo), água (*rafting*) e ar (*paraglider*), de cidades consideradas polos constantes de oferta dessas modalidades. Os dados foram analisados descritivamente, por meio da Técnica de Análise de Conteúdo e ilustrados numericamente, de modo percentual. Os resultados indicam que a maioria dos condutores possui atitude ecocêntrica e está consciente do seu compromisso no que se refere à disseminação da Educação Ambiental e à sensibilização ambiental dos praticantes, utilizando diversas estratégias pedagógicas. Entretanto, pode-se constatar também profissionais que não são tão positivos quanto a esta perspectiva, havendo, ainda, um predomínio pela utilização de estratégias de conteúdos racionais. Torna-se necessária maior atenção na formação desse profissional, para ampliar sua contribuição efetiva na dinâmica social.

Palavras-chave: Atividades de Aventura. Educação Ambiental. Lazer. Atitude. Conduta pró-ambiental.

ABSTRACT

This qualitative study, aimed at investigating the attitudes and behaviors of adventure activities' guides and prospects of spreading awareness about environmental values for practitioners, during interventions, based on adventure activities. The study was conducted through literature review and exploratory research. The instruments for data collection deal with a questionnaire to characterize the sample, the Ecocentrism and Anthropocentrism Scale (conceived by Thompson and Barton in 1994 and translated into Portuguese by Pinheiro et al., 2005), and the Intervention on Environmental Awareness Scale (EISA) - for Adventure Activities' Guides, specifically designed for this study. These instruments were administered to an intentional sample, comprising 24 adventure activities guides from land, ice and snow (mountaineering), water (rafting) and air (paraglider) types of activities that were developed on cities considered as poles of constant supply of these modalities. Data were descriptively analyzed through Content Analysis Technique and numerically illustrated by percentage. The results indicate that most guides have an ecocentric attitude and are conscious of their compromise with regard to the dissemination of environmental education and awareness for the practitioners, using various teaching strategies. However, it can be seen that some professionals are not so positive about this prospect, and predominantly use the rational strategies. More attention to the formation process is required, due to the needs of amplifying the effective contribution into social dynamics

Keywords: Adventure Activities. Environmental Education. Leisure. Attitude. Pro-environmental behavior.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 OBJETIVO	13
3 JUSTIFICATIVA.....	14
4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
4.1 Atitudes e condutas pró-ambientais	15
4.2 Atividades de aventura e suas diversas interfaces.....	19
4.3 Fundamentos e princípios da Educação Ambiental	29
5 MÉTODO.....	45
5.1 Natureza do estudo	45
5.2 Sujeitos.....	46
5.3 Instrumentos.....	47
5.4 Procedimentos para a aplicação dos instrumentos de coleta de dados	49
5.5 Análise dos dados	50
6 PRODUTOS DA PESQUISA	54
ARTIGO 1	54
Introdução	55
Métodos	60
Resultados e Discussão	62
Considerações finais	77
Referências	78
ARTIGO 2	82
Introdução	83
Método	87
Resultados e Discussão	89
Considerações finais	102
Referências bibliográficas	103
ARTIGO 3	106
Introdução	107
Método	109
Resultados e Discussão	110
Considerações finais	120

Referências	121
7 CONCLUSÃO	125
REFERÊNCIAS.....	130
APÊNDICE A – Fotos das cidades e modalidades selecionadas para a coleta de dados do estudo	140
APÊNDICE B – Caracterização da amostra.....	142
APÊNDICE C – Ilustração da caracterização da amostra	143
APÊNDICE D – Escala de Intervenção sobre Sensibilização Ambiental (EISA) - para Condutores de Atividades de Aventura.....	145
APÊNDICE E - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	147
ANEXO A – Escala de Ecocentrismo e Antropocentrismo (Escala T&B)	149
ANEXO B – Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa.....	151
ANEXO C – Comprovante de submissão do Artigo 1	152
ANEXO D – Comprovante de submissão do Artigo 2	153
ANEXO E – Comprovante de submissão do Artigo 3	154

1 INTRODUÇÃO

A premência de superação de desafios relativos à situação degradante em que se encontra o planeta, a necessidade de despertar a sensibilização, assim como, de favorecer a conscientização sobre a corresponsabilidade e o desenvolvimento de condutas pró-ambientais, representam grandes inquietações atuais. Na perspectiva de minimizar esses entraves, surgem as dinâmicas relativas à Educação Ambiental, que envolvem elementos cognitivos e afetivos.

No que concerne a esse processo de Educação Ambiental, a sensibilização se apresenta mais propícia a despertar as emoções e sensações, ligadas aos aspectos afetivo-perceptivos e sensoriais, enquanto que a conscientização está mais ligada aos aspectos racionais e cognitivos, embora esteja carregada de aspectos subjetivos e de caráter pessoal. Sendo assim, sensibilização e conscientização não se anulam, mas se completam, pois a sensibilização permite o envolvimento com as atitudes e valores, os quais, quando internalizados, favorecem a conscientização, levando a possíveis alterações de condutas.

Nesse sentido, o tema referente às possibilidades de disseminação de condutas conservacionistas tem sido desenvolvido em diferentes áreas de estudo, sendo contemplado com inúmeras propostas de intervenções já em curso. Entretanto, são poucas as estratégias que efetivamente despertam no ser humano a sensibilidade para inferir ações eficazes de sustentabilidade, merecendo maior destaque em todos os campos da ciência, inclusive, no contexto de estudo da Motricidade Humana.

Para que atitudes e condutas sejam alteradas, existe a necessidade de se desenvolver e incentivar estratégias diferenciadas, as quais possam causar impactos emocionais significativos em relação à sensibilização e apresentar ressonâncias positivas, na perspectiva pró-ambiental. Entretanto, parece haver uma sectorização desta responsabilidade, quando esse enfoque fica restrito a alguns campos de estudo, como a Ecologia ou às ciências que comumente abordam a questão ambiental, fazendo-se necessárias abordagens transdisciplinares, no sentido de buscar todas as contribuições possíveis.

Neste sentido, as iniciativas que revigoram a aproximação humana com o ambiente natural têm sido propagadas, na literatura especializada, como fontes de incentivo que podem gerar alterações emocionais e atitudinais, tendo em vista a perspectiva de colocar o ser humano de modo reflexivo, frente a si próprio, ao outro e ao ambiente. Esta possibilidade se amplia, especialmente quando este se encontra no ambiente destinado ao lazer, mais particularmente, com os estímulos das atividades de aventura na natureza, cuja forma sedutora e de incentivo ao imaginário favorecem vivências significativas.

Com base nessas premissas, este estudo procurou investigar os profissionais envolvidos com as atividades de aventura, no sentido de avaliar seus valores e atitudes para a promoção do comportamento pró-ambiental. Além disto, o estudo procurou analisar a perspectiva de disseminação desses valores pró-ambientais, realizada por esses condutores de atividades de aventura, em suas atuações, bem como, as estratégias adotadas neste sentido.

Para o desenvolvimento dessa dissertação, foi adotada a seguinte sequência: a partir da introdução, são apresentados o objetivo do estudo, a justificativa do mesmo e a fundamentação teórica referente aos temas condutas, atitudes e valores, atividades de aventura, atuação dos profissionais envolvidos, Educação Ambiental, entre outras abordagens relevantes à consistência da pesquisa. Em seguida, encontra-se descrita a metodologia utilizada para o desenvolvimento geral da dissertação.

Esta dissertação foi constituída no formato de artigos. Essa forma de apresentação já vem sendo utilizada em diversos programas de pós-graduação em todo o país, com o intuito de sintetizar e sistematizar as produções, facilitando, assim, a posterior disseminação dos estudos. O primeiro artigo é referente à relação das atividades de aventura e Educação Ambiental nos periódicos da área de Educação Física. O segundo e o terceiro artigos foram elaborados com base no resultado da análise dos instrumentos utilizados para a coleta de dados, relacionados, respectivamente, às atitudes e comportamentos ambientais dos profissionais de atividades de aventura e à perspectiva de intervenção sobre sensibilização ambiental durante a atuação com estas vivências. Ao final da

dissertação, baseadas nas reflexões apresentadas, foram elaboradas as conclusões e as sugestões.

2 OBJETIVO

Investigar as atitudes e comportamentos ambientais de condutores de atividades de aventura e as perspectivas de disseminação de valores sobre sensibilização ambiental para os praticantes, durante as intervenções, com base nas atividades de aventura.

3 JUSTIFICATIVA

Este estudo se justifica, em primeira instância, tendo em vista a premência de ações de diversas naturezas, que possam colaborar no sentido de despertar e alterar positivamente valores e condutas relativas à conservação ambiental. Esta temática referente ao compromisso ambiental não é privilégio de uma área de estudo exclusivamente, mas, se define como um tema de base para diversos campos do conhecimento.

Sendo assim, o envolvimento de profissionais com o ambiente natural, privilegiado nas atividades de aventura na natureza, pode auxiliar no despertar de estados emocionais positivos e na automotivação para a implementação de estratégias, no sentido de auxiliar na disseminação da conduta pró-ambiental. Isto se torna um desafio mais que premente, justificando o interesse por esta abordagem no campo de estudo da Motricidade Humana (Educação Física).

A real interveniência dos aspectos imaginários advindos das vivências de atividades de aventura em ambiente natural, na promoção de experiências significativas em relação à sensibilização ambiental, também não está devidamente esclarecida. A literatura especializada deixa dúvidas sobre a possibilidade de a empatia com o ambiente natural ser fator diretamente desencadeador de desejos de conservação. Sendo assim, justifica-se o desenvolvimento do estudo, no tocante a investigar e aprofundar os conhecimentos acerca destas questões.

Outra justificativa recai na indagação acerca da percepção do próprio profissional sobre a importância de incrementar suas intervenções, difundindo e propagando valores pró-ambientais. Na esfera acadêmica, poucos são os estudos que focalizam e analisam esse argumento temático, fortalecendo a intenção de desenvolvimento do presente estudo.

Essas e outras inquietações justificam a importância do desenvolvimento de novas reflexões, capazes de apresentar alternativas significativas para a disseminação da conduta pró-ambiental.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1 Atitudes e condutas pró-ambientais

Atitudes e condutas são termos complexos, os quais nem sempre são utilizados na literatura de diferentes áreas do conhecimento com a adequada conotação e diferenciação entre eles. No que tange às atitudes, estas representam as crenças e valores incutidos, os quais possuem estreita relação com os aspectos axiológicos impregnados na cultura de um indivíduo e nem sempre condizem exatamente com suas condutas expressas. Já o comportamento ou conduta, se refere a ações externalizadas no ambiente social. A diferença básica entre ambos, então, é a de que as atitudes não são efetivamente expressas, ao contrário das condutas, que são expostas, podendo ser ou não mediadas pelos valores e crenças (SCHWARTZ, 1997, 2000, 2001).

Alguns aspectos, muitas vezes contraditórios, já expostos na literatura, reforçam a ideia da necessidade de novos estudos, no sentido de se compreender de que modo as vivências de atividades em ambientes naturais podem ampliar as perspectivas de envolvimento e responsabilidade pessoal com a natureza, requisitos para a aquisição da tão almejada conduta pró-ambiental. A conduta pró-ambiental é conceituada por Corral-Verdugo (2000) como uma união de ações direcionadas, decididas e efetivas, as quais correspondem a condições ambientais e pessoais para a proteção do meio.

No que concerne às condições ambientais, um número cada vez mais crescente de estudos teóricos procura reafirmar as vantagens das vivências em ambientes físicos não familiares, como uma forma de alterar estados emocionais e encorajar novas esferas de aprendizado, contribuindo para o despertar de maior sensibilidade ambiental, como apresentado nas pesquisas realizadas por Kimball e Bacon (1993) e Nadler (1993). Essa afirmação é baseada na perspectiva de que, em ambientes desconhecidos, os participantes tendem a sofrer impactos em seu estado

emocional, de modo a desenvolver uma Dissonância Cognitiva¹, possibilitando o repensar sobre atitudes e valores e, possivelmente, alterá-los, aprimorando alguns benefícios nos níveis de ansiedade e no autoconceito, como salientou Nadler (1993).

Estas possibilidades se ampliam pelo fato de novos ambientes de aprendizado e vivências propiciarem o enfrentamento dos desafios, demandando um rearranjo ou novas estratégias psicológicas. Ao utilizarem novos recursos psíquicos, emocionais e físicos para se adequar às exigências de um ambiente, as pessoas tendem a maximizar e potencializar todos esses domínios.

Hattie et al. (1997) avançam nesta reflexão, salientando que um ambiente mais inóspito, desconhecido ou selvagem pode favorecer vantagens adicionais, como autoconsciência e ampliação dos níveis de envolvimento com questões subjetivas e de transformação pessoal. Esses fatores têm inspirado pesquisadores, os quais procuram amplificar a oferta de programas de Educação Ambiental, favorecendo vivências de atividades em ambientes naturais (PALMBERG; KURU, 2000).

Palmberg e Kuru (2000) investigaram as ressonâncias de vivências em atividades desenvolvidas em ambiente natural, com a intenção de procurar investir no desenvolvimento de uma relação mais afetiva com a natureza. Para esses autores, este tipo de vivência desenvolve, nos participantes, maior nível de autoconfiança e sentimentos de segurança, capazes de ampliar o desejo de novas participações em experiências semelhantes, além de destacarem um novo significado para a natureza, em nível pessoal, e uma forte e clara relação de empatia com a natureza. Sendo assim, as atitudes positivas em relação ao ambiente, conforme os autores anteriormente citados, estão diretamente associadas ao grau com que as pessoas acreditam ser efetivamente parte do ambiente natural.

No que tange a este aspecto de se considerar como parte da natureza, Schultz et al. (2004) distinguiram pessoas com preocupações de caráter mais

¹ De acordo com Festinger (1957), a Teoria da Dissonância Cognitiva evidencia que, nem sempre as atitudes (valores e crenças) definem *a priori* as condutas (comportamentos e ações). Sendo assim, em relação ao meio ambiente, os indivíduos podem não se comportar efetivamente de acordo com o que acreditam, apresentando, assim, atitude positiva, porém, conduta negativa, caracterizando a Dissonância Cognitiva. Este tema é bastante complexo e, inclusive, já foi evidenciado em pesquisa na área da Motricidade Humana (SCHWARTZ, 1997).

egoísta, com foco centrado em si próprias e as de preocupações com a biosfera, as quais são mais focadas nos seres vivos. Ao contrário de diversos autores, Schultz et al. (2004) provocam novo debate, trazendo à tona o argumento de que a conexão entre indivíduo e natureza é implícita e que existe fora da percepção consciente.

De acordo com Corral-Verdugo (2000), fatores como os ambientes físico e sociocultural também interferem diretamente no comportamento dos indivíduos, os quais, por sua vez, podem influenciar o meio. Da mesma forma, para Coelho, Gouveia e Milfont (2006), as investigações sobre valores e atitudes pessoais, as estratégias utilizadas para processar modificações de conduta e as interferências ambientais, representam elementos importantes, os quais podem influenciar intervenções em prol de mudanças qualitativas na ação humana.

Araújo (2001) aponta que os valores são construídos por meio da interação do sujeito, envolvendo a razão e as emoções presentes em seu íntimo, com suas relações com outras pessoas, objetos e instituições em que ele vive. Ainda de acordo com este autor, os valores pertencem ao sistema afetivo dos indivíduos, transformam-se em valores morais, na medida em que se vinculam com conteúdos de natureza moral.

Complementando este pensamento, Bonotto (2008) afirma que cada indivíduo constrói seu próprio sistema de valores, no qual ele determina aqueles que se encontram como mais centrais ou mais periféricos, de acordo com a sua identidade. Após esse processo, constitui-se a moral, sendo esta um conjunto de regras que determinam o comportamento das pessoas (BONOTTO, 2003).

Todos esses fatores elencados tornam premente a necessidade de entender melhor a relação dos valores e atitudes com o comportamento e o ambiente físico, a fim de se encontrar as melhores estratégias, capazes de agregar valores e soluções mais eficazes, no que tange aos problemas ambientais. Para tanto, Karp (1996) salienta que as estratégias utilizando a valorização de atitudes positivas pessoais podem promover mais facilmente a conduta pró-ambiental, do que outros elementos, tais como, punições ou incentivos financeiros.

Nesta perspectiva, a possibilidade de desenvolver a conduta pró-ambiental amplia-se. No entanto, para que esta ocorra, existe a necessidade de sensibilizar, ou seja, despertar sensações e emoções, pois, alterar um comportamento é um

processo complexo. É necessário, primeiramente, trabalhar a sensibilização nos seres humanos, para que se crie a possibilidade de alteração de atitudes e valores em relação ao meio ambiente. Após estes elementos estarem internalizados, torna-se possível o processo de aquisição e efetivação de condutas pró-ambientais.

Com o objetivo de buscar estratégias para incentivar a conduta pró-ambiental, Corral-Verdugo (2000) aponta para a necessidade de um trabalho interdisciplinar, com o objetivo de afetar diversas dimensões da vida humana, incluindo a social. Este tipo de ação afetando as diversas dimensões da vida em sociedade pode, segundo o autor, influenciar o comportamento, ou mesmo, este influenciar essas dimensões.

Uma das maneiras que pode contribuir para o aprimoramento das dimensões sociais, culturais e físicas é a vivência de atividades em contato direto com a natureza. Para Chipeniuk (1995), o indivíduo que possui algum contato com o ambiente natural, estabelece maior proximidade emocional com este espaço, a partir de outras vivências, contribuindo para o estreitamento de uma relação, a qual pode favorecer, desta forma, a conservação deste mesmo ambiente.

Ao se retratar a conservação, Diegues (2001) aponta que a corrente conservacionista tem como principal fundamento a utilização dos recursos naturais pelo ser humano de maneira adequada e racional, pensando também em seu uso como benefício para a maioria da população e das futuras gerações. Em contrapartida, de acordo com o mesmo autor, a corrente preservacionista apregoa a utilização da natureza por meio da apreciação estética e da preservação pura da mesma, como a iniciativa da criação de parques nacionais, de modo a protegê-la do desenvolvimento moderno, industrial e urbano.

De acordo com Pádua (2006), o envolvimento do ser humano com o meio natural, na perspectiva da conservação, deve estar pautado em uma relação de harmonia e proteção do mesmo. Nesse sentido, o conservacionismo prevê a integração do ser humano à natureza, prezando pela sustentabilidade. Enquanto que a corrente preservacionista reitera a proteção ampla e integral, prezando por um espaço intocável, com o intuito de salvar ou manter espécies, ecossistemas ou até mesmo um bioma.

Assim, torna-se fundamental oportunizar aos seres humanos vivências no meio natural, a fim de proporcionar o contato direto com este ambiente e para o despertar da sensibilidade, com o intuito de promover o envolvimento com o meio ambiente de maneira correta e sustentável, com vistas à conservação. Nesta perspectiva, uma das possibilidades de apropriação do espaço natural para vivências significativas na natureza versa sobre as atividades de aventura, as quais, por suas características, podem contribuir para o estreitamento qualitativo da relação ser humano-meio ambiente, pautando-se, necessariamente, na conservação do ambiente natural utilizado para a prática. Em oposição à vida agitada dos grandes centros urbanos, a procura pelo contato com o meio natural se torna cada vez mais presente no âmbito do lazer (BAHIA; SAMPAIO, 2007), promovendo a valorização da demanda sobre atividades físicas realizadas especialmente em ambiente natural, seja por meio de vivências em terra, gelo, neve, água ou ar, conforme evidenciado no *site* da ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS EMPRESAS DE ECOTURISMO E TURISMO DE AVENTURA (ABETA) (2005a), as quais são contempladas em inúmeras modalidades, a exemplo do montanhismo, do *rafting*, e do *paraglider*, atividades focalizadas neste estudo.

4.2 Atividades de aventura e suas diversas interfaces

As atividades de aventura na natureza têm sido amplamente divulgadas na mídia e no meio acadêmico. Segundo a ABETA (2005b), atualmente, no Brasil, são oferecidas mais de 25 atividades de aventura. Estas vão desde as mais simples, como caminhada e observação da vida silvestre, até outras mais complexas, com utilização de tecnologias sofisticadas.

No âmbito acadêmico, vários são os focos de estudo direcionados para a compreensão das atividades de aventura. Dentre eles, pode-se apontar o aspecto ambiental, assim como apresentando por Marinho (1999), no sentido de discutir a possibilidade de um envolvimento qualitativo do ser humano com o meio ambiente, por meio dessas atividades, bem como, suas repercussões, enfatizando as diferentes sensações e emoções que estas atividades podem proporcionar. Esta autora defende, então, a apropriação do meio ambiente, de forma consciente, para

vivenciar essas emoções em meio a um cenário natural. Paixão, Costa e Gabriel (2009a) também chamam a atenção para o fato do impacto ambiental positivo ou negativo que estas vivências podem causar, alertando para a necessidade de um envolvimento harmônico e sustentável com o meio ambiente durante a realização dessas atividades.

Outro aspecto bastante evidenciado nos estudos é o educacional. De acordo com Marinho e Schwartz (2005), as atividades de aventura, consideradas práticas contemporâneas e emergentes, podem ser inseridas como disciplina no âmbito escolar e acadêmico, mostrando-se como importante conteúdo da área de Educação Física, de modo a facilitar a aproximação da sociedade com o meio ambiente, além de possibilitar a perspectiva de mudanças de valores e atitudes. Figueiredo et al. (2010) salientam que, tanto escolas da rede privada, quanto pública, vêm inserindo e valorizando em seus projetos pedagógicos as atividades de aventura, além de discutirem os aspectos de Educação Ambiental que permeiam estas vivências, mesmo havendo ainda alguns entraves, como a falta de conhecimento específico sobre estas atividades por parte dos profissionais que atuam nas escolas.

Ainda em relação ao aspecto educacional, Soares e Paixão (2010) enfatizam que, ao se trabalhar as atividades de aventura, juntamente à Educação Ambiental, nas aulas de Educação Física, pode-se contribuir para estimular a motivação dos alunos, apresentando-se como um diferencial nas aulas. Estes autores também apresentam algumas barreiras que dificultam essa inserção nas aulas, como o alto custo dos equipamentos, no entanto, apontam que existem modalidades, a exemplo do *trekking* e da corrida de orientação, que não exigem equipamentos específicos. Além disso, esses autores também chamam a atenção para os aspectos de valores ambientais e de respeito com o meio ambiente que devem ser trabalhados ao se apresentar estas atividades aos alunos, no intuito de não apenas utilizar a natureza como espaço para estas vivências, mas estimular uma relação de respeito e de como utilizar essas experiências de forma consciente.

As emoções e sensações também representam aspectos que recebem importante atenção nos estudos que buscam compreender os meandros que permeiam as atividades de aventura. Marinho (2001) destaca as sensações e emoções de adrenalina, prazer e a experimentação do risco calculado que podem

permeiar estas práticas, além da sensibilidade que pode estar presente, pelo fato de permitir a reaproximação dos seres humanos com o meio ambiente, facilitando perceber-se como parte deste mesmo meio.

Em seu estudo, Carnicelli Filho (2007) investigou iniciantes em diferentes modalidades de aventura e constatou que o prazer e o medo estão presentes durante toda a atividade e representam o enredo emocional da aventura, envolvendo tanto aspectos sociais, quanto psicológicos. O autor aponta, ainda, que os elementos emocionais presentes também estão relacionados com aspectos simbólicos, influenciados pelo imaginário coletivo, no qual os indivíduos formam um conceito de que vivenciarão fortes emoções durante esta primeira experiência com as atividades de aventura, os quais, geralmente, são influenciados pela própria agência de aventura, por meio do *marketing*.

Ainda no que concerne ao aspecto das emoções e sensações, Moreira (2007), ao investigar participantes de uma trilha longa, na qual a pesquisadora aplicou os questionários antes, durante e após a trilha, identificou que houve variações do estado de ânimo e diferentes atitudes em relação ao meio ambiente durante essas três etapas da trilha, por meio de reflexões. Além desses aspectos, os participantes desta pesquisa apontaram a possibilidade de transferência dos aprendizados adquiridos na trilha para seu dia-dia, no que concerne aos valores e aos novos sentidos para suas vidas.

Ao analisar um grupo que vivenciou pela primeira vez a modalidade *rappel*, Lavoura, Schwartz e Machado (2008) identificaram a presença de diferentes sentimentos, sensações e emoções, classificando-os como receosos, a exemplo da ansiedade, insegurança e tensão; como prazerosos, tendo como exemplo a alegria, o desafio e a aventura; e aqueles que se tornam ambíguos, a exemplo do medo. Além disso, esses autores apregoam que o envolvimento com as atividades de aventura, ao valorizar as relações intrapessoais e interpessoais, facilitam o envolvimento com a natureza e as emoções de uma maneira significativa e permeada por valores, justificadas pelo fato de se tornarem importantes ao enredo psicológico do ser humano.

Uma experiência relativa ao desenvolvimento de sensações por meio das atividades em ambiente natural que teve resultados positivos foi uma trilha

desenvolvida por Silva e Figueiredo (2010), os quais ressaltam a importância em proporcionar ao indivíduo a oportunidade de encarar sua própria existência, para que ocorra um reencontro com a vida, além de possibilitar o contato com diferentes texturas, sons, sabores e aromas presentes na natureza. Os mesmos autores apregoam que foi por meio da exploração das racionalidades e sensibilidades que conseguiram resultados satisfatórios com a atividade proposta.

Ainda em relação às trilhas, de acordo com Tabanez et al. (1997), o uso de trilhas como meio de interpretação ambiental, quando realizadas em ambiente natural, favorecem a sensibilização e o aprendizado e têm sido recomendadas na área de Educação Ambiental pelo seu valor construtivo. Além desses benefícios, os autores reiteram que estas atividades proporcionam momentos de reflexão sobre os valores, os quais são indispensáveis para mudanças de comportamentos relativos à conservação dos recursos naturais.

Outro aspecto que é foco de atenção ao se desenvolver estudos com o intuito de conhecer melhor o universo da aventura é o referente à formação e atuação do profissional. Em uma pesquisa elaborada por Schwartz e Carnicelli Filho (2006), os autores investigaram condutores de *rafting* da cidade de Brotas/SP e constataram que a maioria dos profissionais pesquisados não possui formação em nível superior, tendo se capacitado tecnicamente apenas pelos cursos oferecidos pela própria agência na qual atua. Esses condutores reconhecem a necessidade de reciclagem de seus conhecimentos técnicos e apontaram como maior desafio para a atuação a dificuldade em gerenciar as suas próprias emoções e a dos clientes.

Em outra perspectiva de formação, Paixão, Costa e Gabriel (2009b), ao focalizarem o aspecto profissional, apregoam que o processo de condução das atividades de aventura, muitas vezes, ocorre baseado na própria experiência dos profissionais, resultante de vivência prática anterior, na qual estes condutores socializam os conhecimentos entre si, ou por meio de cursos de mínima duração, mediados por confederações ou associações internacionais certificadoras. Isso mostra o descompromisso que muitas vezes ainda existe na área das atividades de aventura, na qual alguns profissionais não buscam uma formação de boa qualidade, colocando a vida de seus clientes em risco e suas próprias vidas, além de

desenvolverem a atividade, simplesmente, sem contemplar diversos conteúdos que poderiam ser trabalhados durante a realização das vivências.

Ao abordar especificamente a modalidade espeleoturismo, Figueiredo, L. A. V. (2012) constatou que a maioria dos espeleólogos entrevistados em sua pesquisa começou a atuar nesta área, motivados por espeleólogos mais velhos, os quais contribuíram com os aspectos educativos e formativos na iniciação e para as habilidades e técnicas. Embora essas contribuições sejam bastante válidas, este mesmo autor afirma que se torna fundamental, para ser espeleólogo, agrupar os aspectos técnico-científicos aos subjetivos e simbólicos, devido ao fato da atuação desta modalidade exigir atividades muito distintas.

Em relação a este aspecto da subjetividade inserida nas atividades de aventura, Bruhns e Marinho (2012) apontam que a identidade de um aventureiro pode ser constituída por meio da subjetividade, daquilo que ele acredita, valoriza e privilegia, oportunizando a exploração de sentimentos e valores inseridos neste processo. Nesta perspectiva, cabe aos profissionais da aventura investir mais nesta exploração dos aspectos subjetivos durante a realização das atividades, seja por meio de informações, de exemplos pessoais, dentre outros, a fim de colaborar para a construção de novas maneiras de conduta dos clientes em relação à natureza.

Observa-se, atualmente, maior preocupação aos aspectos de formação para atuação com as atividades de aventura. De acordo com Figueiredo, L. A. V. (2012), a Sociedade Brasileira de Espeleologia tem interesse em criar uma escola que vise a formação de instrutores, assim como, cursos em nível de graduação e pós-graduação.

Pensando nestes aspectos de profissionalização para o mercado da aventura, em 2006, a Universidade Anhembi Morumbi, de São Paulo/SP, lançou um curso superior de curta duração (2 anos) denominado Ecoturismo e Turismo de Aventura (ROSENFELD; COSTA, 2006). Porém, devido à falta de interesse de novos alunos, o curso teve apenas uma única turma, sendo, portanto, oferecido de 2006 a 2007. Em nível de pós-graduação, um exemplo pode ser o das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU), da cidade de São Paulo/SP, a qual lançou, no ano de 2009, o curso denominado Esportes e Atividades de Aventura (MAERRAWI, 2009), sendo

oferecido até o presente momento. Esses exemplos representam algumas dessas iniciativas em nível acadêmico.

De acordo com Teixeira e Marinho (2010), ocorreu também um aumento nos grupos de estudos cadastrados no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, que investigam as atividades de aventura, sendo encontrados 23 grupos brasileiros que efetivamente estudavam esta temática até a data da pesquisa. Embora seja evidenciado este aumento, ainda é um número reduzido, ao se comparar com a quantidade de grupos cadastrados neste Diretório como um todo. Estes autores chamam a atenção para a necessidade de novos estudos que contribuam para a consolidação de reflexões acerca desta temática.

Diante do crescente interesse pelas atividades de aventura e com o intuito de ampliar as reflexões sobre essas vivências nas diversas regiões do país, foi lançado, em 2006, o Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura (CBAA), sendo este um congresso científico e de caráter itinerante. Em 2012, acrescentou-se a este evento o Congresso Internacional de Atividades de Aventura (CIAA), com o objetivo de difundir informações de outros lugares do mundo, relativas ao universo da aventura (UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA, 2012).

Em uma pesquisa acerca deste congresso, Moreno (2011) realizou uma análise quali-quantitativa, com o objetivo de analisar a perspectiva da Educação Ambiental difundida nos estudos divulgados no CBAA, até a edição de 2010. De acordo com os resultados, o autor afirma que os pesquisadores que apresentaram trabalho neste evento preocupam-se mais com os aspectos de preservação ambiental e sensibilização dos praticantes, não abordando diretamente os Princípios de Educação Ambiental, ou abordando apenas alguns deles. Neste aspecto, torna-se importante novos olhares acerca da relação das atividades de aventura com a Educação Ambiental, devendo, estes elementos, estar presentes, tanto no âmbito acadêmico, quanto na formação que ocorre nas empresas, associações, federações, dentre outras.

Ainda no que concerne à formação profissional para atuar com atividades de aventura, Figueiredo, J. P. (2012) apontou que, no âmbito acadêmico, os professores de Educação Física, investigados em seu estudo, relataram que preparam seus alunos para atuar, principalmente, no campo da educação formal,

enquanto que os professores de Turismo priorizam a formação e o planejamento e a gestão de viagens, embora explorem diversos outros conteúdos. Em relação à formação oferecida pelas empresas de atividades de aventura pesquisadas, estas, geralmente, exigem formação específica para cada modalidade e a maioria não aceita a formação oferecida em nível superior como equivalente a um curso de formação para a atuação no mercado de trabalho, necessitando, assim, uma complementação, por meio de conhecimentos práticos e de experiência, os quais, de acordo com as empresas, são adquiridos somente com a atuação.

Sendo assim, ainda de acordo com Figueiredo, J. P. (2012), existe a necessidade de maior estreitamento entre os âmbitos acadêmicos e de mercado de trabalho. Também se torna premente que as empresas valorizem de alguma maneira a formação e os conhecimentos que vêm sendo desenvolvido nas universidades e ampliem as possibilidades de uma atuação qualificada, até mesmo, com vistas a fortalecer e consolidar o segmento da aventura.

Schwartz e Trevisan (2012) reiteram a necessidade da parceria entre as áreas de Educação Física e Turismo, ao envolver as atividades de aventura na natureza, para que, juntas, possam efetivamente colaborar para a sustentabilidade no seu sentido mais amplo, envolvendo tanto os apelos ecológicos, quanto o desenvolvimento econômico e social. Ao contribuir para a formação profissional em conjunto, de maneira responsável, estas áreas também estarão auxiliando no fortalecimento do mercado da aventura.

No que condiz ao aspecto de favorecimento de condutas pró-ambientais por meio das atividades de aventura, alguns estudos já estão sendo divulgados, como o de Figueiredo et al. (2010), em que os autores apontam a inserção destas atividades no meio escolar, evidenciando o sucesso da aplicação dessas atividades na formação de conduta pró-ambiental de crianças. Para Schwartz (2009), as características das atividades de aventura evocam apelos intuitivos, capazes de desencadear mudanças axiológicas, devido ao impacto afetivo-cognitivo que elas podem causar. Este impacto se refere à possível alteração e construção de novos valores ambientais, sendo, portanto, favorável à interferência direta do ambiente natural na perspectiva de alteração de atitudes e condutas pró-ambientais.

Por outro lado, outros estudos não são tão incisivos nessa afirmação sobre a interferência positiva e direta do ambiente natural na mudança de valores conservacionistas. De acordo com Paixão, Costa e Gabriel (2009a), as atividades de aventura podem, inclusive, ocasionar impacto ambiental negativo, dependendo da maneira como elas são configuradas no ambiente natural. No mesmo sentido, Rasteiro (2007) aponta para a presença de diferentes interesses e motivações dos praticantes de atividades de aventura, os quais, não raro, buscam estas vivências sem nenhum interesse em obter crescimento pessoal ou compromisso de conservação, mas sim, utilizam o espaço natural apenas como um cenário de práticas ou contemplação, sem demonstrar qualquer preocupação com as questões de conservação ambiental.

Nesta mesma perspectiva, Figueiredo (2010) chama a atenção para os indivíduos que invadem os locais, sem nenhuma autorização, para a realização das atividades, desrespeitando, inclusive, os moradores do local. Nesse sentido, torna-se importante reforçar a necessidade de uma relação harmônica entre os moradores locais do ambiente utilizado para a prática dessas atividades, procurando entender os interesses desta população, assim como, um zelo pela conservação do ambiente ou do patrimônio a ser utilizado e não apenas fazer a atividade por fazer.

Diante destas considerações, é imprescindível refletir sobre os efeitos que essas atividades podem repercutir nos seres humanos, pois, se esses indivíduos não se preocupam com a parte externa, ou seja, com o ambiente físico, dificilmente estarão preocupados com a possibilidade de internalização de valores e nos aspectos sensitivos que estas vivências podem proporcionar devido o contato direto com a natureza. Neste sentido, torna-se ainda mais necessário que os profissionais responsáveis por estas atividades estejam atentos em desenvolver estas perspectivas de um processo de Educação Ambiental, no sentido de despertar a sensibilização, construindo valores e atitudes.

Entretanto, Neiman (2007) apresenta nos resultados de seu estudo realizado com a modalidade espeleoturismo, no Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira (PETAR), que os profissionais de Educação Ambiental por ele investigados, mesmo sempre presentes na natureza, quando questionados sobre as motivações pessoais de envolvimento com este ambiente, apontaram uma importância relativamente

menor para o contato com o ambiente natural. Sendo assim, é importante salientar que o envolvimento com o ambiente natural durante as atividades de aventura não se processa apenas com a presença de praticantes, mas inclui outros envolvidos, como os profissionais que atuam com essas atividades.

As contradições sobre os assuntos referentes às perspectivas das Atividades de Aventura não se restringem apenas a conceitos, mas, podem também estar presentes nas terminologias utilizadas pelos autores, ao se referirem à melhor forma de designar os profissionais atuantes neste campo. Alguns termos são encontrados com grande frequência, quais sejam: guia, instrutor, monitor ou condutor. Em sua pesquisa sobre escalada, Costa (2004) apresenta que o termo guia refere-se àquele profissional que acompanha o praticante, enquanto que o termo instrutor destina-se àquele que ensina. Esta mesma autora apresenta que, em alguns países, os guias têm um *status* acima dos instrutores, pelo fato de possuírem maior domínio das técnicas, além de acompanharem e divulgarem conhecimentos ao praticante. No entanto, de acordo com Costa, no Brasil, normalmente, os guias são também instrutores, o que levou a mesma a adotar os dois termos para se referenciar a um mesmo sujeito.

Autores como Dias (2006) e também Marinho e Inácio (2007) fazem uso do termo monitor, porém não justificam o uso do mesmo. Em um estudo mais recente elaborado por Paixão, Costa e Gabriel (2009b), embora no título os autores utilizem a terminologia instrutor para se referenciar ao profissional que atua com as atividades de aventura, no decorrer do artigo há um predomínio pelo uso do termo condutor, não havendo uma justificativa pela adoção do mesmo.

A ABETA, associação formada com o intuito de garantir qualidade, segurança e sustentabilidade ao mercado da aventura, adota o termo condutor, tendo criado, inclusive, em parceria com o Ministério do Turismo e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), um curso denominado Competências Mínimas do Condutor (ABETA, 2005a). Nesta premissa, adotou-se, neste presente estudo, o termo condutor, por acreditar ser este o mais adequado atualmente, diante de todas as possibilidades que cercam a atuação deste profissional.

Sendo assim, os condutores de atividades de aventura e do turismo de aventura são profissionais que atuam neste segmento, realizando a operação, o

acompanhamento de atividades e, concomitantemente, a orientação aos praticantes sobre todo o processo envolvendo estas vivências, podendo incluir, também, o processo educativo e o gerenciamento de suas próprias sensações e emoções, bem como, a de seus clientes. No entanto, independentemente da terminologia adotada, o mais importante nesta área da aventura é a qualificação e a boa atuação destes profissionais.

Para Kunreuther (2011), a boa atuação dos profissionais envolvidos em atividades experienciais na natureza pode estar diretamente relacionada ao sucesso da construção de valores, da moral e da consciência crítica, as quais poderão refletir em ações concretas em benefício do meio ambiente por parte dos praticantes, ao retornarem para suas atividades cotidianas. Sendo assim, o condutor dessas atividades apresenta um papel decisivo na qualidade da experiência vivenciada, uma vez que sua intervenção pode, inclusive, buscar a valorização de ações voltadas aos aspectos relacionados com as questões ambientais.

Ao se retratar ao sujeito ecológico, Carvalho (2001), aponta que este se apresenta à sociedade como um modelo ético para estar presente no mundo, imbuído de diversos atributos e valores, como o heroísmo, sendo visto também como o “alternativo, integral, equilibrado, harmônico, planetário, holista”. (CARVALHO, 2001, p. 188). Nesta perspectiva, os profissionais que se envolvem com vivências em meio à natureza e que efetivamente assumem o papel educativo, se expressam como sujeitos ecológicos, compartilhando suas próprias identidades, assim como suas experiências.

De acordo com Karp (1996), fatores extrínsecos merecem atenção no que concerne à formação de valores, uma vez que, associados aos valores intrínsecos, podem contribuir para a construção de novas crenças. Dessa maneira, os condutores podem representar uma influência positiva aos praticantes, no que tange à disseminação de valores ambientais. Em função da presença de características emocionais envolvidas nas atividades, muitas vezes, o condutor representa um modelo a ser seguido, o que pode gerar estratégias de persuasão e motivação fortemente aceitas na disseminação de atitudes e condutas pró-ambientais, dependendo de sua própria sensibilização e responsabilidade a esse respeito.

Ao envolver a construção de atitudes, valores e condutas pró-ambientais, concomitantemente, estão inseridos os processos educativos. Sendo assim, torna-se importante discutir algumas facetas que permeiam o universo da Educação Ambiental.

4.3 Fundamentos e princípios da Educação Ambiental

Na contemporaneidade, a busca pela natureza para a realização das atividades de aventura vem aumentando abruptamente. Entretanto, não raro, esta visita ao meio ambiente para realização destas atividades ocorre sem o envolvimento de uma reflexão e de uma atenção com este espaço. De acordo com este aspecto, torna-se importante reforçar a necessidade de um compromisso conjunto dos praticantes e dos profissionais envolvidos, bem como, da associação destas práticas com o processo de Educação Ambiental, disseminando vivências sustentáveis, pautadas na conservação do meio ambiente utilizado.

A fim de adentrar nos meandros da Educação Ambiental, a seguir é apresentada uma contextualização histórica sobre esta temática no âmbito mundial, pautada em Oliveira (2000) e Reigota (2009). De acordo com estes autores, o grande marco para a repercussão internacional da Educação Ambiental teve início em 1972, quando ocorreu, em Estocolmo, na Suécia, a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente. Durante este encontro, 23 princípios levaram a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e o Programa das Nações Unidas Para o Meio Ambiente (PNUMA) a criarem, no ano de 1975, o Programa Internacional de Educação Ambiental (PIEA), formulando os seguintes princípios da Educação Ambiental: conhecimento, habilidade, participação, conscientização e atitude.

Nesta perspectiva, ao se levar em conta as atividades de aventura, torna-se importante que os condutores estejam atentos a estes princípios da Educação Ambiental, por meio da disseminação dos conhecimentos aos praticantes. Isto pode levá-los a adquirir habilidades para a solução dos problemas que encontram ao seu alcance, incentivando a participação em ações que sejam de sua responsabilidade,

contribuindo para a conscientização e sensibilização ambiental dos praticantes, bem como, levando os indivíduos a construírem novos valores e atitudes em relação ao meio ambiente, para que estes sejam internalizados e possam se refletir em novas condutas pró-ambientais.

Retornando aos aspectos históricos, ainda no ano de 1975, foi realizado na ex-Iugoslávia, a partir da recomendação 96 da Conferência de Estocolmo, o Encontro de Belgrado, no qual foi elaborada a Carta de Belgrado. No ano de 1977, a Organização das Nações Unidas (ONU), por intermédio da UNESCO, organizou a I Conferência Intergovernamental sobre Educação para o Ambiente em Tbilisi, na Geórgia. Com isso, intensificaram-se os esforços para o desenvolvimento da Educação Ambiental em nível mundial, sendo traçadas diretrizes, conceituações e procedimentos recomendados.

Dez anos mais tarde, em 1987, a UNESCO e a PNUMA realizaram, em Moscou, a II Conferência Mundial para discutir sobre a Educação Ambiental. Nesse encontro, firmou-se a necessidade de considerar o entendimento intergovernamental sobre os problemas ambientais, de forma a proporcionar melhor qualidade de vida, por meio da conservação do meio ambiente. Além disso, foram traçados planos de ação para a década de 1990 e feita uma avaliação da década de 1977 a 1987. Em 1990, a UNESCO propôs uma estratégia internacional de Educação Ambiental, com o objetivo de minimizar os problemas de deterioração do meio ambiente e tendo como meta prioritária o fortalecimento de diretrizes formuladas durante a Conferência de Tbilisi.

Em 2000, foi realizado o lançamento público oficial da Carta da Terra, a qual teve a iniciativa das Nações Unidas, mas foi desenvolvida por uma ação global da sociedade civil, durando uma década para ser finalizada. Esta carta se refere a uma declaração de princípios éticos fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa, sustentável e pacífica, durante o século 21. Tem, ainda, como objetivo inspirar toda a população a se relacionar de maneira interdependente, buscando compartilhar a responsabilidade de modo a garantir o bem-estar de todos, assim como, das futuras gerações. Possui, assim, uma perspectiva de esperança e um convite à ação global (CARTA DA TERRA BRASIL, [20--]a).

Esta carta possui 16 princípios (CARTA DA TERRA BRASIL, [20--]b), dos quais serão destacados aqueles que fazem maior relação com a proposta das atividades de aventura, como uma estratégia para trabalhar o processo de Educação Ambiental:

- ✓ Respeitar a Terra e a vida em toda sua diversidade.
- ✓ Cuidar da comunidade da vida com compreensão, compaixão e amor.
- ✓ Construir sociedades democráticas que sejam justas, participativas, sustentáveis e pacíficas.
- ✓ Assegurar a generosidade e a beleza da Terra para as atuais e às futuras gerações.
- ✓ Prevenir o dano ao ambiente como o melhor método de proteção ambiental e, quando o conhecimento for limitado, assumir uma postura de precaução.
- ✓ Avançar o estudo da sustentabilidade ecológica e promover o intercâmbio aberto e aplicação ampla do conhecimento adquirido.
- ✓ Integrar, na educação formal e na aprendizagem ao longo da vida, os conhecimentos, valores e habilidades necessárias para um modo de vida sustentável.
- ✓ Tratar todos os seres vivos com respeito e consideração.

Pode-se observar que esses princípios podem ser efetivamente trabalhados durante a realização das atividades de aventura, como respeitar a comunidade existente no local da realização destas vivências; promover a sustentabilidade, adotando medidas que contribuam para a conservação do espaço utilizado, assim como garantir que as futuras gerações poderão se beneficiar destes mesmos ambientes; incentivar os praticantes a não retirarem elementos da natureza durante a prática das atividades de aventura, como pedras, flores, entre outros; utilizar os conhecimentos adquiridos, sejam eles na escola, na faculdade, na formação para atuação com as atividades de aventura ou na própria experiência de vida, para adotar medidas corretas ao se relacionar com a natureza, assim como difundir estes conhecimentos; reconhecer-se como parte do meio ambiente e respeitar as outras espécies, buscando compreender a importância que cada um tem no habitat natural

e compartilhar esta perspectiva com os clientes. Estas são medidas simples, bastando apenas o interesse e comprometimento dos profissionais e praticantes que se envolvem com estas atividades em meio à natureza.

Dando continuidade à história da Educação Ambiental, Reigota (2009) expõe que, em 2002, ocorreu a Conferência das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável, em Johannesburgo, África do Sul. Esta conferência, também conhecida como Rio+10, teve como objetivo avaliar as aplicações e progressos das diretrizes discutidas em 1992 no Rio de Janeiro.

No Brasil, os movimentos de Educação Ambiental tiveram início na década de 1970, mas foi na década de 1980 que se intensificaram, com o maior envolvimento da população e o aumento de produção de trabalhos acadêmicos. Além disso, a política tornou-se mais democrática, contribuindo para a ampliação deste tema. Em 1984, realizou-se o Primeiro Encontro Paulista de Educação Ambiental, em Sorocaba/SP, reunindo pela primeira vez no Brasil os poucos pesquisadores e praticantes da Educação Ambiental até o momento.

Em 1992 ocorreu, no Rio de Janeiro, a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD), mais conhecida como ECO 92, ou, ainda, Rio 92, fazendo com que a Educação Ambiental efetivamente se difundisse na sociedade brasileira e sendo a primeira conferência das Nações Unidas na qual a sociedade civil pode participar. Ocorreu, durante esta Conferência, o Fórum Global, sendo este um evento paralelo, no qual reuniu Organizações Não Governamentais (ONG) de todo o mundo.

Aconteceu, também, durante a Rio 92, a Jornada Internacional de Educação Ambiental, produzindo-se, ao final, o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global. Neste documento, firmou-se o reconhecimento da educação como de suma importância na formação de valores e na ação social, além de se comprometer com o processo educativo transformador em todas as instâncias, a fim de contribuir com a construção de sociedades sustentáveis e mais justas.

Entre os princípios que norteiam este documento, a seguir foram selecionados aqueles que possuem maior afinidade com a temática do estudo, no sentido de se evidenciar algumas das possibilidades de apropriação desses

princípios durante a atuação dos condutores de atividades de aventura (TRATADO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA SOCIEDADES SUSTENTÁVEIS E RESPONSABILIDADE GLOBAL [20--]):

- ✓ A educação é um direito de todos; somos todos aprendizes e educadores.
- ✓ A educação ambiental deve ter como base o pensamento crítico e inovador, em qualquer tempo ou lugar, em seus modos formal, não formal e informal, promovendo a transformação e a construção da sociedade.
- ✓ A educação ambiental é individual e coletiva. Tem o propósito de formar cidadãos com consciência local e planetária, que respeitem a autodeterminação dos povos e a soberania das nações.
- ✓ A educação ambiental não é neutra, mas ideológica. É um ato político.
- ✓ A educação ambiental deve envolver uma perspectiva holística, enfocando a relação entre o ser humano, a natureza e o universo de forma interdisciplinar.
- ✓ A educação ambiental deve estimular a solidariedade, a igualdade e o respeito aos direitos humanos, valendo-se de estratégias democráticas e da interação entre as culturas.
- ✓ A educação ambiental deve tratar as questões globais críticas, suas causas e inter-relações em uma perspectiva sistêmica, em seu contexto social e histórico. Aspectos primordiais relacionados ao desenvolvimento e ao meio ambiente, tais como população, saúde, paz, direitos humanos, democracia, fome, degradação da flora e fauna, devem se abordados dessa maneira.
- ✓ A educação ambiental valoriza as diferentes formas de conhecimento. Este é diversificado, acumulado e produzido socialmente, não devendo ser patenteado ou monopolizado.
- ✓ A educação ambiental deve ser planejada para capacitar as pessoas a trabalharem conflitos de maneira justa e humana.
- ✓ A educação ambiental deve integrar conhecimentos, aptidões, valores, atitudes e ações. Deve converter cada oportunidade em experiências educativas de sociedades sustentáveis.
- ✓ A educação ambiental deve ajudar a desenvolver uma consciência ética sobre todas as formas de vida com as quais compartilhamos este planeta, respeitar

seus ciclos vitais e impor limites à exploração dessas formas de vida pelos seres humanos.

Sendo assim, cabe ressaltar o comprometimento pessoal que os profissionais que atuam com as atividades de aventura devem adotar, no propósito de buscar sociedades sustentáveis, por meio do processo de Educação Ambiental, o qual necessita ser trabalhado durante as vivências, colaborando, portanto, para a efetiva aplicação dos princípios descritos neste documento e para a construção de valores, sejam eles no campo formal ou não formal da educação, tanto nas escolas, quanto nos momentos destinados ao lazer. Além disso, torna-se importante enfatizar que os condutores de atividades de aventura, assim como outros profissionais, também são responsáveis pela difusão e construção destes conhecimentos, não devendo ficar restrito apenas a professores.

Ainda no ano de 1992, no Rio de Janeiro, foi formulada a Agenda 21, sendo este um importante Plano de Ação para o século XXI, o qual teve por objetivo promover o desenvolvimento sustentável, reconhecendo que o desafio fundamental para a construção de uma sociedade sustentável é a Educação. Sendo assim, a Educação Ambiental foi identificada como o elemento crítico para a promoção desse novo modelo de desenvolvimento, podendo representar um forte instrumento capaz de transformar as interações ser humano-meio ambiente, envolvendo as questões ambientais e de desenvolvimento socioeconômico.

Conforme Sato e Santos (1997), o termo educação foi a quinta palavra mais citada em todo o documento referente à Agenda 21. Isto reitera a importância que foi atribuída a este tema no tocante aos compromissos salientados nesse documento.

Outro marco importante para a Educação Ambiental no Brasil foi no ano de 1999, com a implementação da Lei nº 9.795/99, a qual instituiu a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA). De acordo com o Art. 1º, a Educação Ambiental representa:

[...] os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade. (BRASIL, 1999, não paginado).

Na Constituição da República Federativa do Brasil, no ano de 1988, por meio do Capítulo VI, intitulado DO MEIO AMBIENTE, foi apresentado o Art. 225, o qual já indicava o caminho para a Educação Ambiental no Brasil (BRASIL, 1988). Entretanto, foi com a Lei nº 9.795/99 que as discussões acerca da Educação Ambiental se solidificaram no país, no âmbito político.

Em 2004, também foi criado no Brasil o documento do Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA), o qual estabelece relação com o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global. Este documento apresenta diretrizes, princípios e a missão para orientar este programa, bem como, os objetivos, linhas de ação e a estrutura organizacional. Em relação aos princípios do ProNEA (BRASIL, 2005), alguns podem ser traçados com o intuito de subsidiar o processo de Educação Ambiental que pode estar vinculado à realização das atividades de aventura:

- ✓ Concepção de ambiente em sua totalidade, considerando a interdependência sistêmica entre o meio natural e o construído, o socioeconômico e o cultural, o físico e o espiritual, sob o enfoque da sustentabilidade.
- ✓ Abordagem articulada das questões ambientais locais, regionais, nacionais, transfronteiriças e globais.
- ✓ Respeito à liberdade e à equidade de gênero.
- ✓ Reconhecimento da diversidade cultural, étnica, racial, genética, de espécies e de ecossistemas.
- ✓ Enfoque humanista, histórico, crítico, político, democrático, participativo, inclusivo, dialógico, cooperativo e emancipatório.
- ✓ Compromisso com a cidadania ambiental.
- ✓ Vinculação entre as diferentes dimensões do conhecimento; entre os valores éticos e estéticos; entre a educação, o trabalho, a cultura e as práticas sociais.
- ✓ Democratização na produção e divulgação do conhecimento e fomento à interatividade na informação.
- ✓ Coerência entre o pensar, o falar, o sentir e o fazer.

Nesta perspectiva, seguindo estes princípios, durante as vivências das atividades de aventura na natureza, alguns aspectos podem ser discutidos e vivenciados. Entre eles podem ser citados como exemplos: apresentar a alteração (ou não) do ambiente, para permitir a estruturação das atividades de aventura; apresentar questões históricas e geográficas sobre o local utilizado, bem como da região; discutir a presença e igualdade dos gêneros, tanto no que se refere aos praticantes, quanto aos guias; incentivar a vivência dos aspectos culturais do local e/ou região; explorar a diversidade de espécies da fauna e da flora no local e/ou região; explorar o trabalho em equipe para resolução de problemas ambientais, assim como, incentivar cada um a fazer sua parte; mostrar a importância desse aspecto educacional estar presente também durante os momentos destinados ao lazer; permitir a interação e colaboração dos clientes e de outros profissionais durante o processo educativo, por meio de seus conhecimentos e experiências; dar bons exemplos, por meio da realização daquilo que se espera que o cliente faça.

Recentemente no país, dando continuidade à Rio 92, ocorreu a Rio+20, realizada de 13 a 22 de junho de 2012, no Rio de Janeiro. A Conferência teve por objetivo renovar o compromisso político estabelecido com o desenvolvimento sustentável, realizando uma avaliação do progresso e das lacunas na implementação das decisões adotadas anteriormente, pelas principais cúpulas, sobre o assunto e do tratamento de temas novos e emergentes. Os dois principais temas discutidos foram a economia verde no âmbito da sustentabilidade e da erradicação da pobreza e o outro tema foi a estrutura institucional para um desenvolvimento sustentável (RIO+20, [2012]).

As discussões dos países participantes da Rio + 20, acerca da economia verde, apresentaram oportunidades de complementar outros esforços já realizados internacionalmente, no que se refere aos programas e atividades para atender às diferentes realidades, tanto por países desenvolvidos, quanto por aqueles em desenvolvimento, reconhecendo que se torna essencial a redução das desigualdades para que haja o desenvolvimento sustentável em nível global. No que se refere às discussões sobre a estrutura institucional, os debates focalizaram novas formas para melhorar a coordenação e o desenvolvimento de atividades realizadas

por instituições da ONU, considerando os três pilares do desenvolvimento sustentável: econômico, social e ambiental (RIO+20, [2012]).

De acordo com Schmidt et al. (2012), a Rio + 20 resultou em uma declaração de 49 páginas, a qual foi assinada pelos 193 países participantes, sendo intitulada “O futuro que queremos”. Durante o evento, ocorreram diversas atividades paralelas, dentre elas a II Jornada Internacional de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis com Responsabilidade Global 2008-2012, na qual se propôs a formação de uma Rede Planetária de Educação Ambiental, orientada pelos princípios e valores apresentados em documentos tais como o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global e a Carta Aberta de Educadores por um Mundo mais Justo e Feliz.

Outro marco importante durante a Rio + 20 foi o lançamento das Diretrizes Curriculares para a Educação Ambiental, as quais deverão nortear todos os níveis educacionais. Também ocorreram durante a Rio + 20, em diferentes locais da cidade, inúmeras atividades, as quais atraíram um grande número de pessoas interessadas em discutir e aprofundar reflexões referentes às questões ambientais (SCHMIDT et al., 2012).

Diante de todos estes aspectos históricos, seja em nível mundial ou nacional, observa-se uma grande preocupação dos países em discutir os problemas do momento e estabelecer metas. Entretanto, para que essas metas sejam concretizadas, existe a necessidade de um trabalho coletivo e comprometido, com vistas a alcançar efetivamente a Educação Ambiental.

Ao abordar sobre a Educação Ambiental, Ab’Saber (1996) a descreve como um processo que compreende um grande esforço para a recuperação de realidades, com vistas a garantir um compromisso com o futuro e com o intuito de reformular comportamentos humanos e recriar valores perdidos ou nunca alcançados. Nesse sentido, observa-se a ênfase para a mudança de comportamentos e valores, seja despertando iniciativas individuais ou trabalhando conjuntamente em rede.

Reigota (1995) salienta, ainda, que o processo de Educação Ambiental depende da concepção de meio ambiente que o sujeito tem, assim como, do conhecimento das representações de meio ambiente das pessoas envolvidas nesse processo educativo. Portanto, torna-se fundamental despertar a consciência da

integração do ser humano com o meio ambiente e haver um bom embasamento dos profissionais envolvidos. Nesta perspectiva, Figueiredo (2010) aponta que a Educação Ambiental deve ser desenvolvida como um ato político, de modo a trabalhar as consciências local e planetária, prezar pelos direitos humanos, envolver os aspectos interdisciplinares, cooperativos, educativo-emancipatório e pensar de uma maneira holística.

De acordo com Alves et al. (2010), a Educação Ambiental deve estar aberta ao diálogo entre a teoria e a prática, a comunicação e a educação, ao pensamento, planejamento, informação, ação, avaliação e estudo. De acordo com estes autores, ela não deve ficar restrita apenas ao âmbito científico, mas deve estar ao alcance de todos, a fim de melhorar as relações entre as pessoas e o meio à sua volta. Deve-se aproveitar os momentos em que os indivíduos estão abertos ao diálogo mais profundo, para que estes reavaliem seu papel na sociedade, dentro dessa imensa diversidade em que se encontram inseridos e relacionando-se mutuamente.

Neiman (2012) salienta que educar representa um processo de transformação e não somente de transmissão de conceitos ou promoção da aquisição de valores e atitudes. Mais do que isso, de acordo com este autor, se após um indivíduo realizar uma atividade no meio natural e continuar da mesma maneira que era antes de realizá-la, não ocorreu o processo educativo. Sendo assim, a Educação Ambiental deve promover a compreensão da relação que os seres humanos têm com os meios social e natural que os cercam.

Portanto, pautando-se nestes autores, é reiterada a importância em se buscar uma Educação Ambiental que promova a qualidade da integração ser humano-meio ambiente. É neste momento que os indivíduos devem ser levados à reflexão e sensibilizados, para que entendam sua presença neste meio ambiente como parte dele e não alheio a ele, como ocorre muitas vezes.

Ao realizar uma pesquisa na área da Motricidade Humana, Ribeiro (1998) desenvolveu a proposta metodológica denominada Educação Ambiental de Corpo&Alma, resultado de uma observação do comportamento dos seres humanos em relação ao mundo contemporâneo, em que a autora busca estratégias para superar as dicotomias corpo e mente e corpo e natureza. De acordo com esta

autora, estas alterações, além de afetarem o meio ambiente, afetam o próprio ser humano, seu corpo e a sua alma (ser humano = corpo+alma).

Ainda conforme Ribeiro (1998), é necessário reconhecer que os seres humanos fazem parte de um grande sistema, de um ecossistema e de um bioma. Assim como é fundamental (re)aprender que o corpo também sofre com os descuidos a que o submetemos, assim como os ambientes em que se vive. Nesse sentido, esta proposta metodológica propõe uma gama de atividades lúdicas e artísticas, com o intuito de gerar, dentre diversos outros benefícios, harmonia e tranquilidade, podendo colaborar, inclusive, para a construção de valores e atitudes, produzindo, assim, mudanças em seu corpo&alma.

Ribeiro (2011, p. 57) acrescenta que o “[...] conhecimento de corpo&alma (razão e coração), gera amor, amor gera respeito e respeito gera conservação.”. Neste sentido, esta autora enfatiza que os valores positivos são extraídos do coração, daí a importância de educar de coração para coração, pois os valores humanos encontram-se adormecidos, mas quando despertados, ou seja, quando se toma o contato, pode-se gerar a admiração, que, por sua vez, gera o amor, que promove o respeito e, conseqüentemente, a conservação, sendo esta a proposta das 5 fases elaborada por esta autora.

No que se refere à sensibilização como componente indispensável à Educação Ambiental, Ribeiro (2011) aponta que este processo ocorre quando os componentes biopsicosocioambientais são associados às sensações presentes no meio ambiente e, a partir daí, poderão alterar comportamentos (condutas), tanto em nível individual, quanto coletivo, ou ainda, do ser humano em relação à natureza, com o propósito de construir novas percepções e ações pautadas em valores ambientais positivos. Ainda segundo esta autora, são as mudanças internas que garantem novas condutas, justificando, assim, a importância de se privilegiar a sensibilização. Para tanto, durante o processo de Educação Ambiental, deve-se pautar, não somente nos aspectos racionais e conceituais, mas também, nos subjetivos, emocionais e sensitivos.

Ao descrever sobre a busca da felicidade, Csikszentmihalyi (1992, p. 73) enfatiza que “[...] o essencial é como nos sentimos a respeito de nós mesmos e do que nos acontece. Para que a vida seja melhor, precisamos aprimorar a qualidade

da vivência”, apontando, ainda, a possibilidade de uma relação harmônica que se pode estabelecer com o mundo a partir dos sentidos. Com esse propósito, o despertar dos sentimentos se torna de extrema importância durante a atuação com Educação Ambiental, pois a sensibilização pode transcender diversas emoções e sensações nos participantes, possibilitando melhor aproveitamento da vivência, colaborando para a construção de valores e atitudes, os quais, quando internalizados, poderão refletir em condutas em prol do meio ambiente.

De acordo com a ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO) ([2012]),

A educação não é um fim em si mesma, é um direito fundamental e um instrumento-chave para mudar valores, comportamentos e estilos de vida: para alcançar um futuro sustentável é necessário fomentar, entre a população, a consciência da importância do meio ambiente. Uma das formas de as pessoas adquirirem esta consciência, os conhecimentos e habilidades necessárias à melhoria de sua qualidade de vida se dá por meio da Educação Ambiental (EA). (UNESCO, [2012], não paginado).

A UNESCO ([2012]) complementa, afirmando que, durante as Conferências Internacionais sobre Educação Ambiental, nas quais ela teve participação, foi reiterada a importância da Educação Ambiental não ser desenvolvida apenas nas escolas, mas devendo atingir tanto os âmbitos formais, quanto informais e também ser divulgada nos meios de comunicação de massa. No âmbito formal, os Parâmetros Curriculares Nacionais, ao estabelecerem o tema transversal Meio Ambiente, oferece diretrizes para o desenvolvimento deste tema nas diversas disciplinas (BRASIL, 1998).

Concomitantemente a esta perspectiva, oferece oportunidades para que o desenvolvimento desta temática envolva as atividades de aventura, nas quais o contato com a natureza poderá beneficiar a exploração dos sentidos e a integridade do ser humano, como sugere este documento da Secretaria de Educação. Deste modo, também serão contempladas a educação nos âmbitos informal e não formal. A educação informal ocorre, conforme Libâneo (2005), durante o processo educativo não vinculado especificamente a uma instituição. Gohn (2005), assim como

Campagna (2009), evidenciam que a educação informal perpassa todo o processo de socialização, possuindo atributos ligados à espontaneidade e à sistematização.

Em relação ao âmbito não formal da educação, Libâneo (2005) expõe que, mesmo quando vinculado a uma instituição educativa, ocorre fora dos ambientes institucionais. Complementando, Gohn (2005) e Campagna (2009) salientam que este é um processo interativo das relações humanas, permitindo aquisição de conhecimentos sobre tudo que cerca o indivíduo em seu processo relacional. Extrapolando o âmbito formal, a educação no âmbito não formal independe de organização comumente vinculada à divisão por faixas etárias, por sexo ou por conteúdo, sendo consolidada na própria cultura e apresentando uma característica de espontaneidade no processo educativo.

Ainda no âmbito informal ou não formal da educação, outras diversas estratégias podem ser utilizadas. Alguns exemplos são as atividades anímicas, propostas por Ribeiro (2004, 2005), as quais fazem parte do programa de atividades que compõem o método denominado de Educação Ambiental de Corpo&Alma, proposto por esta mesma autora, o qual sugere o desenvolvimento de atividades como a arte-educação, atividades lúdicas, exercícios de exploração dos sentidos, massagens, jogos cooperativos, abraço-terapia, dinâmicas de grupo, danças grupais, jardinagem, educação alimentar, *role playing games*, entre outros recursos.

Outra estratégia se refere ao estudo do meio, realizado de maneira extraclasse (LESTINGE; SORRENTINO, 2008; ANDRADE; MARCELLINO, 2011), no qual são contextualizados e vivenciados, de maneira prática, os conteúdos abordados na escola. Há também o turismo rural pedagógico (KLEIN; TROIAN; SOUZA, 2011), oportunizando o contato com a agropecuária, recursos naturais e os aspectos culturais do local.

Bemfica (2011) propõe a utilização da arte literária, com o objetivo de despertar a sensibilização ambiental por meio da leitura de poesias. Há também a proposta dos jogos e brincadeiras de Educação Ambiental (CORNELL, 1997; MENDONÇA, 2000; FIGUEIREDO et al., 2012), com vistas a despertar a sensibilização e a afetividade, a complementar os conteúdos teóricos e facilitar a assimilação dos mesmos.

Com base nestes exemplos de métodos e estratégias anteriormente citados, dentre outros que podem vir a colaborar, observa-se a possibilidade do envolvimento de diversas disciplinas no processo de Educação Ambiental. No que concerne à transdisciplinaridade, envolvida na perspectiva de se trabalhar a sustentabilidade, D'Ambrósio (1997) afirma que sua essência está no fato de que não há espaço e nem tempos culturais que sejam considerados os mais adequados para sua construção e para permitir o encontro com a realidade.

Por meio do pensamento complexo, Morin (2007) enfatiza a necessidade de reagrupar unidade e diversidade, devendo, assim, trabalhar em conjunto. Nicolescu (2001) aponta, também, que esta complexidade pode ser sustentada por meio da pesquisa disciplinar, acelerando, dessa maneira, a multiplicação das disciplinas. Nesse sentido, é ratificada a importância de que as várias áreas de conhecimento abordem a Educação Ambiental, assim como a sustentabilidade, e que elas sejam desenvolvidas nos mais diversos âmbitos.

Diante dessa perspectiva do compromisso com a Educação Ambiental, um novo paradigma ganha evidência na sociedade - a sustentabilidade. De acordo com Montibeller Junior (2007), este paradigma representa atualmente o desejo de quase todas as sociedades em conseguir um equilíbrio entre os âmbitos econômico, social e ambiental. Torna-se necessário, para tanto, inclusive, se apropriar do avanço tecnológico e das estruturas institucionais, no sentido de se garantir o bem-estar pleno para a sociedade. Segundo Sachs (2008), são 8 as dimensões da sustentabilidade, devendo, estas, ser consideradas simultaneamente. São elas: sustentabilidade social, cultural, ecológica, ambiental, espacial, territorial, econômica e política (nacional e internacional).

Montibeller Junior (2004) apregoa que o ecodesenvolvimento - termo firmado por Sachs para se retratar à sustentabilidade - pretenderia responder à problemática da harmonização dos objetivos sociais e econômicos do desenvolvimento com uma gestão ecologicamente correta dos recursos e do meio, garantindo qualidade de vida às próximas gerações. Nesse sentido, diversas estratégias devem ser adotadas para alcançar este objetivo.

No âmbito das instituições, importantes iniciativas, como o programa Pega Level!, têm sido disseminadas. Este programa foi desenvolvido pelo Centro

Excursionista Universitário (CEU), da Universidade de São Paulo (USP), contando com o patrocínio da empresa CURTLO, tendo como propósito difundir um conjunto de princípios e práticas relacionados ao mínimo impacto, os quais devem ser adotados durante a realização de atividades no ambiente natural, com o intuito de buscar atitudes positivas e o respeito com o meio ambiente, sendo adequadas à realidade brasileira (PEGA LEVE, [20--?]a).

São oito os princípios (PEGA LEVE, [20--?]b):

- ✓ Planejamento é fundamental.
- ✓ Você é responsável pela sua segurança.
- ✓ Cuide dos locais de sua aventura.
- ✓ Traga seu lixo de volta.
- ✓ Deixe cada coisa em seu lugar.
- ✓ Evite fazer fogueiras.
- ✓ Respeite os animais e as plantas.
- ✓ Seja cortês com os outros visitantes e com a população local.

Cada um desses princípios anteriormente descritos possui itens para melhor esclarecimento de como se proceder para atingir a proposta, seja durante a realização de uma atividade mais simples, como um passeio realizado em um pacote ecoturístico, ou outras mais complexas, como a escalada ou o espeleoturismo. Torna-se importante a utilização deste programa, tanto pelos praticantes destas atividades, quanto pelos profissionais atuantes com atividades realizadas em ambiente natural, a fim de disseminar estes conhecimentos e auxiliar na realização de atividades, causando baixo impacto na natureza.

As Organizações Não Governamentais (ONG) também representam importantes espaços que se encarregam de trabalhar com a conservação do meio ambiente e com os processos de Educação Ambiental. Uma das maiores organizações de conservação da natureza é o World Wide Fund For Nature (WWF), sendo traduzido para o português como Fundo Mundial para a Natureza, embora esta organização prefira que seja utilizada apenas a sigla, não fazendo traduções da mesma (WWF-BRASIL, [20--?]a). O WWF-Brasil é, portanto, uma ONG brasileira

relacionada à rede internacional WWF e envolvida com a conservação da natureza nos contextos social e econômico brasileiro. Embasada em conhecimentos técnicos e científicos, esta ONG geralmente estabelece parcerias para o desenvolvimento de projetos, associando, por vezes, ações de políticas públicas, além de auxiliar no fortalecimento do movimento ambientalista brasileiro, assim como, no envolvimento efetivo da sociedade brasileira com a conservação da natureza (WWF-BRASIL, [20--?]b).

Observa-se, assim, nos mais diferentes ambientes, uma gama de iniciativas para se desenvolver e complementar o processo de Educação Ambiental, bem como, diferentes estratégias, como anteriormente elencadas. Ao se retratar especificamente às vivências na natureza, Mendonça e Neiman (2003) apontam que estas vivências devem estar atreladas às novas formas de conviver, de se relacionar, devendo, ainda, construir e reconstruir outras compreensões, produzir e distribuir sensações, informações e conhecimentos.

O fato de estar em um ambiente natural, realizando uma atividade por livre vontade, durante um momento destinado ao lazer, está permeada pelo prazer e, de acordo com Neiman (2012, p. 16), “[...] é com prazer que mais se aprende, pois as emoções nos ensinam muito mais do que a mera abordagem racional. Se a emoção for prazerosa, a aprendizagem será maior.”. É neste sentido que as atividades de aventura abrem oportunidades para a exploração de diversos estados emocionais, os quais, sendo bem conduzidos pelos profissionais, podem despertar a sensibilização e a internalização de valores e aprendizagens ambientais.

Com base nessas premissas anteriormente elencadas, torna-se importante investigar até que ponto os condutores são conscientes a respeito do compromisso ambiental, de sua interveniência e da possibilidade de agregar valores, aos seus clientes, que atendam ao apelo pró-ambiental. Além disso, poucas pesquisas foram dedicadas a explorar o comportamento ambiental dos condutores de atividades de aventura, aspecto que merece a atenção neste estudo.

5 MÉTODO

5.1 Natureza do estudo

Esta pesquisa apresenta uma natureza qualitativa, a qual é apontada por Richardson (1999) como a mais adequada para descrever a complexidade de um problema, pelo fato de poder analisar a interação de certas variáveis, que, neste caso, serão as atividades de aventura, as atitudes e condutas pró-ambientais dos profissionais envolvidos com as atividades de aventura e a disseminação de atitudes pró-ambientais. A pesquisa qualitativa, como evidenciam Thomas, Nelson e Silverman (2007), busca compreender o significado de uma experiência dos sujeitos, em um ambiente específico e o modo como os componentes se mesclam para formar o todo, evidenciando, assim, que este tipo de pesquisa se mostra adequada aos objetivos desse estudo.

O estudo foi desenvolvido em duas etapas. A primeira etapa é relativa à pesquisa bibliográfica, a qual foi realizada em livros específicos sobre os temas em questão; resumos de anais de congressos; artigos de periódicos científicos de diversas bases, como Periódicos CAPES, vinculado à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, base SciELO, representando o Scientific Electronic Library Online, a base LILACS, representando a Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde, entre outros; consultas a bases de dados *online*, como as Bibliotecas digitais de Teses e Dissertações da Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual Paulista (UNESP) e Universidade Federal de São Carlos (UFSCar); e *sites* institucionais, como a ABETA e o Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÊ), com a finalidade de aprofundar nos meandros das temáticas do estudo, além de investigar a produção científica existente, relacionando as atividades de aventura à Educação Ambiental.

A segunda etapa do estudo é referente a uma pesquisa exploratória, a qual é apontada por Mattos, Rosseto Júnior e Blecher (2004), como de fundamental importância para se adentrar no fenômeno estudado e se conhecer melhor o objeto de estudo. Sua vantagem também está presente na possibilidade de ampliar as considerações relativas ao fato estudado, com a compreensão, inclusive, das visões

dos sujeitos participantes da pesquisa (RICHARDSON, 1999). Para o desenvolvimento desta etapa foram utilizados três instrumentos, aplicados à população alvo do estudo.

5.2 Sujeitos

A amostra intencional participante do estudo foi composta por 24 condutores de atividades de aventura de vivências em água, terra, gelo, neve e ar, sendo eles: 10 condutores de *rafting* da cidade de Brotas/SP, justificada por ser um pólo internacional do turismo de aventura e por seu destaque em atividades de aventura no meio aquático; 7 condutores de montanhismo da cidade de Campinas/SP, justificada pela constante atuação com escalada e montanhismo no âmbito nacional e internacional, tanto em modalidades de terra, quanto de gelo e neve; 7 condutores de *paraglider* das cidades de Poços de Caldas/MG e Andradadas/MG, justificadas pela constante oferta desses tipos de atividades e por sediar, inclusive, campeonatos nacionais e mundiais desta modalidade. Como critério de inclusão no estudo, foram levados em consideração indivíduos adultos, de ambos os sexos, com experiência mínima de um ano de atuação com as atividades de aventura.

Em relação aos participantes efetivos da pesquisa, em princípio, havia um número referente a 10 representantes de cada modalidade focalizada, em um total de 30 sujeitos, entretanto, não foi possível manter esta proporção, tendo em vista diversos fatores. No que concerne aos condutores de *rafting* da cidade de Brotas, não houve dificuldades e, assim, foi possível a participação de 10 sujeitos, como proposto inicialmente. Quanto ao grupo de condutores de montanhismo da cidade de Campinas, foram encontradas dificuldades em se localizar os mesmos, principalmente pelo fato de alguns destes trabalharem em outras áreas distintas, não se dedicando exclusivamente à atuação com atividades de aventura, além de outros que atuam frequentemente em expedições internacionais, reduzindo, assim, para 7 o número de sujeitos.

No grupo de condutores de *paraglider* das cidades de Andradadas e Poços de Caldas, também houve dificuldades em se localizar alguns dos profissionais, o que restringiu para 7 o número de sujeitos efetivamente participantes. Diante deste

quadro, totalizaram-se 24 condutores participantes da pesquisa. No Apêndice A podem ser visualizadas as fotos contendo as cidades e as modalidades selecionadas para a coleta de dados.

5.3 Instrumentos

Inicialmente, dentro do conjunto de instrumentos para o desenvolvimento da pesquisa exploratória foi aplicado um questionário para a caracterização da amostra (APÊNDICE B). Este é composto por dados sobre sexo, idade, nível de escolaridade, motivação para a atuação com atividades de aventura, modalidade com a qual atua, tempo de atuação, capacitação para atuação e mais duas questões referentes à Educação Ambiental.

Vale ressaltar que, nessa caracterização, não houve preocupação em traçar perfis socioeconômicos ou mesmo de personalidade dos sujeitos participantes, ficando restrita a esses dados anteriormente informados. No Apêndice C são apresentados os resultados da caracterização da amostra de forma sintética, para ilustração.

O segundo instrumento do estudo refere-se à Escala de Ecocentrismo e Antropocentrismo (Escala T&B) (ANEXO A), a qual foi idealizada por Thompson e Barton (1994) e traduzida para o português por Pinheiro et al. (2005). Esta corresponde a uma escala do tipo *Likert*, contendo 5 pontos (discordo muito, discordo, indiferente, concordo, concordo muito), na qual os sujeitos devem apresentar o nível de concordância com cada uma das 33 afirmativas. Sua finalidade neste estudo é analisar as dimensões ecocêntricas, antropocêntricas e de apatia ambiental referentes às atitudes e condutas pró-ambientais dos próprios condutores de atividades de aventura.

De acordo com Thompson e Barton (1994), tanto a dimensão ecocêntrica quanto a antropocêntrica referem-se a comportamentos permeados por valores positivos, porém diferindo no que concerne à orientação e às razões que fazem um indivíduo manter um comportamento pró-ambiental. Na dimensão ecocêntrica se encaixam os sujeitos que tendem a valorizar a natureza por si própria e pelo seu valor intrínseco. Já na dimensão antropocêntrica estão aqueles sujeitos que

acreditam que o ambiente deve ser protegido, a fim de garantir a manutenção e a melhoria da qualidade de vida dos seres humanos.

Para essas autoras, há, ainda, a dimensão apatia ambiental, na qual se enquadram os sujeitos que não estão entre as duas polaridades referentes às dimensões anteriores. Nesta dimensão, os indivíduos apresentam atitudes e comportamentos neutros, duvidosos, ponderados ou indiferentes em relação ao ambiente e uma crença geral de que os problemas nesta área têm sido exagerados, refletindo em falta de interesse sobre as questões ambientais.

O terceiro instrumento, referente à Escala de Intervenção sobre Sensibilização Ambiental (EISA) - para Condutores de Atividades de Aventura (APÊNDICE D), foi elaborado especificamente para este presente estudo. Este instrumento se refere a uma escala do tipo *Likert*, de 5 pontos, em que o 1 equivale a “discordo fortemente”, o 2 equivale a “discordo”, o 3 equivale a “nem concordo, nem discordo”, o 4 equivale a “concordo” e o 5 equivale a “concordo fortemente”.

A EISA envolve 24 afirmativas relativas às atitudes e condutas ambientais dos profissionais envolvidos com as atividades de aventura, referentes ao processo de sensibilização ambiental e disseminação de valores. Além disso, este instrumento também é composto por duas questões abertas, no sentido de oferecer um espaço para que o profissional possa expor suas próprias estratégias, criadas no sentido de desenvolver o comportamento pró-ambiental com seus clientes/alunos. Esta escala pode ser adotada para investigação de dados com diferentes profissionais, desde professores, até condutores de atividades de aventura, foco central deste estudo.

Esta escala foi validada com base na análise de seu conteúdo por três especialistas da área, com título mínimo de doutor, procedendo-se, em seguida, às adequações sugeridas e correções necessárias. Por fim, elaborou-se o instrumento definitivo, o qual foi aplicado à população alvo deste estudo.

Sendo assim, a Escala de Ecocentrismo e Antropocentrismo (Escala T&B) foi proposta neste estudo, no sentido de identificar o comportamento e as atitudes dos condutores de atividades de aventura em relação ao meio ambiente, sendo estes profissionais os possíveis mediadores do processo de Educação Ambiental durante a vivência das atividades de aventura, tornando-se essencial avaliar as atitudes e valores ambientais presentes nestes condutores. Em seguida, a Escala de

Intervenção sobre Sensibilização Ambiental (EISA) - para Condutores de Atividades de Aventura foi utilizada com o propósito de investigar as possibilidades de sensibilização e disseminação de atitudes e valores durante a prática das atividades de aventura, bem como, as estratégias adotadas pelos condutores para desenvolvimento desses dois processos.

5.4 Procedimentos para a aplicação dos instrumentos de coleta de dados

Para o procedimento de coleta de dados da pesquisa exploratória desta dissertação, inicialmente, a pesquisadora entrou em contato com cada um desses condutores de atividades de aventura nas cidades determinadas, com o intuito de convidá-los para participação no estudo e explicitar os objetivos pretendidos, bem como, esclarecer os conteúdos a serem investigados. Com base na anuência dos sujeitos para participação no estudo, solicitou-se a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE E), seguindo-se todos os procedimentos éticos exigidos pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Biociências da UNESP - Campus de Rio Claro, no qual o estudo foi aprovado por meio do número de protocolo 1905 e decisão número 017/2011 (ANEXO B).

Os sujeitos tiveram a garantia de que suas identidades seriam preservadas e foi resguardado o direito dos mesmos de desistirem da participação a qualquer momento. Após a assinatura do referido Termo, foram aplicados os instrumentos para a coleta dos dados.

Para aplicação dos instrumentos, os sujeitos foram individualmente consultados sobre o melhor momento para a coleta de dados, sendo que houve diferença na definição do instante propício para a aplicação dos instrumentos em cada modalidade, ainda que a coleta tenha ocorrido durante os intervalos de atuação dos condutores, respeitando as interrupções sempre que necessárias, para possíveis atendimentos aos clientes. No caso do *rafting*, a aplicação dos instrumentos se deu antes e após o almoço dos condutores. Quanto ao montanhismo, foram aplicados os questionários aos condutores antes da saída para

a atividade e no retorno da mesma. Já no caso do *paraglider*, a aplicação foi realizada entre o atendimento aos clientes, o que demandou maior tempo para finalizar o processo.

Os instrumentos foram aplicados simultaneamente, seguindo a determinada ordem: Caracterização da amostra, Escala de Ecocentrismo e Antropocentrismo (Escala T&B) e Escala de Intervenção sobre Sensibilização Ambiental (EISA) - para Condutores de Atividades de Aventura. Os questionários foram aplicados de maio a setembro de 2012.

5.5 Análise dos dados

Os dados provenientes da aplicação dos instrumentos foram analisados descritivamente, por meio da técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2010) e ilustrados numericamente, de modo percentual, para melhor visualização dos mesmos. Segundo Bardin (2010), esta técnica permite adentrar na realidade do universo pesquisado, descrevendo os resultados do estudo de modo sistemático e objetivo, favorecendo a compreensão das escolhas das respostas emitidas pelos sujeitos da pesquisa.

Triviños (1987, p. 160) acrescenta que esta técnica contribui “[...] para o desvendar das ideologias que podem existir nos dispositivos legais, princípios, diretrizes, etc., que, à simples vista, não se apresentam com a devida clareza.”. De acordo com Bardin (2010, p.32), a técnica “[...] de análise de conteúdo adequada ao domínio e ao objectivo pretendidos tem de ser reinventada a cada momento [...]”.

Ainda que esta autora privilegie as formas de comunicação verbal e escrita, esta técnica não se restringe a estas duas formas expressivas da comunicação, já que abrange a análise de qualquer forma de comunicação, seja ela, oral, documental, textos escritos em jornais, livros, panfletos, ou ainda, em imagens provenientes de filmes, pinturas, desenhos, cartazes, da própria televisão e de outras fontes de comunicação não verbal, como posturas, gestos, condutas e as diversas formas de manifestações expressivas de determinada cultura (FERREIRA, 2000).

De acordo com Bardin (2010, p. 41), existem dois tipos de documentos, os quais podem passar por análise, sendo um referente a documentos que a autora chama de naturais “[...] produzidos espontaneamente na realidade (tudo o que é comunicação) [...]” e aqueles “[...] suscitados pelas necessidades de estudo (por exemplo: respostas a questionários de inquéritos, testes, experiências, etc)”.

A revelação dos significados dos conceitos não explícitos pode ser feita por intermédio da interpretação ou investigação sobre os valores e crenças dos atores sociais de um determinado contexto cultural. Nesta perspectiva, pode-se identificar, inclusive, “[...] a influência desse contexto no estilo, na forma e no conteúdo da comunicação.” (CHIZZOTTI, 2001, p. 99).

Sobre este mesmo aspecto, Osgood (1959), já salientava que a análise de conteúdo pode privilegiar as avaliações acerca de juízo de valores, de ações conscientes ou inconscientes e opiniões, além das associações subjacentes a determinada pessoa, com base em suas formas de expressão. O mesmo autor ainda evidencia a necessidade de se obter uma dedução lógica e sistematizada dos indícios presentes nas diversas formas textuais apresentadas.

Reiterando as considerações de Osgood, Bardin (1977, p.38) aponta que a análise de conteúdo favorece “[...] a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)”. Para esta autora, esta técnica se utiliza de vestígios, os quais representam manifestações “[...] de estados, de dados e de fenômenos. Há qualquer coisa para descobrir por e graças a eles.” (BARDIN, 2010, p. 41).

Embora, frequentemente, a Técnica de Análise de Conteúdo seja adequada para questões abertas, pode-se perceber, conforme esta última afirmação de Bardin, que é possível utilizar inferências como suporte para a aquisição de conhecimento relativa a manifestações dos sujeitos. No caso deste estudo, dois dos instrumentos aplicados utilizaram afirmativas fechadas, podendo-se utilizar os vestígios de valores e atitudes dos sujeitos contidos nas respostas das afirmativas propostas. Estes vestígios favoreceram a representatividade necessária para a Análise de Conteúdo, baseada na proposta de Bardin.

Ainda segundo Bardin (2010), grande parte dos procedimentos de análise utiliza a categorização dos fragmentos das mensagens, no caso deste estudo, das respostas aos instrumentos, permitindo agrupar os resultados que possuem elementos em comum e organizá-los para a interpretação. A organização da análise dos dados consiste em três fases, sendo elas: pré-análise; exploração do material e tratamento dos resultados; inferência e interpretação (BARDIN, 2010, p. 121). A primeira fase consiste na própria organização do material, por meio de leitura, seleção dos documentos, formulação de hipótese e objetivos, elaboração de indicadores e preparação do material que será analisado. É nesta fase que se inicia o processo de categorização dos dados. Este argumento da autora justifica a opção pela elaboração de categorias *à priori*.

A segunda fase, referente à exploração do material, consiste na análise em si, dando continuidade às decisões tomadas na fase anterior, de modo sistemático. Na terceira fase, os resultados são expostos de maneira condensada e em destaque, podendo ser transformados em estatísticas simples, como as porcentagens, as quais foram utilizadas nesta pesquisa, para, em seguida, poder realizar a inferência e interpretação final desses dados, atingindo os objetivos propostos, e, até mesmo, desvelando outras informações (BARDIN, 2010).

De acordo com Franco (2008), as categorias podem ser elaboradas de duas formas: a *priori* ou a *posteriori*. No caso desta presente pesquisa, as categorias foram determinadas juntamente com a elaboração dos questionários, ou seja, a *priori*. Como explica a autora, ao utilizar esta forma de elaboração, “[...] as categorias e seus respectivos indicadores são pré-determinados em função da busca a uma resposta específica do investigador.” (FRANCO, 2008, p. 60).

Sendo assim, como procedimentos de análise propriamente ditos, em relação ao segundo instrumento, foram adotadas as 3 categorias propostas por Thompson e Barton (1994): 1 - Ecocentrismo; 2 - Antropocentrismo; 3 - Apatia ambiental. Para a análise do terceiro instrumento foram organizadas 3 categorias, sendo elas: 1 - Conteúdos informativos de sensibilização; 2 - Estratégias pedagógicas; 3 – Automotivação para sensibilização.

A interpretação e a discussão dos resultados foram realizadas tomando-se por base os estudos focalizados durante a fundamentação teórica e outros que

foram utilizados para agregar novas reflexões. A partir desta etapa, conforme a opção feita para o *design* desta dissertação, são apresentados os três artigos, os quais representam os produtos da pesquisa geral, sendo o primeiro artigo referente a uma pesquisa exploratória, tendo como objetivo a análise de estudos que tratam sobre as diferentes abordagens e estratégias metodológicas relacionando as temáticas atividades de aventura e Educação Ambiental, em periódicos da área de Educação Física. O segundo e o terceiro artigos apresentam os resultados referentes aos dados provenientes da aplicação dos instrumentos propostos no estudo. Esse bloco de produtos da pesquisa está apresentado a seguir.

6 PRODUTOS DA PESQUISA

ARTIGO 1

O primeiro artigo, apresentado a seguir, é decorrente das investigações realizadas para incrementar as reflexões acerca do universo estudado e foi intitulado “Atividades de aventura e Educação Ambiental como foco nos periódicos da área de Educação Física”. Esse artigo foi submetido à Revista Motriz para publicação (conforme ANEXO C). Sendo assim, sua apresentação seguiu as normas que regem as condições de submissão de textos adotados por este periódico, diferindo da formatação do restante da dissertação.

Atividades de aventura e Educação Ambiental como foco nos periódicos da área de Educação Física

Adventure activities and environmental education in Physical Education journals

Juliana de Paula Figueiredo
Gisele Maria Schwartz

LEL - Laboratório de Estudos do Lazer, DEF/IB, UNESP - Universidade Estadual Paulista, Campus de Rio Claro/SP – Brasil

Resumo

Este estudo, de natureza qualitativa, objetivou analisar os artigos que tratam sobre as diferentes abordagens e estratégias metodológicas relacionando as temáticas atividades de aventura e Educação Ambiental, em periódicos da área de Educação Física. A pesquisa exploratória foi realizada nos periódicos da área com estrato “A”, na avaliação WebQualis CAPES 2011. Os resultados evidenciam que esta relação é pouco explorada na área e os estudos privilegiam apenas alguns aspectos, necessitando, assim, novas reflexões.

Palavras-chave: Educação Física. Atividades de Aventura. Educação Ambiental.

Abstract

This qualitative study aimed at analyzing the articles that deal with different approaches and methodological strategies linking the themes of adventure activities and environmental education in journals of Physical Education area. An exploratory research was conducted in journals with “A” concept in 2011 WebQualis CAPES platform. The results show that this relationship is few explored in the area and the studies emphasize only some aspects, requiring therefore new approaches.

Keywords: Physical Education. Adventure Activities. Environmental Education.

Introdução

A área de conhecimento relativa à Educação Física apresenta uma grande abrangência de conteúdos, dentre eles o lazer, o qual ganhou forças na era industrial e se tornou cada vez mais valorizado como campo de estudos. Em 1973, Dumazedier, sociólogo francês que esteve no Brasil, embasou o pensamento de estudiosos nacionais, para a compreensão desse fenômeno, o lazer, favorecendo detalhes importantes que perduram até a atualidade. Uma de suas representativas contribuições foi a idéia de caracterização do lazer no que o autor denominou como “3D”: desenvolvimento, divertimento e descanso. Com o passar dos tempos e as inúmeras conquistas a respeito dos benefícios do lazer, este passou a ser reconhecido como de direito, porém, nem sempre vivenciado de fato.

A abrangência das possibilidades de vivências no campo do lazer é imensa e, na atualidade, as opções que recebem grande demanda versam sobre a procura por novas experiências e, conseqüentemente, avivando o desejo de explorar novos lugares e emoções, refletindo no aumento do fluxo de viagens, especialmente para a vivência de atividades no ambiente natural. Nesta perspectiva e diante desse desejo cada vez maior dos seres humanos de fugir das grandes cidades aos finais de

semana e feriados e de estabelecerem um reencontro com a natureza, entre outros motivos, aumenta-se, gradativamente, a oferta de atividades de aventura.

As características individuais dessas atividades podem variar de acordo com o ambiente em que são praticadas, com o público alvo ou com os objetivos pretendidos. Entretanto, alguns elementos em comum permitem que elas se diferenciem dos esportes ou atividades tradicionais, obtendo características bastante peculiares.

De acordo com Betrán e Betrán (1995), as atividades físicas de aventura na natureza (AFAN) caracterizam-se por serem vivenciadas durante o tempo livre, sendo permeadas pelos aspectos imaginários, podendo proporcionar sensações e emoções, em contato com um ambiente natural ou ecológico. A vivência dessas aventuras e emoções está pautada no risco controlado, pelo fato de existirem vários equipamentos de segurança e inúmeros procedimentos a serem seguidos (SCHWARTZ, 2006). Atualmente, este aspecto está cada vez mais sendo levado em consideração, diante das normatizações e procedimentos de segurança que são exigidos das empresas que atuam no mercado da aventura.

Ainda no que se refere ao risco presente nestas atividades, Le Breton (2009) ressalta que é justamente este elemento que proporciona momentos de total prazer aos participantes e agrega valores pessoais, os quais remetem à superação de limites. A internalização de valores como estes podem acarretar numa transposição para o cotidiano, levando as pessoas a pensarem mais nos outros e em si mesmas, diante de novos desafios.

Além dessas características, estas vivências utilizam-se, cada vez mais, das tecnologias para aprimorar as atividades oferecidas e podem ser realizadas sem a

necessidade de treinamentos intensivos (MARINHO, 2004a). Isso garante a oportunidade de uma vivência lúdica e descompromissada, a qual oportuniza a experimentação de diversas modalidades, sem, necessariamente, estar preparado para tal.

Sendo assim, a aventura, atrelada aos aspectos de sensações e emoções, liberdade e oportunidade de desafios, pode proporcionar vivências significativas aos indivíduos durante esses momentos destinados ao lazer. Essas experimentações podem, ainda, contemplar diferentes valores, sejam eles pessoais, educativos, ambientais, físicos, entre outros.

Essas atividades recebem inúmeras denominações dos estudiosos de diversas áreas, como AFAN (BETRÁN, 1995), esportes radicais (UVINHA, 2001), atividades na natureza (MARINHO, 2004a), entre outras. Entretanto, não há um consenso sobre a terminologia mais adequada. Neste estudo optou-se por utilizar o termo atividades de aventura, justificado pelo fato de abranger todas as modalidades, tanto de terra, como de água e ar; realizadas em espaço natural ou urbano; oferecidas sob características turísticas, físicas ou recreativas; as quais podem despertar diversas sensações e emoções; contemplar o elemento lúdico; proporcionar desafios e, conforme conduzidas pelo profissional responsável, oferecer conteúdos educativos.

Diversos pesquisadores, em diferentes áreas, buscam compreender melhor alguns aspectos presentes nestas atividades. Ao se focalizar especificamente o campo da Educação Física, interesse desse estudo, diferentes abordagens já são contempladas. As características que envolvem estas atividades já permeiam estudos como os de Lavoura, Schwartz e Machado (2008), evidenciando o seu

potencial de oferta de sensações e emoções prazerosas e significativas, além de favorecem a construção de valores pessoais e sociais (BRUHNS, 2003). Outro aspecto importante nesta caracterização é o possível favorecimento destas atividades no processo de Educação Ambiental (KUNREUTHER, 2011).

Sendo assim, uma das possibilidades que se apresenta é a de que as vivências dessas atividades de aventura na natureza contribuam para a construção de novos valores e condutas pró-ambientais. Estas temáticas relativas à Educação Ambiental têm sido mais focalizadas, principalmente, em estudos das áreas de Ecologia e Educação. Entretanto, o estudo do meio ambiente, englobando as considerações sobre Educação Ambiental, representa um tema transversal, o qual foi sugerido pelos Parâmetros Curriculares Nacionais para ser trabalhado nas diversas áreas do conhecimento (BRASIL, 1998), ainda que esteja restrito a abordagens em áreas específicas.

A associação do ambientalismo com a ação educativa é que define a Educação Ambiental, devendo, então, esses dois aspectos serem, necessariamente, atrelados para se garantir a construção desse conhecimento (CASCINO, 1999). Nesse sentido, a transdisciplinaridade torna-se cada vez mais necessária nesta construção do processo educacional referente aos valores ambientais, já que os diversos campos de estudo podem contribuir com seus conhecimentos e estratégias de ensino para despertar a atenção dos aprendizes para a adoção de condutas pró-ambientais.

De acordo com Guimarães (1995), a Educação Ambiental tem como importante função despertar a percepção da necessária integração do ser humano com o meio ambiente. Nesta perspectiva, as vivências de atividades em ambiente

natural, permeadas pela aventura, podem favorecer a reaproximação dos indivíduos com a natureza (BRUHNS, 1997). Isto reitera a perspectiva de ampliação do campo de visão da área de Educação Física, para se apropriar de seus recursos e construir novos significados.

A maneira como são desenvolvidas as atividades no âmbito de ação da Educação Física e os objetivos estabelecidos em cada vivência, podem contribuir para reavivar atitudes e condutas positivas em relação ao meio natural. No que se refere à perspectiva da construção de atitudes ambientais, Schultz et al. (2004) enfatizam que estas se relacionam às crenças dos indivíduos, ao afeto e à intenção de comportamentos estabelecidos por meio da abordagem de questões referentes ao meio ambiente e/ou da realização de atividades nestes espaços.

Quanto à conduta pró-ambiental, Corral-Verdugo (2000) ressalta que ela é concretizada com a união de ações direcionadas, decididas e efetivas, as quais correspondem às condições ambientais e pessoais, para a proteção do meio. Dessa maneira, torna-se necessário, inicialmente, criar estratégias diferenciadas e significativas, permeadas de valores, para despertar nos indivíduos intenções de ações em favor do meio ambiente, a fim de construir novas atitudes. Somente assim é que os indivíduos podem perceber o que está ao seu alcance diante da realidade em que vivem e poderão suscitar decisões em prol de uma sociedade sustentável, refletindo em novas condutas.

No campo de estudo referente à Educação Física, alguns autores já discorrem sobre a Educação Ambiental, utilizando como estratégia as atividades de aventura (MARINHO, 2004a; TAHARA; DIAS; SCHWARTZ, 2006). Entretanto, este conhecimento está esparso, comprometendo as discussões na área. Dessa forma,

surtem alguns questionamentos, tais como: o que é abordado nos estudos publicados nas principais revistas nacionais de Educação Física focalizando a relação atividades de aventura e Educação Ambiental? Quais terminologias são utilizadas para referenciar estas temáticas? Quais são os públicos estudados? Os estudos se fixam em quais objetivos? Quais os métodos e instrumentos utilizados? Quais são os principais resultados destas pesquisas?

Na perspectiva de buscar compreender estas inquietações e aprimorar a gestão do conhecimento acerca das possibilidades envolvendo as atividades de aventura e suas relações com a Educação Ambiental, na área de estudo da Educação Física é que se propôs esta reflexão. Sendo assim, este estudo teve por objetivo analisar os artigos que tratam sobre as diferentes abordagens e estratégias metodológicas relacionando as temáticas atividades de aventura e Educação Ambiental, em periódicos da área de Educação Física.

Métodos

Este estudo, de natureza qualitativa, compreendeu duas etapas, sendo a primeira referente a uma revisão bibliográfica sobre as temáticas envolvidas e a segunda relativa a uma pesquisa exploratória, realizada com base nos periódicos da área de Educação Física classificados no estrato “A” na avaliação WebQualis CAPES 2011, área 21, no período de 3 a 10 de janeiro de 2012. Para a pesquisa exploratória, primeiramente, foi feita uma busca dos periódicos nacionais de Educação Física no WebQualis CAPES 2011 - área 21, iniciando-se pelo estrato “A1”, no qual não se obteve nenhuma ocorrência. Em seguida, pesquisou-se o estrato “A2”, resultando em dois periódicos, sendo eles: Motriz (Universidade

Estadual Paulista – Campus de Rio Claro) e Movimento (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), os quais foram selecionados para a realização da pesquisa.

Nesta perspectiva, realizou-se um levantamento dos artigos completos nos dois periódicos, utilizando como termo de busca “atividades de aventura e Educação Ambiental”. Os critérios de inclusão da pesquisa versaram sobre artigos completos, originais, sem limitação de tempo, que abordavam especificamente a relação das atividades de aventura com a Educação Ambiental e apresentassem pesquisa exploratória, com sujeitos envolvidos nas atividades de aventura, a fim de adentrar nas discussões da relação dessas temáticas, pautadas nos resultados dessas vivências. Foram excluídos os artigos publicados nos suplementos da revista *Motriz*, os quais se referiam a publicações do Simpósio Paulista de Educação Física e Congresso Internacional de Educação Física e Motricidade Humana, promovidos pela instituição.

A partir da coleta realizada *online*, com o termo de busca, foram encontrados um total de 26 artigos, sendo 19 na revista *Motriz* e 7 na revista *Movimento*. Entretanto, desse total de artigos encontrados, 14 foram excluídos, após uma leitura minuciosa, por não focalizarem a relação das atividades de aventura com Educação Ambiental, mesmo sendo filtrados inicialmente.

Dos 12 artigos restantes, apenas 6 foram selecionados para a discussão, por apresentarem pesquisa exploratória com sujeitos envolvidos em atividades de aventura e, assim, se enquadrarem em todos os critérios de inclusão. Foram selecionados, portanto, 5 artigos da revista *Motriz* e 1 da revista *Movimento*. Após esta seleção dos artigos, procedeu-se à revisão sistemática dos mesmos, para se

perceber os meandros dos resultados apresentados e compreender os enfoques dados a esta relação.

Para a análise desses dados, utilizou-se a Técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2010), a qual focaliza apenas o que é realmente relevante para o estudo, elencando-se categorias de análise. Neste estudo, foram formuladas cinco categorias para a análise dos artigos sobre atividades de aventura e Educação Ambiental, sendo assim distribuídas: 1- Objetivos, 2 - Diferentes terminologias utilizadas, 3 – Métodos, técnicas de análise de dados e instrumentos utilizados, 4 - Público envolvido nas pesquisas exploratórias, 5 - Principais resultados.

Resultados e Discussão

Os resultados apresentam que, em relação à categoria 1 – Objetivos, o estudo de Tahara, Carnicelli Filho e Schwartz (2006) objetivou compreender sobre as práticas de aventura em contato com o ambiente natural. O estudo de Cardoso, Silva e Felipe (2006) focalizou as sensações e emoções vivenciadas pelos praticantes de AFAN, as possibilidades educativas dessas práticas, os motivos de permanência e a relação do contato do corpo com a natureza. A pesquisa elaborada por Brasil e Carvalho (2009) teve como objetivo analisar o significado das interações de pescadores artesanais e surfistas em relação à natureza. O estudo de Gomes e Isayama (2009) focalizou os motivos de adesão de pessoas às práticas esportivas e de lazer na natureza, em particular às corridas de aventura. No artigo elaborado por Moreira e Schwartz (2010), o objetivo foi investigar as atitudes capazes de despertar comportamentos pró-ambientais, durante uma caminhada. A pesquisa de Romariz,

Guimarães e Marinho (2011), apresentou como objetivo a investigação da qualidade de vida relacionada à prática de atividade física de surfistas.

Pode-se perceber que os objetivos dos estudos focalizados salientam apenas alguns aspectos subjetivos, como significados das interações e motivos de adesão e permanência nas atividades. Devido à abrangência de significados e possibilidades de compreensão referentes às vertentes que permeiam as atividades de aventura, muitas lacunas do universo das subjetividades ainda necessitam ser preenchidas, carecendo novas investigações.

Bruhns (2003) salienta que a íntima relação com o ambiente natural contribui para novos exercícios dos sentidos, o que permite evidenciar a complexidade dos elementos subjetivos, ainda pouco explorada nos textos acadêmicos. Costa (2000) e McDermott (2004) também apontam a configuração de diversas emoções excitantes atreladas às vivências nas atividades de aventura, cuja compreensão representa desafios a serem superados.

Além dos aspectos subjetivos, os enfoques referentes à possibilidade de reflexão sobre os elementos educativos e de qualidade de vida fizeram parte dos objetivos nos estudos analisados. Palmberg e Kuru (2000) também evidenciaram a aquisição de novos aprendizados, especialmente no que se refere à valorização do ambiente natural e melhoria nas interações sociais e morais, em decorrência dessas práticas. Na relação das atividades de aventura e a qualidade de vida, Tahara e Schwartz (2003) traçam elementos dessa associação, em função de o envolvimento com estas práticas em contato com a natureza oportunizar a revisão de valores e a busca de alternativas sobre a identidade pessoal. Segundo os autores, isto pode facilitar a individualização, autoconsciência e a interação com o outro, possibilitando,

assim, a construção de novos conhecimentos e o aprimoramento nos níveis de qualidade de vida.

Diante do contexto analisado, percebe-se o interesse dos autores em procurar desvelar os complexos meandros ligados à subjetividade, além de investirem esforços nas relações educativas e de qualidade de vida. Entretanto, muitos outros temas são passíveis de novos estudos, evidenciando a limitada compreensão que se tem ainda sobre estas vivências.

Na categoria 2, referente às diferentes terminologias adotadas nos estudos sobre atividades de aventura e Educação Ambiental, pode-se constatar que no artigo de Tahara, Carnicelli Filho e Schwartz (2006), os autores adotam os termos Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN) e atividades de aventura. Para se referir à Educação Ambiental, utilizam a expressão “consciência com o compromisso de mudanças atitudinais e de valores” (TAHARA; CARNICELLI FILHO; SCHWARTZ, 2006, p.62).

Na pesquisa desenvolvida por Cardoso, Silva e Felipe (2006), estes autores também fazem uso da terminologia AFAN. Sobre as diferentes terminologias para referenciar a Educação Ambiental, os autores utilizam os termos conscientização ambiental e ética ambiental.

No artigo de Brasil e Carvalho (2009), as autoras não apresentam terminologias relacionadas às atividades de aventura, pois fazem menção somente à modalidade surfe. Em relação à terminologia Educação Ambiental, também não fazem citações, embora explorem as possibilidades de preservação do meio ambiente pelos surfistas e pescadores, apontando a preocupação com a problemática ambiental.

Quanto às terminologias adotadas na pesquisa de Gomes e Isayama (2009), aparecem as denominações atividades na natureza, atividades de aventura e AFAN, porém, os autores não adotam uma única terminologia, utilizando-as aleatoriamente no decorrer do artigo. Em relação à Educação Ambiental, estes autores também apresentam o termo ética ambiental.

Na pesquisa de Moreira e Schwartz (2010), as autoras utilizam os termos AFAN, atividades na natureza e atividades de aventura, podendo ser observada uma preferência pelo termo AFAN. Para se referirem à Educação Ambiental, as terminologias utilizadas foram: conscientização e sensibilização para a problemática ambiental.

No estudo de Romariz, Guimarães e Marinho (2011), para fazer menção às atividades de aventura, as autoras utilizam a denominação atividades de aventura na natureza. Para se referirem à Educação Ambiental, o termo adotado é conscientização ambiental.

De acordo com a análise desses artigos, nota-se uma diversidade de termos nos quais os autores se pautam para se referenciar às atividades de aventura e à Educação Ambiental, não havendo uma conceituação consolidada. Alguns estudos, até mesmo, buscam subsidiar a preferência por um termo específico, enquanto outros os utilizam como sinônimos.

No que se refere às terminologias adotadas para as atividades de aventura, embora praticamente todos os estudos analisados tenham feito uso do termo AFAN – Atividades Físicas de Aventura na Natureza, sugerido inicialmente por Betrán (1995), há discussões na literatura que questionam sua utilização de modo generalizado. Isso pode ser destacado por Marinho (2004a, p.4), a qual considera

que o termo “físicas” soa como um pleonasmo quando associado às atividades, sugerindo, assim, a utilização do termo atividades na natureza.

Entretanto, a terminologia que privilegia o uso do termo natureza, como, por exemplo, atividades de aventura na natureza ou, simplesmente, atividades na natureza, por sua vez, deixa de abranger as atividades realizadas no meio urbano ou em locais com estruturas artificiais, como ginásios, quadras poliesportivas e academias com atividades *indoor*. Considerando-se que estas atividades não precisam, necessariamente, ser desenvolvidas apenas no ambiente natural, estes termos voltam a ser questionados. Uma atividade de orientação, por exemplo, pode contemplar desafios e vivências de aventura que abordem a reflexão de mudanças de atitudes e valores em um espaço fechado, ou artificial, sendo um exemplo de que estas atividades de aventura podem ser desenvolvidas em outros espaços (artificiais), além da natureza.

Por outro lado, o ambiente natural tem sido um grande fator de motivação para qualificar a relação ser humano-natureza. Autores como Lavoura, Schwartz e Machado (2008) e Bruhns (1997) reiteram que a natureza propicia a experimentação de sensações e emoções significativas, que podem ser capazes de potencializar o reencontro dos indivíduos com sua própria natureza e com o entorno. Nessa perspectiva, a terminologia atividades de aventura parece ser a mais próxima de uma compreensão clara e abrangente sobre esta temática, ainda que não tenha sido privilegiada pelos autores estudados. Os próprios termos envolvidos (atividades e aventura) já denotam caracterizações diferenciadas e instigam novos desafios, no intuito de esclarecer esses entraves referentes à terminologia mais adequada para nomear estas vivências.

No que concerne à terminologia Educação Ambiental, os autores utilizam algumas expressões que, embora não se aproximem do conceito de Educação Ambiental, apresentam estreita relação à sua função de levar os indivíduos a perceberem a necessidade de integração com o meio ambiente (GUIMARÃES, 1995), a exemplo dos termos conscientização ambiental e ética ambiental, explorado em quase todos os artigos analisados.

No caso da ética ambiental, esta se sustenta de maneira a reorientar os indivíduos em suas ações com o meio ambiente e indicar quais são as condutas eticamente corretas no que se refere à conservação, preservação e relação a ser estabelecida com a natureza e os demais elementos, apresentando também o limite do que é considerado adequado (GRÜN, 2007). Nesse sentido, procura atingir uma relação de harmonia entre os seres humanos, a natureza e os demais seres, e não de superioridade e dominação. Da mesma maneira, outro termo utilizado, a sensibilização ambiental, possui uma conotação semelhante, entretanto, guarda singularidade no que diz respeito ao fato de que esta viabiliza o despertar para a conscientização, representando um momento que antecede esta etapa de tomada de consciência.

A sensibilização permite o envolvimento com as atitudes e valores, os quais podem catalisar a permanência, em forma de conscientização, levando a possíveis alterações de condutas (SCHWARTZ, 2001). Isto se processa devido ao fato de que experiências significativas podem desencadear reflexões, novas formas de avaliação e revisão de condutas, no caso, pró-ambientais.

Da mesma maneira em que não há consenso sobre a terminologia adequada para se referir às atividades de aventura, as nomenclaturas utilizadas em referência

à Educação Ambiental assumem diferentes conotações. Entretanto, parece haver concordância maior em relação ao termo conscientização, aplicado no sentido de ser este uma etapa complementar para a Educação Ambiental.

Em relação à categoria 3 – Métodos, técnicas de análise de dados e instrumentos utilizados, 5 dos estudos analisados apresentaram uma natureza preponderantemente qualitativa, sendo que apenas 1 se referiu à natureza quantitativa (ROMARIZ; GUIMARÃES; MARINHO, 2011). Este predomínio por interesse de dados qualitativos pode ter relação direta com a temática abordada e com o interesse de ampliar as reflexões, de forma mais aprofundada, acerca desse universo pesquisado. O método qualitativo parece adequar-se a este tipo de estudo sobre esta temática, pelo fato de associar elementos racionais e intuitivos no trato da compreensão do fenômeno em questão (POPE; MAYS, 1995).

No caso da utilização do método quantitativo, Romariz, Guimarães e Marinho (2011) buscaram as relações de nexos causal para a compreensão de temas bastante abrangentes, como a questão do envolvimento dos surfistas com a natureza e suas ressonâncias no nível de qualidade de vida. Geralmente, análises estatísticas utilizadas em estudos compreendendo grande número de sujeitos são adequadas para a verificação da normalidade dos dados, além de que, os elementos numéricos ilustram claramente as discussões presentes nestes estudos (SERAPIONI, 2000).

De acordo com as técnicas de análise de dados utilizados nos artigos investigados, houve predomínio da Técnica de Análise de Conteúdo, incluindo sua variante referente à Técnica de Análise de Conteúdo Temático, em 4 dos estudos analisados. Neste tipo de técnica são elaboradas categorias em relação às unidades

recorrentes constantes no texto, propiciando uma palavra ou expressão que seja mais representativa na mensagem (CAREGNATO; MUTTI, 2006). Este aspecto auxilia o pesquisador a interpretar e discutir os dados obtidos de maneira prática e objetiva.

Em um dos estudos analisados foi utilizada a estatística descritiva (ROMARIZ; GUIMARÃES; MARINHO, 2011) e em outro artigo, desenvolvido por Brasil e Carvalho (2009), foram seguidas as orientações propostas por Minayo (1993). Porém, neste último estudo, não aparece definida, especificamente, a técnica utilizada, conquanto a descrição permita perceber as estruturas recorrentes nas narrativas dos sujeitos da pesquisa, assemelhando-se aos procedimentos relativos à técnica de análise de conteúdo.

No que tange aos instrumentos utilizados para coletas de dados nas pesquisas exploratórias, 4 artigos adotaram questionários e 2 artigos aliaram entrevistas e observações. Este dado evidencia que a utilização de questionários parece permitir maior facilidade de aplicação, tendo em vista que este pode conter perguntas abertas, fechadas ou mistas, dependendo da característica do estudo implementado. Entretanto, Thomas, Nelson e Silverman (2007) alertam que este tipo de instrumento deve ser elaborado cuidadosamente, a fim de assegurar a validade dos dados.

No caso das entrevistas, elas representam uma técnica clássica para obtenção de informações, especialmente quando se focalizam temas nas áreas de ciências sociais e ciências humanas. Esta técnica permite explorar percepções e experiências individuais, que auxiliam na estruturação das abordagens em diferentes temáticas (DEMO, 2001), como foi o caso dos estudos em questão. Existem

diversas formas de entrevista, porém, as que foram utilizadas nos estudos analisados referem-se à entrevista semi-estruturada, adotada no artigo de Cardoso, Silva e Felipe (2006), e à entrevista livre, utilizada por Brasil e Carvalho (2009). Esses tipos de organização das entrevistas permitem participação mais ativa dos sujeitos, ampliando a exploração de informações e de conteúdo dos dados.

Quanto à técnica de observação, foram utilizadas a observação participante, no estudo de Cardoso, Silva e Felipe (2006), e a observação direta, na pesquisa de Brasil e Carvalho (2009). A observação, geralmente, é utilizada para “[...] identificar e obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento.” (LAKATOS; MARCONI, 1996, p. 79).

Todos esses métodos e técnicas utilizados nos estudos analisados dependem do olhar do pesquisador para selecionar o que for mais adequado, com vistas a atingir seus objetivos. Isto depende de conhecimento, de perspicácia e de sensibilidade do pesquisador para tomar a decisão mais acertada. Torna-se importante a escolha adequada dos métodos e técnicas a serem selecionados, para que sejam eficazes no intuito de apreensão de dados para subsidiar esses tipos de estudos.

Na categoria 4, referente ao público envolvido nas pesquisas exploratórias, o estudo de Tahara, Carnicelli Filho e Schwartz (2006), investigou 20 indivíduos adultos, de ambos os sexos, adeptos há mais de um ano nas diferentes modalidades de atividades físicas de aventura na natureza, na cidade de Brotas – SP. A pesquisa de Cardoso, Silva e Felipe (2006) envolveu 10 praticantes de AFAN, de ambos os sexos, do grupo de excursionismo da ESFA - Escola Superior São

Francisco de Assis/ES e que apresentassem, no mínimo, 2 anos de experiência nestas atividades. No estudo de Brasil e Carvalho (2009) foram investigados 8 pescadores do sexo masculino e 1 do sexo feminino, nas praias de Caraguatatuba/SP e 6 surfistas do sexo masculino, residentes na capital paulista, entrevistados na praia de Itamambuca, em Ubatuba/SP. A pesquisa de Gomes e Isayama (2009) foi desenvolvida com 21 praticantes de corrida de aventura, de ambos os sexos, participantes das provas realizadas pelo Circuito Estrada Real de Corridas de Aventura. O estudo de Moreira e Schwartz (2010) abrangeu 7 adultos participantes de uma caminhada longa, sendo de ambos os sexos e adeptos às atividades realizadas em ambiente natural. Por fim, a pesquisa de Romariz, Guimarães e Marinho (2011) foi aplicada a uma amostra de 202 surfistas brasileiros, de ambos os sexos, cadastrados na Federação Catarinense de Surfe (FECASURF).

Evidencia-se uma grande diversificação do público e das modalidades investigadas. Porém, ainda que os estudos analisados tenham ampliado a compreensão sobre os diversos praticantes e sua relação com a perspectiva ambiental, outras esferas da sociedade deixaram de ser evidenciadas, como os empresários do mercado da aventura, os condutores das atividades e os demais profissionais envolvidos, como o professor de Educação Física e, inclusive, outras fases do desenvolvimento humano, como crianças e idosos.

O envolvimento dos sujeitos com o meio ambiente, nos estudos focalizados, se processa de maneira diferenciada, haja vista que os condutores de atividades de aventura e outros profissionais envolvidos neste campo de trabalho possuem uma relação bastante intensa com a natureza, ao passo que os praticantes se envolvem, na maioria das vezes, de modo esporádico e superficial com esse ambiente natural

(BEEDIE, 2003). Isto pode desencadear maior ou menor grau de atenção para com o ambiente e condutas pró-ambientais.

Novos estudos necessitam ser desenvolvidos, contemplando outros tipos de populações pouco exploradas, quando o foco recai na investigação do envolvimento com as atividades de aventura. Os desafios são ainda mais evidentes quando se propõe a superação dos entraves acerca da aquisição do conhecimento sobre os aspectos subjetivos envolvendo a construção e mudanças de valores e atitudes de cada uma dessas diferentes populações.

Na categoria 5 – Principais resultados, entre os diversos resultados obtidos nas pesquisas exploratórias dos 6 estudos analisados, foram destacados apenas aqueles que apresentavam relação direta entre as atividades de aventura e a Educação Ambiental. Sendo assim, no estudo desenvolvido por Tahara, Carnicelli Filho e Schwartz (2006), no que refere ao significado da participação nas AFAN, para a maioria dos sujeitos participantes da pesquisa, representando 31,8% da amostra, o envolvimento significa vivenciar momentos que possam favorecer a completa revisão de valores e atitudes. Além disso, 16% dos participantes relataram que o respeito pelo meio natural tornou-se mais incidente depois que começaram a praticar as AFAN.

No estudo realizado por Cardoso, Silva e Felipe (2006), no que concerne aos principais resultados, quando os participantes foram questionados se as AFAN possuíam um caráter educativo, todos responderam afirmativamente. Ao ampliar o questionamento, 6 dos 10 participantes apontaram a possibilidade de trabalhar a preservação/Educação Ambiental.

Outro aspecto relevante refere-se ao questionamento sobre a interação do corpo com a natureza, ou seja, na visão dos sujeitos de como o corpo reage diante dela, a fim de investigar a qualidade da relação ser humano-natureza. Os resultados apontaram que 50% dos participantes citaram o respeito com a natureza como elemento principal, em uma relação de igualdade, sentindo-se como parceiros dela para a atividade e, até mesmo, como parte da natureza. Ao vê-la como parceira, os indivíduos valorizam a conservação ambiental, para que a natureza esteja preservada ao visitá-la para a prática das atividades. Sendo assim, os autores apontam que, apesar dos participantes prezarem pela conservação, os mesmos retratam que têm por finalidade a sua própria utilização para as atividades, ou seja, uma visão antropocêntrica.

Em relação aos principais resultados obtidos na pesquisa elaborada por Brasil e Carvalho (2009), de acordo com as observações e relatos dos indivíduos, as pesquisadoras apontam que, na visão dos pescadores, é a natureza que proporciona o conhecimento para que o corpo se expresse neste ambiente, o que os leva a ter grande respeito e valorização por ela. No que se refere aos surfistas, a relação com a natureza se dá pela necessidade de se conectarem a ela, para irem além, entrando em conexão com o infinito. Nesse sentido, as autoras apontam que, diante dessa percepção dos surfistas, carece chamar a atenção para os valores que permeiam a relação entre o ser humano e a natureza, sendo, inclusive, algo ainda pouco explorado pela área de conhecimento da Educação Física.

No estudo de Gomes e Isayama (2009), quanto aos resultados obtidos, os autores apontam que os praticantes de corrida de aventura possuem um perfil psicológico diferenciado, apresentando, dentre outras características, maior ética

relacional e respeito com si próprio, com os outros e com a natureza. Ainda destacam que, geralmente, estes indivíduos transportam estes conceitos para seu cotidiano. Em um dos relatos das participantes da pesquisa isso pode ser evidenciado, quando a mesma expõe que considera a corrida de aventura muito semelhante à vida, refletindo, inclusive, os acontecimentos das provas no seu dia-a-dia.

Acerca dos motivos que levam as pessoas a buscarem as atividades de aventura na natureza, Gomes e Isayama (2009) citam um estudo de Pimentel (2006), no qual o autor apresenta a Educação Ambiental e a interação mais próxima com a natureza como um desses motivos. Porém, quando os participantes da pesquisa de Gomes e Isayama foram questionados sobre os motivos que os levam a buscarem experiências com as corridas de aventura, 9 praticantes citaram o fato de estarem em contato com a natureza, porém, a perspectiva de Educação Ambiental não foi mencionada. Sendo assim, os autores assinalam que, entre as justificativas dessa distorção, pode-se destacar o tempo de prática dos sujeitos e as características competitivas envolvidas na modalidade corrida de aventura, levando os indivíduos a privilegiarem outros elementos, tais como, superação de limites e trabalho em equipe.

O artigo elaborado por Moreira e Schwartz (2010), evidencia que, quando os praticantes foram questionados se a caminhada poderia ajudar a pensar na preservação do ambiente, todos concordaram afirmativamente. Outro aspecto interessante, apresentado por meio da observação e relato dos caminhantes, foi a questão referente ao fato de que a população local da região da caminhada, assim como os próprios caminhantes, se incomodam com atos de degradação contra o

meio ambiente. Nesse sentido, nota-se a existência de uma pressão social para a preservação.

De acordo com Moreira e Schwartz, pode-se concluir, a partir dos resultados, que as atividades de aventura na natureza mostram-se como facilitadoras para a internalização de valores e para a construção de novas atitudes ambientais. Além desses aspectos, as autoras apontam que os estados emocionais positivos envolvidos na atividade também colaboraram para novas reflexões. Nesta perspectiva, essas novas atitudes construídas a partir das vivências na natureza apresentam-se como possíveis catalisadoras do comportamento pró-ambiental.

Na pesquisa de Romariz, Guimarães e Marinho (2011), embora as autoras tenham apresentado, na introdução do estudo, uma abordagem sobre os aspectos positivos relacionados à possível conscientização por meio das vivências nas atividades de aventura na natureza, nos resultados da pesquisa exploratória não foram evidenciadas respostas que enfatizavam a questão da Educação Ambiental associada às atividades de aventura. Os surfistas envolvidos na pesquisa ressaltam os aspectos de tranquilidade e paz que podem ser proporcionados pelo contato com a natureza, o que, segundo eles, pode favorecer a qualidade de vida, no sentido de melhorá-la e prolongá-la.

Ao retomar o resultado do estudo desenvolvido por Brasil e Carvalho (2009), o qual já foi anteriormente comentado, as autoras apresentam que os surfistas estabelecem a relação com a natureza de maneira diferenciada, geralmente não privilegiando os valores, mas sim, as sensações, o alcance de outras dimensões, a oportunidade de estar longe da cidade e da rotina. Esta perspectiva corrobora os dados encontrados por Romariz, Guimarães e Marinho (2011), uma vez que os

surfistas investigados em ambos os estudos tendem a não estabelecer como prioridade, durante as vivências, a reflexão sobre valores.

Diante de todos esses resultados obtidos nas pesquisas exploratórias dos artigos analisados, notou-se, em 4 deles, uma tendência da perspectiva de reflexão e revisão de valores e atitudes por meio do envolvimento com as atividades de aventura e, nos outros 2, a ausência de atenção sobre os valores, ainda que apontem, em suas considerações, a necessidade de se reforçar a atenção dos indivíduos para os valores que podem estar atrelados a estas práticas. Isso reflete na complexidade que permeia a construção de valores e condutas pró-ambientais.

Conforme salienta Marinho (2004b), o simples contato com o ambiente natural não é o único fator decisivo para desencadear mudanças de atitudes e condutas preservacionistas. O envolvimento com a natureza durante estas práticas pode se dar pela simples utilização da mesma como cenário para as vivências, não se obtendo, dessa forma, ressonâncias positivas em relação à mudança de valores.

Ainda que o sujeito tenha refletido sobre suas atitudes, Thompson e Barton (1994) ressaltam a dificuldade de as pessoas manterem regras de condutas preservacionistas, pois, nem sempre, elas agem ou se comportam de acordo com suas atitudes. Nesse sentido, pode existir a intenção ou tendência (atitude), porém isto não se traduz, necessariamente, em uma conduta (comportamento) pró-ambiental. Para que efetivamente ocorram mudanças, torna-se necessário levar em consideração vários aspectos, entre eles os estados emocionais presentes nas atividades, o significado pessoal das vivências, a maneira como os profissionais conduzem as atividades e abordam a questão dos valores, além da própria perspectiva informal de promoção da Educação Ambiental.

Considerações finais

Com base nos resultados referentes à investigação das temáticas atividades de aventura e Educação Ambiental, em artigos publicados em periódicos nacionais da área de Educação Física, pode-se perceber que estes temas ainda são pouco explorados neste campo de estudo, quando são focalizados os periódicos específicos da área em questão, com qualificação “A”, entre os indexados no WebQualis, aspecto que foi adotado como critério de inclusão para a pesquisa. As temáticas envolvendo mudanças de valores e atitudes pró-ambientais ainda representam lacunas, quando o enfoque recai sobre a associação desses aspectos subjetivos com estas vivências.

Embora a maioria dos estudos apresente resultados positivos na relação dos seres humanos com o ambiente natural, proporcionadas por estas atividades, evidenciou-se, em alguns dos estudos analisados, sujeitos e grupos que não foram sensibilizados por este envolvimento, estabelecendo, dessa maneira, o contato com a natureza simplesmente para satisfazer uma necessidade própria, sem a preocupação com os valores ambientais. Este fato representa um desafio a ser vencido, sendo fundamental que os profissionais envolvidos estejam atentos aos valores e atitudes que podem ser construídos durante essas práticas, não apenas oferecendo a atividade com um fim em si mesma, mas sim, valorizando o conteúdo educativo a elas associado. Cabe ressaltar que os próprios condutores das atividades ou outros profissionais envolvidos podem ainda não estar sensibilizados diante das contribuições dessas atividades, o que dificulta a possibilidade de construção de novos valores junto aos praticantes e o ensino para adoção de condutas pró-ambientais por meio dessas vivências.

Nos artigos analisados, também foi possível perceber a restrita variedade de público participante do estudo. Torna-se premente que novas investigações busquem compreender outras populações específicas, com o intuito de ampliar as informações decorrentes da participação humana com as atividades de aventura.

A área de Educação Física, por permitir uma variedade ampla de estratégias de ensino e diversificados conteúdos, pode representar um elo importante na corrente que promove a construção de novos valores pró-ambientais, com vistas a uma sociedade sustentável. Torna-se imprescindível que os cursos de graduação e pós-graduação promovam novas reflexões, a fim de incentivar a ampliação da produção acadêmica sobre estas temáticas, com o intuito de cumprir com seu compromisso social de difusão do conhecimento.

Referências

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Ed. rev. e atual. Lisboa: Edições70, 2010.

BETRÁN, J. O.; BETRÁN, A. O. Propuesta de una clasificación taxonómica de las actividades físicas de aventura en la naturaleza: marco conceptual y análisis de los criterios elegidos. **Apunts: Educación Física y Deportes**, Barcelona, n. 41, p. 108-123, 1995.

BETRÁN, J. O. Las actividades físicas de aventura en la naturaleza: análisis sociocultural. **Apunts: Educación Física y Deportes**, Barcelona, n. 41, p. 5-9, 1995.

BRASIL, F. K.; CARVALHO, Y. M. Pescadores artesanais, surfistas e a natureza: reflexões a partir de um olhar da educação física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 217-239, jan./mar. 2009. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2077/4839>>. Acesso em: 3 jan. 2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília, DF, 1998.

BEEDIE, P. Mountain guiding and adventure tourism: reflections on the choreography of the experience. **Leisure Studies**, London, v. 22, n. 2, p. 147-167, 2003.

BRUHNS, H. T. Lazer e meio ambiente: corpos buscando o verde e a aventura. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 86-91, 1997.

BRUHNS, H. T. No ritmo da aventura: explorando sensações e emoções. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. (Orgs.). **Turismo, lazer e natureza**. São Paulo: Manole, 2003. p. 29-52.

CARDOSO, A. R.; SILVA, A.; FELIPE, G. R. A educação pela aventura: desmistificando sensações e emoções. **Motriz**, Rio Claro, v. 12, n. 1, p. 77-87, jan./abr. 2006. Disponível em: <
<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/64/45>>. Acesso em: 3 jan. 2012.

CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto Contexto Enferm.**, Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 679-684, out./dez. 2006.

CASCINO, F. **Educação Ambiental**: princípios, história, formação de professores. São Paulo, SP: SENAC São Paulo, 1999.

CORRAL-VERDUGO, V. La definición del comportamiento proambiental. **La Psicología Social en México**, Guadalajara, v. 8, p. 466-472, 2000.

COSTA, V. L. M. **Esporte de aventura na natureza e risco na montanha**: um mergulho no imaginário. São Paulo: Manole, 2000.

DEMO, P. **Pesquisa e informação qualitativa**: aportes metodológicos. Campinas: Papirus, 2001.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

GOMES, O. C., ISAYAMA, H. F. Corridas de aventura e lazer: um percurso analítico para além das trilhas. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 1, p. 69-78, jan./mar. 2009. Disponível em:<
<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/1472/2219>>. Acesso em: 3 jan. 2012.

GRÜN, M. A pesquisa em ética na Educação Ambiental. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 2, n. 1, p. 185-206, 2007.

GUIMARÃES, M. **A dimensão ambiental na educação**. 3. ed. Campinas, SP: Papirus, 1995.

KUNREUTHER, F. T. **Educação ao ar livre pela aventura**: o papel da experiência e o aprendizado de valores morais em expedições à natureza. 2011. 182f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Técnicas de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Editora Atlas, 1996.

LAVOURA, T. N.; SCHWARTZ, G. M.; MACHADO, A. A. Aspectos emocionais da prática de atividades de aventura na natureza: a (re)educação dos sentidos. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 119-127, abr./jun. 2008.

LE BRETON, D. **Condutas de risco**: dos jogos de morte ao jogo de viver. São Paulo: Autores Associados, 2009.

MARINHO, A. Atividades na natureza, lazer e Educação Ambiental: refletindo sobre algumas possibilidades. **Motrivivência**, Florianópolis, ano 16, n. 22, p. 47-69, jun. 2004a.

MARINHO, A. Atividades recreativas e ecoturismo: a natureza como parceira no brincar. In: SCHWARTZ, G.M. (Org.). **Atividades recreativas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004b.

McDERMOTT, L. Exploring intersections of physicality and female-only canoeing experiences. **Leisure Studies**, London, v. 23, n. 3, p. 283-301, 2004.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 2. ed. São Paulo: Hucitec/Abrasco, 1993.

MOREIRA, J. C. C.; SCHWARTZ, G. M. "Caminho da fé": reflexões sobre lazer e ambiência. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 3, p. 559-570, jul./set. 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/1980-6574.2010v16n3p559>>. Acesso em: 3 jan. 2012.

PALMBERG, I. E.; KURU, J. Outdoor activities as a basis for environmental responsibility. **The Journal of Environmental Education**, v. 31, n. 4, p. 32-36, 2000. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00958960009598649>>. Acesso em: 7 jan. 2012.

PIMENTEL, G. G. A. Aventuras de lazer na natureza: o que buscar nelas? In: MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. (Org.). **Viagens, lazer e esporte**. São Paulo: Manole, 2006. p. 43-73.

POPE, C.; MAYS, N. Reaching the parts other methods cannot reach: an introduction to qualitative methods in health service research. **British Medical Journal**, London, n. 311, p. 42-45, 1995.

ROMARIZ, J. K., GUIMARÃES, A. C. A., MARINHO, A. Qualidade de vida relacionada à prática de atividade física de surfistas. **Motriz**, Rio Claro, v. 17, n. 3, p. 477-485, jul./set. 2011. Disponível em: <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/3833/pdf_113>. Acesso em: 3 jan. 2012.

SCHWARTZ, G. M. O corpo sensível como espaço ecológico. **Motus Corporis**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 49-54, 2001.

SCHWARTZ, G. M. A aventura no âmbito do lazer: as AFAN em foco. SCHWARTZ, G. M. (Org.). **Aventuras na natureza**: consolidando significados. Jundiaí, SP: Fontoura, 2006. p. 23-33.

SCHULTZ, P. W. et al. Implicit connections with nature. **Journal of Environmental Psychology**, Victoria, Canadá, v. 24, n. 1, p.31- 42, mar. 2004. Disponível em: < <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0272494403000227>>. Acesso em: 8 jan. 2012.

SERAPIONI, M. Métodos qualitativos e quantitativos na pesquisa social em saúde: algumas estratégias para a integração. *Ciência & saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 187-192, 2000.

TAHARA, A. K.; CARNICELLI FILHO, S.; SCHWARTZ, G. M. Meio ambiente e atividades de aventura: significados de participação. **Motriz**, Rio Claro, v. 12, n. 1, p. 59-64, jan./abr. 2006. Disponível em: < <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/61/42> >. Acesso em: 3 jan. 2012.

TAHARA, A. K.; DIAS, V. K.; SCHWARTZ, G. M. A aventura e o lazer como coadjuvantes do processo de Educação Ambiental . **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 9, n. 1, p. 1-12, jan./jun. 2006.

TAHARA, A. K.; SCHWARTZ, G. M. Atividades de aventura na natureza: investindo na qualidade de vida. **Lecturas Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, ano 8, n. 58, p. 1-1, mar. 2003. Disponível em: < <http://www.efdeportes.com/efd58/avent.htm> >. Acesso em: 12 jan. 2012.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

THOMPSON, S. C. G.; BARTON, M. A. Ecocentric and anthropocentric attitudes toward the environment. **Journal of Environmental Psychology**, London, v. 14, n. 2, p.149-157, jun. 1994. Disponível em: < <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0272494405801689> >. Acesso em: 4 mar. 2011.

UVINHA, R. R. **Juventude, lazer e esportes radicais**. Manole: Barueri, 2001.

ARTIGO 2

O segundo artigo, apresentado a seguir, explora os resultados advindos da aplicação da caracterização da amostra e da Escala de Ecocentrismo e Antropocentrismo de Thompson e Barton. Esse artigo foi submetido à Revista Estudos de Psicologia (Natal) para publicação (conforme ANEXO D). Sendo assim, o artigo segue as normas técnicas do periódico, mantendo a versão original submetida e diferindo da formatação do restante da dissertação.

Atitude e comportamento pró-ambiental de condutores de atividades de aventura

Attitudes and pro-environmental behavior of adventure activities guides

Juliana de Paula Figueiredo
Gisele Maria Schwartz

Resumo

Este estudo, de natureza qualitativa, objetivou investigar as atitudes e o comportamento ambiental de condutores de atividades de aventura e suas relações com a consciência a respeito do compromisso e da disseminação do conhecimento sobre Educação Ambiental para os praticantes. O estudo constou de pesquisa exploratória, utilizando-se como instrumentos para a coleta de dados um questionário de caracterização da amostra contendo questões abertas e fechadas e a Escala de Ecocentrismo e Antropocentrismo de Thompson e Barton (1994). A amostra intencional foi composta por 24 condutores de atividades de aventura atuantes nos principais polos dessas vivências. Os resultados indicam que nem todos os condutores estão conscientes de seu papel no que se refere à construção de valores ambientais para os praticantes, possuindo, em sua maioria, atitude ecocêntrica. Torna-se necessária mais atenção no que se refere ao processo de formação desses condutores, para ampliar esta conscientização, aprimorando valores e atitudes pró-ambientais.

Palavras-chave: atitude; comportamento; atividades de lazer.

Abstract

This qualitative study aimed at investigating the attitudes and the environmental behavior of adventure activities' guides and their awareness about the commitment and knowledge dissemination on environmental education for practitioners. The study consisted of a survey, using as instruments for data collection a questionnaire to characterize the sample, composed by open and closed questions and the Thompson and Barton's (1994) Ecocentrism and Anthropocentrism Scale. The intentional sample was comprised of 24 adventure activities guides from the main ecotourism poles. The results indicate that not all guides are aware of their role in relation to the construction of environmental values for practitioners, possessing, mostly an ecocentric attitude. More attention with regard to the formation process of these guides is required to extend this awareness, enhancing values and pro-environmental attitudes.

Keywords: attitude; behavior; leisure activities.

Introdução

As relações estabelecidas pelos seres humanos com o meio ambiente têm ganhado grande destaque na contemporaneidade, decorrentes de diversos fatores, entre eles, as necessidades e insatisfações internas propiciadas pelas vivências cotidianas em ambiente urbano. Na mesma perspectiva, as discussões acerca dos requeridos valores, atitudes e comportamentos pró-ambientais envolvendo o contato com a natureza, representam inquietações, na tentativa de se compreender os aspectos subjetivos que perpassam o envolvimento humano com essas questões ambientais.

De acordo com Schultz e Zelezny (1999), os valores humanos se referem às metas e normas pelas quais os indivíduos se orientam. Estes são constituídos por meio da interação do

sujeito com outras pessoas, objetos e instituições, envolvendo os aspectos racionais e emocionais presentes em seu enredo psíquico, em estreita relação com seu sistema afetivo (Araújo, 2001).

As atitudes ambientais, por sua vez, estão relacionadas às crenças dos indivíduos, sendo permeadas por sentimentos favoráveis ou desfavoráveis em relação ao meio ambiente (Coelho, Gouveia, & Milfont, 2006). No que se refere aos sentimentos favoráveis, Thompson e Barton (1994) apregoam que as atitudes pró-ambientais podem ser do tipo ecocêntricas, nas quais os indivíduos valorizam a natureza pelo seu valor intrínseco, ou do tipo antropocêntrica, sendo esta uma valorização pautada no interesse por melhor qualidade de vida para o próprio ser humano, ou seja, de forma utilitarista.

Em relação ao comportamento pró-ambiental, Corral-Verdugo (2000) enfatiza que este está relacionado a uma união de ações direcionadas, decididas e efetivas, as quais correspondem a condições ambientais e pessoais, a fim de proteger o meio. Alguns pesquisadores, como Stern e Dietz (1994), bem como, Schultz e Zelezny (1999), defendem a existência de uma estreita relação entre os valores, atitudes e comportamentos, apontando que os mesmos exercem influência entre si.

Porém, Thompson e Barton (1994) não são tão favoráveis a esta afirmação. De acordo com estas autoras, nem sempre as pessoas se comportam de acordo com suas atitudes, havendo, assim, uma dificuldade em se manter comportamentos conservacionistas.

Nesse sentido, diversos estudiosos buscam compreender as atitudes e comportamentos ambientais de diversos públicos, sejam eles praticantes de atividades em ambiente natural (Moreira, 2007), estudantes universitários (Neiman, 2007; Amérigo, Aragonés, & García, 2012), crianças (Larson, Green, & Castleberry, 2011), trabalhadores do setor industrial (Campos & Pol, 2010), professores universitários (Natali, 2012), dentre outros, inclusive, que

buscam apresentar novas estratégias para melhor qualificar a relação humana com o ambiente natural (Ribeiro, 1988). Esta preocupação decorre da premência em se ampliar as condições de conscientização sobre o compromisso das diversas áreas de estudo com relação à disseminação de valores e a adoção de condutas conservacionistas.

No entanto, ainda que este tema já perpassasse alguns campos de conhecimento, nota-se que algumas ações educativas ainda são insípidas e ineficientes, no que tange à construção desses valores. Isto reforça a necessidade de outras estratégias, especialmente aquelas em que os indivíduos possam ser colocados *in loco*, em contato com a natureza, no sentido de procurar despertar novos sentimentos de afinidade com o ambiente.

Ao se pensar por este prisma percebe-se que pouca atenção tem sido dada aos condutores de atividades de aventura, profissionais que têm o contanto direto com uma demanda cada vez mais crescente de praticantes, interessados nas vivências em ambiente natural. Estes profissionais, com base em seus exemplos e na forma da atuação, têm uma excelente oportunidade de reforçar os valores ambientais, para um público bastante variado, composto, desde crianças, jovens e adultos, a empresários e outros atores sociais. Assim, eles podem ter a oportunidade de exercer influência positiva e persuasiva sobre estes indivíduos nesse ambiente das atividades de aventura, dependendo de sua própria atitude ambiental, fato que despertou o interesse deste estudo.

As atividades de aventura na natureza se referem às práticas vivenciadas durante o tempo livre, as quais são constituídas por inúmeros aspectos simbólicos, influenciados pelo imaginário coletivo, podendo proporcionar sensações e emoções, em contato com diferentes ambientes naturais (terra, gelo, neve, água ou ar). Elas são permeadas pela ideia do risco controlado, que envolve diversos elementos, como o avanço tecnológico e a preparação de um profissional para atuar neste âmbito, atribuindo-lhes esta noção de segurança (Betrán &

Betrán, 1995; Marinho, 2004; Schwartz, 2006). Entre as diversas modalidades envolvidas com estas práticas, foram selecionadas três atividades para este estudo, a fim de representar os diferentes ambientais naturais onde elas são realizadas. São elas: montanhismo, *rafting* e *paraglider*.

O montanhismo se refere à prática esportiva de subir montanhas e elevações rochosas, seja por meio de caminhadas ou de escaladas, contendo diferentes graus de dificuldade e tempos de duração. O montanhismo em si compreende diversas atividades vivenciadas conjuntamente e suas práticas derivadas: caminhadas em montanha (de curta e longa distâncias, podendo incluir pernoites); escalada em rocha (esportiva e tradicional); escalada em gelo e neve; alta montanha; *bouldering* e escalada em muros artificiais ou *indoor* (Federação de Montanhismo do Estado do Rio de Janeiro, 2012).

No que concerne ao *rafting*, este consiste na descida a corredeiras de rios, em botes infláveis, com capacidade para cinco a doze pessoas. Esta atividade exige coordenação nas remadas e um bom entrosamento entre todos os praticantes, o que favorece o trabalho em equipe e a cooperação (Carnicelli, 2005).

Já o *paraglider* (termo em inglês), também conhecido como parapente (termo em francês), é um esporte aéreo, no qual o voo é realizado por asa não motorizada, utilizando um paraquedas adaptado para ganhar altitude, representando uma das versões do voo livre. Este esporte surgiu com os montanhistas, os quais utilizavam este equipamento para facilitar as descidas, após longas escaladas (Pimentel, 2006).

Com base nas emoções que perpassam as experiências exitosas, decorrentes desse envolvimento humano com a natureza por intermédio dessas práticas, podem ser favorecidos espaços para maior nível de conscientização ambiental, o que torna a figura do condutor um forte aliado nesse processo. Neste sentido, torna-se importante averiguar se os condutores de

atividades de aventura apresentam essa atitude pró-ambiental, assim como, se estão preocupados em colaborar com a construção do comportamento pró-ambiental dos praticantes destas vivências. De acordo com Coelho, Gouveia e Milfont (2006), investigações acerca dos valores e atitudes ambientais, bem como, as suas possibilidades de modificações, podem favorecer intervenções que contribuam para a construção de novos comportamentos.

Diferentes instrumentos têm sido utilizados nos estudos, com a finalidade de investigar as atitudes e comportamentos ambientais, tais como, a Escala de Preocupação Ambiental (Weigel & Weigel, 1978), a Escala NEP (New Environmental Paradigm) (Dunlap & Van Liere, 1978) e o Questionário de valores de Schwartz (Schwartz, 1992, 1994). Entretanto, são raros os que já estão validados e adaptados para serem utilizados em coletas de dados sobre a população brasileira, e ainda mais raros são os que envolvem as vivências de atividades de aventura, elementos bastante significativos e repletos de fatores emocionais, nas quais a relação humana com o ambiente se fortalece.

Um desses instrumentos é a Escala de Ecocentrismo e Antropocentrismo (Thompson & Barton, 1994), a qual foi selecionada para este estudo. Como aponta Pinheiro et al. (2005), este instrumento parece se adequar mais ao público brasileiro, por conter afirmativas de fácil compreensão e adequadas ao contexto social e cultural brasileiro.

Este estudo teve por objetivo investigar se os condutores de atividades de aventura estão conscientes do seu compromisso no que se refere à disseminação do conhecimento sobre Educação Ambiental com os praticantes, bem como, investigar as atitudes e comportamentos ambientais desses condutores.

Método

Este estudo, de natureza qualitativa, foi desenvolvido por meio de pesquisas bibliográfica e exploratória. Para o desenvolvimento da pesquisa exploratória, inicialmente,

foi aplicado um questionário para se proceder à caracterização da amostra, contendo dados sobre sexo, idade, nível de escolaridade, motivação para a atuação com atividades de aventura, modalidade com a qual atua, tempo de atuação, capacitação para atuação e mais duas questões referentes à Educação Ambiental.

Em seguida, foi utilizada a Escala de Ecocentrismo e Antropocentrismo (Escala T&B), a qual foi idealizada por Thompson e Barton (1994) e traduzida para o português por Pinheiro et al. (2005). Este instrumento corresponde a uma escala do tipo *Likert*, contendo 5 pontos (discordo muito; discordo; indiferente; concordo; concordo muito), na qual os sujeitos devem apresentar o nível de concordância com cada uma das 33 afirmativas. Sua finalidade neste estudo é analisar as dimensões ecocêntricas, antropocêntricas e de apatia ambiental, referentes às atitudes e comportamentos pró-ambientais dos condutores de atividades de aventura.

A amostra intencional participante do estudo foi composta por 24 condutores de atividades de aventura de vivências em água; terra, gelo, neve; e ar, sendo eles: 10 condutores de *rafting* da cidade de Brotas/SP; 7 condutores de montanhismo da cidade de Campinas/SP; 7 condutores de *paraglider* das cidades de Poços de Caldas/MG e Andradadas/MG. A escolha destas cidades se justificativa por serem consideradas polos constantes de oferta dessas modalidades. Como critério de inclusão no estudo levou-se em consideração indivíduos adultos, de ambos os sexos, com experiência mínima de um ano de atuação com as atividades de aventura.

Para o procedimento de coleta de dados, inicialmente, entrou-se em contato com cada um desses condutores de atividades de aventura nas cidades determinadas, com o intuito de convidá-los para participação no estudo e explicitar os objetivos pretendidos, bem como, esclarecer os conteúdos a serem investigados e a forma de preenchimento dos instrumentos. Com base na anuência dos sujeitos para participação no estudo, solicitou-se a assinatura do

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), seguindo-se todos os procedimentos éticos exigidos pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Biociências da UNESP - Campus de Rio Claro, no qual o estudo foi aprovado, por meio do número de protocolo 1905. A coleta de dados foi realizada de maio a setembro de 2012.

Os resultados provenientes da aplicação dos instrumentos foram analisados de forma descritiva, por meio da técnica de Análise de Conteúdo (Bardin, 1977/2010) e ilustrados numericamente, de modo percentual, para melhor visualização dos mesmos. Segundo Bardin (1977/2010), esta técnica permite adentrar na realidade do universo pesquisado, descrevendo os resultados do estudo de modo sistemático e objetivo, favorecendo a compreensão das respostas emitidas pelos sujeitos da pesquisa.

Resultados e discussão

Fez parte deste estudo uma amostra intencional composta por 24 condutores de atividades de aventura, atuantes nas modalidades *Rafting* (41,67%), Montanhismo (29,17%) e *Paraglider* (29,17%). Destes, 87,5% eram do sexo masculino e 12,5% do sexo feminino, os quais apresentaram idade média de $30,37 \pm 7,37$ anos e tempo médio de atuação de $9,25 \pm 5,02$ anos.

Em relação ao nível de escolaridade, 41,67% possuíam o Ensino superior completo, sendo listados os cursos de Educação Física, Turismo, Ecoturismo e Turismo de Aventura, Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, Administração, Comércio Exterior; 33,33% o Ensino médio completo; 8,33% o Ensino fundamental completo; 8,33% o Ensino superior incompleto em Psicologia; 8,33% dos condutores possuem Especialização, sendo nos cursos de Yoga e o outro de Fisiologia, Bioquímica e Treinamento Esportivo; 4,17% possuíam o Ensino fundamental incompleto; e 4,17% o Ensino médio incompleto. Nesta perspectiva,

destaca-se que a maioria dos condutores investigados era do sexo masculino e já possuía formação em nível superior, nas mais diversas áreas.

Torna-se importante enfatizar os aspectos referentes ao envolvimento das mulheres com os esportes e as atividades em geral. Goellner (2000) evidencia que, desde a década de 30, já existiam contraposições, nas quais, ao mesmo tempo em que se incentivam as mulheres a desfrutarem de liberdade, igualdade e participação ativa na sociedade, havia a cobrança em preservar os deveres e valores femininos, como os cuidados com o lar e filhos. Esses fatores também podem contribuir, ainda hoje, para esta menor participação das mulheres na atuação com as atividades de aventura.

Quanto ao nível de escolaridade dos condutores, em um estudo realizado em 2006 por Schwartz e Carnicelli, focalizando apenas condutores de *rafting* de Brotas/SP, os autores constataram que a maioria não possuía formação em nível superior. No entanto, de acordo com os resultados encontrados neste presente estudo, focalizando condutores de diversas modalidades, pode-se observar que os mesmos vêm se preocupando mais com a qualificação profissional. Entretanto, o conteúdo equivalente à formação universitária está pulverizado em diferentes cursos, o que torna essa formação ainda superficial, carecendo complementações, por meio de outros cursos de capacitação, os quais permitam o desenvolvimento mais amplo das temáticas que envolvem esta profissão.

As questões abertas permitiram mais de uma resposta de cada participante, o que enriqueceu sobremaneira os resultados expressos. Sendo assim, quando indagados sobre o que os motivou a serem condutores de atividades de aventura, 37,5% dos sujeitos pesquisados destacaram o contato com a natureza, envolvendo o gosto pela mesma, o conhecimento proporcionado ao estar em um ambiente natural, bem como, o prazer e as experiências

vivenciadas nestes locais. Em seguida, 33,33% citaram como aspecto motivacional a identificação com as atividades de aventura.

Para 25% dos condutores investigados, o relacionamento interpessoal é o fator de motivação para a escolha desta atuação, envolvendo o prazer de estar entre pessoas, assim como, o fato de conhecer novas pessoas, o cuidado com elas, a possibilidade de trabalhar com o que gosta e o dinamismo ao se trabalhar com pessoas. Outros 12,5% apontaram o desejo de agregar o gosto pelas atividades de aventura com o trabalho, gerando diversão e prazer.

Na sequência, 8,33% dos sujeitos afirmaram terem como motivo dessa opção simplesmente a aquisição de um emprego e a condição concreta de renda mensal. Por fim, representando 4,17% dos participantes, contendo apenas uma incidência em cada desses motivos, foram elencados: trabalhar ao ar livre, satisfação em ver o cliente feliz durante a atividade, observação da necessidade de condutor na modalidade, sensações e emoções proporcionadas pelas atividades de aventura, curiosidade, pelo fato das atividades de aventura ser o ponto fundamental do turismo na cidade, desejo de praticar novos esportes, qualidade de vida, técnicas envolvidas e espírito aventureiro.

Esses dados encontrados diferem dos resultados do estudo de Figueiredo (2012), o qual apregoa que a maioria dos espeleólogos entrevistados em sua pesquisa começou a atuar motivados por espeleólogos mais velhos. No caso do presente estudo, esse aspecto referente à influência de outras pessoas não apareceu nos motivos destacados pelos condutores participantes.

Um motivo citado que merece ser destacado é o referente à possibilidade de se conseguir emprego e renda mensal. Apesar de ser um fator positivo, esse referente à perspectiva de as atividades de aventura proporcionarem oportunidades de emprego, esta

motivação pode estar vinculada a uma atuação pautada apenas em interesses secundários e não ser, necessariamente, desenvolvida de maneira comprometida.

No que concerne à capacitação para atuar com atividades de aventura, todos os condutores pesquisados afirmaram ter participado de cursos de formação. No entanto, quando indagados se este curso abordou a Educação Ambiental, apenas 54,17% responderam positivamente e os outros 45,83% afirmaram que este tema não foi contemplado.

Quando os condutores foram questionados a respeito do que entendiam sobre Educação Ambiental, 66,67% citaram propostas de ações, tais como não jogar lixo no rio, exploração sustentável e trabalhar sem causar danos e respeitando a natureza. Já 54,17% se referiram aos aspectos educacionais, justificando ser esta uma prática de ensino pela qual as pessoas são conscientizadas quanto à preservação, conservação, sustentabilidade e ao cuidado com o meio ambiente para as atuais e futuras gerações, buscando transmitir a melhor relação que se deve ter com o meio ambiente, bem como, o bom uso dos recursos naturais.

Entre os profissionais investigados no estudo, 12,5% apontaram a relação ser humano-natureza como o entendimento a respeito de Educação Ambiental. Por fim, um condutor, representando 4,17% dos sujeitos, afirmou não entender muita coisa sobre Educação Ambiental, embora tenha relatado que pede aos seus clientes que contribuam com a preservação.

Ainda que muitos dos sujeitos investigados não tenham tido abordagens da Educação Ambiental em sua formação para a atuação com as atividades de aventura, pode-se constatar que mais do que 50% destes participantes compreendem a amplitude que é a Educação Ambiental, não apenas voltada às ações, mas englobando todo o processo educacional. Isto evidencia que grande parte dos participantes se encontra no caminho certo, quanto a este quesito.

Ao focalizar a Educação Ambiental, Alves et al. (2010) salientam que esta deve estar aberta ao diálogo entre a teoria e a prática, informação, ação, dentre outros, não devendo estar restrita apenas ao âmbito científico. A Educação Ambiental deve estar ao alcance de todos, com o intuito de melhorar a relação do ser humano com o meio ao seu redor.

Vale ressaltar que um dos condutores assumiu não ter um bom embasamento sobre Educação Ambiental. Neste aspecto, Marinho e Inácio (2007) apregoam que, para que haja uma atuação ética durante as atividades de aventura, torna-se necessário que os cursos de formação contemplem, além dos conteúdos formais, outros saberes e que sejam envolvidos em processos motivacionais de caráter partilhado, solidário e transformador, o que poderia revigorar a perspectiva da Educação Ambiental.

Em seguida, os sujeitos participantes da pesquisa foram investigados sobre o que pensavam a respeito do papel do condutor na transmissão de conhecimentos sobre Educação Ambiental. O aspecto mais citado foi o de responsabilidade, no qual 66,67% acreditam que o papel do condutor é primordial no processo de disseminação da Educação Ambiental, sendo também de sua responsabilidade transmitir a importância em contribuir com a preservação ambiental e a sustentabilidade, devendo se preocupar com as questões ambientais e compartilhar seus conhecimentos.

Para 25% dos sujeitos pesquisados, seu papel está pautado no aspecto da relação condutor-cliente, afirmando que eles representam a ligação entre o cliente e a natureza, pela facilidade em conquistar os clientes e transmitir os conhecimentos ambientais. Outros pontos evidenciados giram em torno de terem influência sobre seus clientes, representando um exemplo para eles e por inserirem os praticantes novatos na natureza, devendo, assim, mostrar os melhores comportamentos em relação à fauna, flora e às comunidades locais.

Já 16,67% apontaram o aspecto de dependência da natureza, ressaltando que é por meio da natureza que vem seu sustento, que dependem, tanto profissionalmente, quanto fisicamente do meio ambiente e que é este também o espaço para vivenciar as atividades do contexto do lazer, devendo, assim, cuidar e respeitar a natureza.

Por fim, contendo apenas uma incidência sobre qual seria o papel do condutor na transmissão de conhecimentos sobre Educação Ambiental, representando 4,17% dos condutores investigados, foram destacados os seguintes itens: que os condutores representam mais um dos vários meios de educação e conscientização ambiental; que este não é o papel principal em sua atuação, mas, quando tem alguma oportunidade durante a atividade é reforçado este conhecimento; que é importante, porém complicado, pois, como as pessoas são muito consumistas, se tornam difíceis o entendimento e o cumprimento dos conhecimentos sobre Educação Ambiental; e que, embora seja importante, no curso não é ensinado, tornando-se relevante disseminar a ideia de se trabalhar o processo de Educação Ambiental durante a formação dos condutores de atividades de aventura.

Felizmente, a grande maioria dos condutores reconhece a importância do seu papel na difusão do conhecimento ambiental, acreditando ser responsável por este processo, bem como, um meio facilitador, devido à relação que estabelecem com os praticantes. Sendo assim, os condutores de atividades de aventura, ao compartilharem seus conhecimentos, experiências e identidades, podem se manifestar como um sujeito ecológico, o qual, de acordo com Carvalho (2001), representa um indivíduo que se apresenta à sociedade como um modelo ético presente no mundo, permeado por diversos atributos e valores positivos.

Porém, um dos condutores investigados ainda acredita que este papel referente à difusão da Educação Ambiental não seja sua função principal durante a atuação profissional. Assim, os envolvidos com as atividades de aventura realizadas em ambiente natural

necessitam repensar sobre o meio ambiente, no que tange a três aspectos interdependentes: prática, conservação ambiental e processo educativo (Marinho, 2004). Não basta apenas que os profissionais conduzam a atividade, mas eles devem estar conscientes do seu compromisso ambiental e de seu papel educativo durante estas vivências e de sua possibilidade de reforçar os fatores motivacionais que levam os indivíduos à adoção de atitudes e condutas positivas.

Para melhor compreensão acerca destas tendências de personalidade dos condutores de atividades de aventura, a seguir, são apresentados os resultados da aplicação da Escala de Ecocentrismo e Antropocentrismo (Escala T&B). As categorias adotadas foram as mesmas estabelecidas por Thompson e Barton (1994) ao idealizarem esta escala, sendo elas: Ecocentrismo, Antropocentrismo e Apatia Ambiental.

Categoria 1 – Ecocentrismo

A categoria Ecocentrismo está relacionada a atitudes positivas em relação ao meio ambiente, por meio da valorização da natureza por si própria e pelo seu valor intrínseco, havendo uma relação de afeto positivo com a natureza e de uma conexão entre os seres humanos e os animais. A tabela 1 apresenta as porcentagens de sujeitos para cada número assinalado na escala, de acordo com as afirmativas apresentadas.

Tabela 1

Escala de Ecocentrismo e Antropocentrismo (Escala T&B) - Categoria Ecocentrismo.

Afirmativas	DM (%)	D (%)	I (%)	C (%)	CM (%)
Uma das piores coisas da superpopulação é que muitas áreas naturais estão sendo destruídas pelo desenvolvimento.	4,17	4,17	8,33	41,67	41,67
Gosto de passar algum tempo em ambientes naturais pelo simples fato de estar em contato com a natureza.	0	0	0	33,33	66,67
É entristecedor ver as matas serem destruídas para uso da agricultura e da pecuária.	0	16,67	12,5	25	45,83
Prefiro as reservas naturais aos zoológicos.	4,17	0	12,5	29,17	54,17
Preciso passar algum tempo junto à natureza para ser feliz.	4,17	8,33	20,83	29,17	37,5
Quando me sinto triste encontro conforto na natureza.	4,17	12,5	33,33	29,17	20,83

Fico triste ao ver o ambiente natural destruído.	0	0	4,17	12,5	83,33
A natureza é valiosa, independente de qualquer coisa.	0	0	0	8,33	91,67
Estar na natureza é um grande redutor de stress para mim.	0	0	12,5	41,67	45,8
Uma das razões mais importantes para conservar o ambiente é a preservação de áreas selvagens.	0	4,17	8,33	54,17	33,33
Às vezes os animais me parecem quase humanos.	0	4,17	33,33	50	12,5
Seres humanos fazem parte do ecossistema, assim como outros animais.	0	0	0	33,33	66,67

DM – Discorda muito da afirmativa

D – Discorda da afirmativa

I – Indiferente, ou seja, nem concorda nem discorda da afirmativa

C – Concorda com a afirmativa

CM – Concorda muito com a afirmativa

Fonte: Elaborada pelo autor.

No que se refere à categoria Ecocentrismo, a maioria dos condutores de atividades de aventura participantes da pesquisa concordou com as afirmativas, evidenciando, assim, que estes sujeitos apresentam uma grande tendência às atitudes ecocêntricas. Isto pode ser confirmado com o exemplo da afirmativa “a natureza é valiosa, independente de qualquer coisa”, com a qual mais de 90% dos condutores concordaram muito, mostrando que estes sujeitos valorizam a natureza pelo seu valor intrínseco, característica marcante de indivíduos ecocêntricos (Thompson & Barton, 1994).

Moreira (2007), ao realizar uma pesquisa na área da Motricidade Humana, aplicou a Escala T&B com sujeitos adultos antes, durante e após realizarem uma caminhada longa e constatou que a atitude prevalente também foi a ecocêntrica, assim como no presente estudo. A autora ainda aponta que os participantes de sua pesquisa apresentaram como principal motivação para realizarem a caminhada, o contato com a natureza.

A afirmativa ligada ao gosto de estar em ambientes naturais pelo simples contato com a natureza também apresentou um alto nível de concordância pelos condutores de atividades de aventura participantes desta pesquisa (66,67%). Esse dado corrobora, ainda, as respostas preenchidas na caracterização da amostra, nas quais muitos condutores de atividades de aventura relataram que a principal motivação para atuarem com estas atividades é o gosto e o contato com a natureza, refletindo em atitudes e condutas de afeto e valores positivos com o meio ambiente, correspondendo às atitudes ecocêntricas.

Entretanto, Corral-Verdugo (2001) apregoa que, embora o indivíduo possua atitudes ambientais ecocêntricas ou de integração com a natureza, o seu comportamento pode ser contrário a essa tendência, devido à dificuldade de exercer o comportamento pró-ambiental. Essa afirmação vai ao encontro da Teoria da Dissonância Cognitiva, proposta por Festinger (1957), o qual salienta que, nem sempre, as atitudes definem, *a priori*, as condutas (comportamentos e ações). Sendo assim, em relação ao meio ambiente, os indivíduos podem não se comportar efetivamente de acordo com o que acreditam, apresentando, assim, atitude positiva, porém, conduta negativa, representando a Dissonância Cognitiva, aspecto que necessita melhor elucidação em outros estudos.

Categoria 2 – Antropocentrismo

A categoria Antropocentrismo também está associada a atitudes positivas em relação ao meio ambiente, porém diferindo das atitudes ecocêntricas, uma vez que essa preocupação com o meio ambiente, no sentido do mesmo ser protegido, agora, está pautada no intuito de garantir a própria sobrevivência e a melhoria da qualidade de vida dos próprios seres humanos, colocando a natureza em plano secundário de valorização. A tabela 2 apresenta as porcentagens de sujeitos para cada número assinalado na escala, de acordo com as afirmativas apresentadas.

Tabela 2

Escala de Ecocentrismo e Antropocentrismo (Escala T&B) - Categoria Antropocentrismo.

Afirmativas	DM (%)	D (%)	I (%)	C (%)	CM (%)
A pior coisa a respeito da perda das florestas tropicais é que o desenvolvimento de novos medicamentos será prejudicado.	8,33	8,33	37,5	37,5	8,33
O melhor de acampar é que é uma forma barata de passar férias.	8,33	37,5	25	20,83	8,33
Me preocupa que os seres humanos fiquem sem sua reserva de petróleo.	25	33,33	16,67	25	0
Ciência e tecnologia resolverão nossos problemas de poluição, de superpopulação e de recursos naturais cada vez mais limitados.	33,33	20,83	16,67	25	4,17
O que mais me preocupa a respeito do desmatamento é que não haverá madeira (nativa) para as gerações futuras.	25	12,5	29,17	20,83	12,5

Uma das razões mais importantes para manter lagos e rios limpos é que as pessoas tenham um local para se divertir na água.	33,33	29,17	12,5	25	0
A razão mais importante para conservação ambiental é a sobrevivência humana.	0	8,33	4,17	54,17	33,33
Uma das melhores coisas sobre a reciclagem é que economiza dinheiro.	20,83	45,83	12,5	16,67	4,17
A natureza é importante porque pode contribuir para o prazer e bem-estar humanos.	0	0	8,33	45,83	45,83
Precisamos preservar os recursos para manter uma alta qualidade de vida.	0	0	8,33	33,33	58,33
Uma das razões mais importantes para conservar o ambiente é assegurar um padrão de vida bom e contínuo.	0	8,33	8,33	58,33	25
O uso contínuo das terras para agricultura é uma boa ideia desde que isso não interfira na qualidade de vida.	8,33	16,67	29,17	37,5	8,33

DM – Discorda muito da afirmativa

D – Discorda da afirmativa

I – Indiferente, ou seja, nem concorda nem discorda da afirmativa

C – Concorda com a afirmativa

CM – Concorda muito com a afirmativa

Fonte: Elaborada pelo autor.

Em relação à categoria Antropocentrismo, observa-se que diminuiu a quantidade de sujeitos que concordaram com as afirmativas, não sobrepondo, assim, a dimensão ecocêntrica. Alguns dos condutores de atividades de aventura participantes do estudo tendem a apresentar valores antropocêntricos, como pode ser notado na afirmativa “precisamos preservar os recursos para manter uma alta qualidade de vida”, a qual apresentou um alto nível de concordância.

Em um recente estudo de Campos e Pol (2010), os resultados apontam que trabalhadores ligados ao setor industrial, que são de empresas não certificadas com Sistema de Gestão Ambiental (SGA) e de empresas não certificadas, mas com política ambiental, apresentam maior pontuação às crenças ambientais do tipo antropocêntricas, do que aqueles vinculados a empresas certificadas por este sistema. Semelhante a esta perspectiva, vale ressaltar que muitos condutores de atividades de aventura, participantes da presente pesquisa, relataram não ter sido contemplada, em sua formação profissional, a Educação Ambiental, podendo ser este um dos motivos que levaram alguns condutores a apresentarem atitudes antropocêntricas. Embora possa ser estabelecida esta relação, os dados deste presente estudo difere dos resultados encontrados por Campos e Pol, uma vez que os condutores de atividades

de aventura tiveram maiores níveis de respostas concordantes com as atitudes de ordem ecocêntricas.

Outro aspecto que pode ter levado muitos condutores a concordarem com a afirmativa “a natureza é importante porque pode contribuir para o prazer e bem-estar humanos” é o fato de o prazer ser uma das principais sensações que motivam as pessoas a procurarem as atividades de aventura (Kerr & Mackenzie, 2012). Neste sentido, estes sujeitos podem ter valorizado este aspecto, devido ser uma sensação que estará presente no seu ambiente de trabalho, assim como relatado anteriormente pelos condutores, no que se refere à dependência da natureza para seu sustento e também para a prática das atividades de aventura em seus momentos destinados ao lazer. Nesse sentido, apresentam, assim, uma característica utilitarista da natureza, condizente com a perspectiva das atitudes antropocêntricas, assim como evidenciam Thompson e Barton (1994).

Moreira (2007), após realizar seu estudo, afirmou que, no que tange ao fomento de comportamentos positivos por meio das atitudes pró-ambientais, os resultados apontaram que elas dependem, tanto da atitude ecocêntrica, por envolver os valores ambientais abstratos, quanto da atitude antropocêntrica, ligada à gestão de recursos e de conflitos socioambientais. Os resultados do presente estudo corroboram os de Moreira, uma vez que os condutores investigados também apresentaram atitudes ecocêntricas e antropocêntricas, simultaneamente, ainda que em diferentes proporções.

Segundo Thompson e Barton (1994), indivíduos com crenças antropocêntricas também podem se apresentar preocupados com o meio ambiente, embora interessados nos benefícios materiais que isso pode lhes proporcionar, apresentando, assim, uma postura egoísta em relação ao comportamento pró-ambiental. Portanto, de acordo com estas autoras, as duas atitudes podem estar presentes no mesmo sujeito.

No entanto, Thompson e Barton (1994) salientam que os sujeitos antropocêntricos tendem a ser mais apáticos em relação ao meio ambiente e são menos suscetíveis a apresentarem comportamentos de conservação, ao passo que os indivíduos ecocêntricos são mais propensos a apresentarem atitudes pró-ambientais e comportamentos conservacionistas. Portanto, de acordo com estas autoras, os programas que visam ao trabalho de despertar a preocupação ambiental em crianças e adultos devem priorizar o comportamento ecocêntrico, ao invés do antropocêntrico. Nesta perspectiva, torna-se essencial que os condutores de atividades de aventura estejam conscientes, prioritariamente, sobre suas atitudes e comportamentos ecocêntricos, para que possam transmitir aos seus clientes durante as vivências, atingindo os objetivos educativos.

Categoria 3 – Apatia ambiental

A categoria Apatia ambiental reflete a falta de interesse pelas questões ambientais e uma crença geral de que os problemas nesta área têm sido exagerados. A tabela 3 apresenta as porcentagens de sujeitos para cada número assinalado na escala, de acordo com as afirmativas apresentadas.

Tabela 3

Escala de Ecocentrismo e Antropocentrismo (Escala T&B) - Categoria Apatia ambiental.

Afirmativas	DM (%)	D (%)	I (%)	C (%)	CM (%)
Ameaças ambientais, tais como o desmatamento e a diminuição da camada de ozônio, têm sido exageradamente divulgadas.	16,67	50	20,83	0	12,5
A maioria dos ambientalistas é pessimista e um tanto paranóica.	12,5	33,33	50	4,17	0
Eu acho que o problema do esgotamento de recursos naturais não é tão ruim como se diz.	33,33	37,5	12,5	8,33	8,33
Para mim é difícil estar muito preocupado pelos temas ambientais.	25	33,33	20,83	16,67	4,17
Acho que os seres humanos não dependem da natureza para sobreviver.	66,67	12,5	4,17	0	16,67
A maioria dos problemas ambientais se resolverá por conta própria se lhes for dado tempo suficiente.	16,67	33,33	20,83	25	4,17
Os problemas ambientais não me importam.	79,17	16,67	0	0	4,17
Sou contra programas para preservar lugares selvagens, para reduzir a contaminação e para conservar recursos.	62,5	20,83	4,17	8,33	4,17

Dá-se ênfase excessiva à conservação.	20,83	41,67	12,5	25	0
DM – Discorda muito da afirmativa					
D – Discorda da afirmativa					
I – Indiferente, ou seja, nem concorda nem discorda da afirmativa					
C – Concorda com a afirmativa					
CM – Concorda muito com a afirmativa					
Fonte: Elaborada pelo autor.					

No que se refere à categoria Apatia ambiental, pode-se observar um grande declínio na concordância com as afirmativas, em relação às categorias anteriores, principalmente em relação à categoria Ecocentrismo. Isso evidencia que os condutores de atividades de aventura investigados apresentam baixo nível de atitudes de apatia ambiental.

Ao investigarem estudantes universitários, Pinheiro e Pinheiro (2007) utilizaram questões abertas para que os mesmos pudessem manifestar práticas de cuidado com o meio ambiente e disposição para participar em eventuais campanhas ecológicas futuras. Em seguida, foi realizada uma análise da relação desses dados com a escala de Thompson e Barton (1994), dentre outras escalas, evidenciando que os indivíduos que não praticam cuidado ambiental e que não deixaram o contato para a campanha, apresentaram baixo nível de atitude ecocêntrica e alto nível de apatia ambiental.

O oposto ocorre com os condutores de atividades de aventura investigados na presente pesquisa, os quais se apresentam mais ecocêntricos. Isto pode estar associado à responsabilidade que muitos condutores possuem em relação ao compromisso ambiental e à construção da Educação Ambiental durante a atuação, como evidenciado na caracterização da amostra, em que 66,67% dos condutores acreditam que o seu papel é primordial para contribuir com as questões ambientais e compartilhar seus conhecimentos com os clientes. Entretanto, alguns sujeitos ainda têm uma tendência às atitudes apáticas, mostrando certo descompromisso com sua responsabilidade ambiental, o que evidencia a importância de novas estratégias, no sentido de ajustar essa defasagem.

Considerações finais

Com base nos resultados, ao investigar os condutores de atividades de aventura, pode-se constatar que a maioria apresenta atitudes ecocêntricas e poucos deles possuem atitudes de apatia ambiental, demonstrando, assim, que os mesmos valorizam, de uma maneira intrínseca, seu ambiente de trabalho, ou seja, a natureza, prezando pela boa relação com os demais elementos do meio ambiente e evidenciando o gosto que estes condutores têm pelo contato com o ambiente natural. Nesta mesma perspectiva, grande parte dos profissionais investigados acredita que o condutor é responsável, também, pela disseminação de valores e da Educação Ambiental.

Estes fatores podem representar um bom indicativo, no sentido de uma atuação pautada no compromisso ambiental. Uma vez que as atitudes pró-ambientais já estiverem internalizadas nos condutores, a possibilidade destes profissionais discutirem as questões ambientais com os praticantes se torna mais fácil.

Conquanto possam ser evidenciados todos estes aspectos positivos no que se refere às atitudes e comportamentos dos condutores de atividades de aventura, alguns dos sujeitos investigados não se mostraram favoráveis a estes aspectos, evidenciando a falta de conhecimento e comprometimento com as questões ambientais, as quais podem estar atreladas às vivências das atividades de aventura. Nesse sentido, maior atenção deve ser dada durante os cursos de formação, no que concerne aos conhecimentos sobre Educação Ambiental e à construção de atitudes pró-ambientais de ordem ecocêntrica nos condutores de atividades de aventura, para que estes possam contribuir, de maneira qualitativa, com o despertar da preocupação ambiental com os praticantes, durante a realização destas vivências.

Torna-se importante o desenvolvimento de novos estudos, em diferentes áreas do conhecimento, no intuito de associar à avaliação de atitudes e comportamentos por meio de

autorrelatos e escalas, a observação e acompanhamento da atuação dos condutores de atividades de aventura. Com isto, a efeito de comparação, poder-se-ia realmente perceber se estes profissionais estão correspondendo às suas atitudes positivas, apresentando, efetivamente, comportamento pró-ambiental e contribuindo para a disseminação de valores aos praticantes durante as vivências significativas com a natureza.

Referências bibliográficas

- Alves, D. M. G., Andrade, D. F., Barbosa, C. R., Biasoli, S. A., Bidinoto, V. M., Brianezi, T., Carrara, M., Coati, A. P., Costa-Pinto, A. B., Ferreira, L. E. C., Luca, A. Q., Machado, J. T., Navarro, S. M., Portugal, S., Raimo, A. A., Sacconi, L. V., Sim, E. F. C., & Sorrentino, M. (2010). Em busca da sustentabilidade educadora ambientalista. *Ambientalmente Sustentable*, 1(9-10), 7-35.
- Amérigo, M., Aragonés, J. I., & García, J. A. (2012). Explorando las dimensiones de la preocupación ambiental: una propuesta integradora. *Psyecology: Revista Bilingüe de Psicología Ambiental - Bilingual Journal of Environmental Psychology*, 3(3), 299-311. doi: 10.1174/217119712802845705
- Araújo, U. F. (2001). *Os direitos humanos na sala de aula: a ética como tema transversal*. São Paulo: Moderna.
- Bardin, L. (2010). *Análise de Conteúdo* (Ed. rev. e atual.). Lisboa: Edições70. (Texto original publicado em 1977).
- Betrán, J. O., & Betrán, A. O. (1995). Propuesta de una clasificación taxonómica de las actividades físicas de aventura en la naturaleza: marco conceptual y análisis de los criterios elegidos. *Apunts: Educación Física y Deportes*, 41, 108-123.
- Campos, C. B., & Pol, E. (2010). As crenças ambientais de trabalhadores provenientes de empresa certificada por SGA podem predizer comportamentos pró-ambientais fora da empresa? *Estudos de psicologia (Natal)*, 15(2), 199-206. doi: 10.1590/S1413-294X2010000200009
- Carnicelli, S., Filho. (2005). *Rafting: emoções e sensações no meio natural* (Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro).
- Carvalho, I. C. M. (2001). *A invenção do sujeito ecológico: sentidos e trajetórias em Educação Ambiental* (Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre). Recuperado de <http://hdl.handle.net/10183/3336>

- Coelho, J. A. P. M., Gouveia, V. V., & Milfont, T. L. (2006). Valores humanos como explicadores de atitudes ambientais e intenção de comportamento pró-ambiental. *Psicologia em Estudo*, 11(1), 199-207. doi: 10.1590/S1413-73722006000100023
- Corral-Verdugo, V. (2000). La definición del comportamiento proambiental. *La Psicología Social en México*, 8, 466-472.
- Corral-Verdugo, V. (2001). *Comportamiento proambiental: una introducción al estudio de las conductas protectoras del ambiente*. Santa Cruz de Tenerife, Espanha: Resma.
- Dunlap, R. E., & Van Liere, K. D. (1978). The 'new environmental paradigm': a proposed measuring instrument and preliminary results. *Journal of Environmental Education*, 9, 10-19.
- Federação de Montanhismo do Rio de Janeiro. (2012). *Montanhismo e escalada. Descrição*. Recuperado de <http://www.femerj.org/montanhismo-e-escalada/descricao>.
- Festinger, L. (1957). *A Theory of Cognitive Dissonance*. Stanford, CA: Stanford University Press.
- Figueiredo, L. A. V. (2012). *Imaginário da aventura e as representações sociais das cavernas e das práticas espeleológicas*. In E. A. Pereira, G. M. Schwartz, G. S. Freitas, & J. C. Teixeira (Orgs.), *Esporte e turismo: parceiros da sustentabilidade nas atividades de aventura* (pp. 35-74). Pelotas: UFPel.
- Goellner, S. V. (2000). A educação física e a construção de imagens de feminilidade no Brasil dos anos 30 e 40. *Movimento*, 7(13), 61-70.
- Kerr, J. H., & Mackenzie, S. H. (2012). Multiple motives for participating in adventure sports. *Psychology of Sport and Exercise*, 13(5), 649-657. doi: 10.1016/j.psychsport.2012.04.002
- Larson, L. R., Green, G. T., & Castleberry, S. B. (2011). Construction and validation of an instrument to measure environmental orientations in a diverse group of children. *Environment and Behavior*, 43(1), 72-89. doi: 10.1177/0013916509345212
- Marinho, A. (2004). Atividades na natureza, lazer e Educação Ambiental: refletindo sobre algumas possibilidades. *Motrivivência*, 16(22), 47-69.
- Marinho, A., & Inácio, H. L. D. (2007). Educação física, meio ambiente e aventura: um percurso por vias instigantes. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 28(3), 55-70.
- Moreira, J. C. C. (2007). *Caminho da fé: pedestrianismo, estados emocionais e reflexões sobre a ambiência* (Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro).
- Natali, U. C. (2012). *A influência da consciência ambiental e das atitudes em relação ao consumo na intenção de educadores de ensino superior de utilização de sacolas plásticas*

na cidade de Belo Horizonte (Dissertação de Mestrado, Faculdades Pedro Leopoldo, Pedro Leopoldo).

- Neiman, Z. (2007). *A Educação Ambiental através do contato dirigido com a natureza* (Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo).
- Pimentel, G. G. A. (2006). *Risco, corpo e socialidade no vôo livre* (Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas).
- Pinheiro, J. Q., Gurgel, F. F., Link, M. O., Cortez, A. B. B., Matias, H. J. D., & Pinheiro, T. F. (2005). *A escala de ecocentrismo e antropocentrismo como base de indicadores do vínculo pró-ambiental de estudantes universitários*. [Apostila]. Natal: Grupo de Estudos Inter-ações Pessoa-Ambiente/Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- Pinheiro, J. Q., & Pinheiro, T. F. (2007). Cuidado ambiental: ponte entre psicologia e educação ambiental? *PSICO*, 38(1), 25-34.
- Ribeiro, I. C. (1998). *Ecologia de corpo&alma e transdisciplinaridade em Educação Ambiental* (Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro).
- Schultz, P. W., & Zelezny, L. (1999). Values as predictors of environmental attitudes: Evidence for consistency across 14 countries. *Journal of Environmental Psychology*, 19(3), 255-265. doi: 10.1006/jevp.1999.0129
- Schwartz, G. M. (2006). *A aventura no âmbito do lazer: as AFAN em foco*. In G. M. Schwartz (Org.), *Aventuras na natureza: consolidando significados* (pp. 23-33). Jundiaí: Fontoura.
- Schwartz, G. M., Carnicelli, S., Filho. (2006). (Desin)Formação profissional e atividades de aventura: focalizando os guias de "Rafting". *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 20(2), 103-109.
- Schwartz, S. H. (1992). *Universals in the content and structure of values: Theoretical advanced and empirical tests in 20 countries*. In M. Zanna (Ed.), *Advanced in experimental social psychology* (pp. 1-65). Orlando: Academic Press.
- Schwartz, S. H. (1994). Are there universal aspects in the structure and contents of human values? *Journal of Social Issues*, 50(4), 19-45. doi: 10.1111/j.1540-4560.1994.tb01196.x
- Stern, P. C., & Dietz, T. (1994). The value bases of environmental concern. *Journal of Social Issues*, 50(3), 65-84. doi: 10.1111/j.1540-4560.1994.tb02420.x
- Thompson, S. C. G., & Barton, M. A. (1994). Ecocentric and anthropocentric attitudes toward the environment. *Journal of Environmental Psychology*, 14(2), 149-157. doi: 10.1016/S0272-4944 (05) 80168-9
- Weigel, R., & Weigel, J. (1978). Environmental concern: The development of a measure. *Environment and Behavior*, 10(1), 3-15. doi: 10.1177/0013916578101001

ARTIGO 3

O terceiro artigo, apresentado a seguir, é decorrente dos resultados e reflexões acerca da aplicação da Escala de Intervenção sobre Sensibilização Ambiental (EISA) - para Condutores de Atividades de Aventura. Esse artigo foi submetido à Revista Educação e Pesquisa para publicação (conforme ANEXO E). Sua apresentação seguiu as normas que regem as condições de submissão de textos adotados por este periódico, diferindo da formatação do restante da dissertação.

Educação Ambiental em âmbito não formal: o condutor de atividades de aventura e a sensibilização

Juliana de Paula Figueiredo
Gisele Maria Schwartz

RESUMO

As estratégias de educação ambiental em âmbito formal nem sempre surtem o efeito desejado, por não atingirem com eficiência a sensibilização para alterar valores e condutas pró-ambientais. Assim, outras estratégias do contexto não formal de educação tornam-se importantes coadjuvantes nesse processo. O envolvimento humano com o ambiente natural, promovido pelas atividades de lazer e aventura na natureza, tem sido evidenciado, na literatura especializada, como uma possibilidade de reflexão sobre valores e atitudes relacionadas ao ambiente. Entretanto, poucos estudos abordam os profissionais que conduzem estas atividades, no que concerne à possibilidade de construção desses novos valores. Este estudo, de natureza qualitativa, objetivou investigar as atitudes e estratégias de condutores de atividades de aventura, no que se refere à construção de novas atitudes e disseminação de valores sobre sensibilização ambiental para os praticantes. O estudo constou de pesquisa exploratória, utilizando-se a Escala de Intervenção sobre Sensibilização Ambiental (EISA) - para Condutores de Atividades de Aventura, aplicada a uma amostra intencional de 24 condutores de atividades de aventura em polos de vivência em terra, gelo e neve (montanhismo), água (*rafting*) e ar (*paraglider*). Os resultados indicam que nem todos os condutores estão conscientes do compromisso de sensibilização ambiental, ainda que a maioria já apresente essa conscientização. Notou-se um predomínio pela utilização de estratégias racionais, comumente utilizadas na educação formal, com pouco envolvimento de aspectos de sensibilização. Torna-se premente que os cursos de formação e capacitação destes profissionais promovam a inserção de estratégias pedagógicas diferenciadas e de sensibilização, favorecendo elementos mais significativos na relação com os praticantes.

Palavras-chave: educação não formal; educação ambiental, atividades de aventura.

INTRODUÇÃO

O tema referente à Educação Ambiental tem merecido atenção no âmbito formal da Educação, em que professores e estudiosos procuram elaborar estratégias capazes de difundir os conteúdos de forma eficiente. Nesta perspectiva, Megid Neto, ao organizar um levantamento sobre as pesquisas na área do Ensino de Ciências no Brasil, entre os anos de 1972 a 1995, constatou um total de 572 trabalhos, dos quais 36 abordavam a Educação Ambiental. De acordo com este autor, as pesquisas focalizavam, principalmente, os aspectos referentes ao desenvolvimento da Educação Ambiental no contexto escolar e de práticas pedagógicas (MEGID NETO, 1998).

Neste sentido, observa-se um número crescente de estudos com enfoque para a Educação Ambiental que ocorre nas escolas, refletindo a preocupação sobre esta temática no campo formal da educação. Entretanto, ainda que estes estudos já sinalizem para a preocupação com este conteúdo, as estratégias utilizadas parecem ainda não surtir o efeito desejado.

Muitas vezes, as ações adotadas não se apresentam eficientes, por não atingirem a necessária sensibilização para alterar valores e condutas pró-ambientais. Assim, a concepção de outras estratégias do contexto não formal de educação pode representar um fator importante, no sentido de serem coadjuvantes no processo de construção deste conhecimento e de disseminação do comportamento pró-ambiental, merecendo igualmente atenção.

No que concerne à educação não formal, Gohn (2005) e Campagna (2009) apregoam que esta representa um processo interativo das relações humanas, permitindo a construção de conhecimentos sobre tudo que cerca o indivíduo em seu processo relacional. A educação no âmbito não formal, diferentemente da educação formal, independe de organização comumente vinculada à divisão por faixas etárias, por sexo ou por conteúdo, sendo consolidada na própria cultura e marcada pela espontaneidade em que o processo educativo pode ocorrer.

Esta característica espontânea e mais concreta de construção e aquisição de conhecimento reitera a perspectiva da forte relação estabelecida no momento em que o ser humano interage na natureza, por meio de experiências significativas. Esse contato pode representar um meio facilitador para o despertar de diversos valores e atitudes pró-ambientais, conforme já evidenciam alguns estudos importantes nesse sentido. Segundo Chipeniuk (1995), o indivíduo que possui algum envolvimento com o ambiente natural, estabelece maior

proximidade emocional com este espaço, a partir de algumas vivências, contribuindo para o estreitamento de uma relação, a qual pode favorecer, desta forma, o interesse em conservar este ambiente.

Palmberg e Kuru (2000), ao analisarem atividades desenvolvidas no ambiente natural, constataram que este tipo de vivência desenvolve, nos participantes, maior nível de autoconfiança e sentimentos de segurança, capazes de ampliar o desejo de novas participações em experiências semelhantes e, conseqüentemente, a busca pela conservação daquele meio natural. Além destes aspectos, os participantes tendem a ressaltar um novo significado dado para a natureza, em nível pessoal, e uma forte e clara relação de empatia com a natureza, quando participam desse tipo de atividade.

Ao focalizar uma proposta educacional específica, voltada para a Educação ao Ar Livre, Kunreuther e Ferraz (2012) apregoam que a educação adquirida por meio da experiência vivenciada no ambiente natural facilita o desenvolvimento de sujeitos mais atentos aos aspectos éticos. Além disso, de acordo com os autores, essas atividades realizadas em formato de expedição em um ambiente natural têm, em seu alicerce educacional, a possibilidade de desenvolvimento moral, por meio de experiências que levam o sujeito ao desafio e à reflexão sobre seus valores e atitudes.

Entre as proposta que podem favorecer o envolvimento qualitativo do ser humano com o ambiente natural encontra-se a vivência de atividade de aventura na natureza. De acordo com Schwartz (2009), as próprias características dessas atividades evocam apelos intuitivos, os quais podem contribuir para a mudança de valores ambientais, devido ao impacto afetivo-cognitivo que elas podem causar no indivíduo.

Diante desses pressupostos, pode-se constatar uma perspectiva positiva no que concerne à possibilidade de mudanças de valores, atitudes e condutas pró-ambientais, por meio do contato direto com o ambiente natural, favorecido pelas atividades de aventura. Nestas vivências, o processo educativo também pode estar vinculado de modo bastante eficiente, haja vista que a conscientização ocorre de modo natural.

Entretanto, para que este processo se consolide, torna-se necessária a intervenção segura e competente do condutor dessas atividades. Esse profissional está diretamente envolvido na dinâmica das atividades, sendo importante que esteja consciente de seu papel social na construção de conhecimentos que se processam de modo não formal, assim como,

da oportunidade de reforçar mudanças de valores, seja por meio de sua própria conduta, seja pela utilização de determinadas estratégias capazes de promover novas reflexões.

Poucos estudos refletem sobre o compromisso desses profissionais que conduzem estas atividades realizadas em ambiente natural, no que concerne à possibilidade de construção e difusão de novas atitudes e condutas aos praticantes, principalmente quando se focalizam as atividades de aventura. Sendo assim, este estudo teve por objetivo investigar as atitudes e estratégias de condutores de atividades de aventura, no que se refere às perspectivas de disseminação de valores sobre sensibilização ambiental para os praticantes, durante as intervenções, com base nas atividades de aventura.

MÉTODO

Este estudo, de natureza qualitativa, foi desenvolvido por meio de pesquisas bibliográfica e exploratória. Para a realização da pesquisa exploratória utilizou-se como instrumento para a coleta de dados a Escala de Intervenção sobre Sensibilização Ambiental (EISA) - para Condutores de Atividades de Aventura, a qual foi elaborada especificamente para este estudo. Este instrumento se refere a uma escala do tipo *Likert*, de 5 pontos (discordo fortemente; discordo; nem concordo, nem discordo; concordo; concordo fortemente).

A EISA envolve 24 afirmativas relativas às atitudes e condutas ambientais dos profissionais envolvidos com as atividades de aventura, referentes ao processo de sensibilização ambiental e disseminação de valores. Além disso, este instrumento também é composto por duas questões abertas, no sentido de oferecer um espaço para que o profissional possa expor suas próprias estratégias, criadas no sentido de desenvolver o comportamento pró-ambiental com seus clientes, bem como, o impacto destas estratégias. Esta escala pode ser adotada para investigação de dados com diferentes profissionais, desde professores, até condutores de atividades de aventura, foco central deste estudo.

Esta escala foi inicialmente concebida e passou por processo de validação, com base na análise realizada por três especialistas da área, portadores do título de doutor, procedendo-se, em seguida, às adequações sugeridas e correções necessárias das afirmativas, a fim de adequá-las rigorosamente ao objetivo do estudo. Por fim, elaborou-se o instrumento definitivo, o qual foi aplicado à população alvo deste estudo.

A amostra intencional participante do estudo foi composta por 24 condutores de atividades de aventura de vivências em água; terra, gelo, neve; e ar, sendo eles: 10 condutores

de *rafting* da cidade de Brotas/SP; 7 condutores de montanhismo da cidade de Campinas/SP; 7 condutores de *paraglider* das cidades de Poços de Caldas/MG e Andradás/MG. A escolha destas cidades se justifica por serem consideradas como polos constantes de oferta dessas modalidades. Como critério de inclusão no estudo foram levados em consideração os indivíduos adultos, de ambos os sexos, com experiência mínima de um ano de atuação com as atividades de aventura.

Para o procedimento de coleta de dados, inicialmente, foi feito o contato com cada um desses condutores de atividades de aventura nas cidades determinadas, com o intuito de convidá-los para a participação no estudo e explicitar os objetivos pretendidos, bem como, esclarecer os conteúdos a serem investigados e a forma de preenchimento do instrumento. Com base na anuência dos sujeitos para participação no estudo, solicitou-se a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), seguindo-se todos os procedimentos éticos exigidos pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Biociências da UNESP - Campus de Rio Claro, no qual o estudo foi aprovado, por meio do número de protocolo 1905. A coleta de dados foi realizada de maio a setembro de 2012.

Os resultados provenientes da aplicação do instrumento foram analisados de forma descritiva, por meio da técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2010) e ilustrados numericamente, de modo percentual, para melhor visualização dos mesmos. Segundo Bardin (2010), esta técnica permite adentrar na realidade do universo pesquisado, descrevendo os resultados do estudo de modo sistemático e objetivo, favorecendo a compreensão das respostas emitidas pelos sujeitos da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Fez parte deste estudo uma amostra intencional composta por 24 condutores de atividades de aventura, atuantes nas modalidades *Rafting* (41,67%), Montanhismo (29,17%) e *Paraglider* (29,17%). Destes, 87,5% eram do sexo masculino e 12,5% do sexo feminino, os quais apresentaram idade média de $30,37 \pm 7,37$ anos e tempo médio de atuação de $9,25 \pm 5,02$ anos.

Quanto à capacitação para atuação com atividades de aventura, todos os condutores pesquisados participaram de cursos de formação. No entanto, quando questionados se o curso

contemplou a Educação Ambiental, apenas 54,17% responderam positivamente e os outros 45,83% afirmaram que este tema não foi abordado.

Para a análise dos resultados referentes à Escala de Intervenção sobre Sensibilização Ambiental (EISA) - para Condutores de Atividades de Aventura, foram organizadas 3 categorias, sendo elas: Conteúdos informativos de sensibilização, Estratégias pedagógicas e Automotivação para sensibilização.

Categoria 1 - Conteúdos informativos de sensibilização

A categoria Conteúdos informativos de sensibilização está relacionada com as intervenções informativas dos condutores de atividades de aventura, no que se refere ao processo de sensibilização ambiental. A tabela 1 apresenta as porcentagens de sujeitos para cada número assinalado na escala, de acordo com as afirmativas apresentadas.

Tabela 1 - Escala de Intervenção sobre Sensibilização Ambiental (EISA) - para Condutores de Atividades de Aventura - Categoria conteúdos informativos de sensibilização.

Afirmativas	DF (%)	D (%)	NDNC (%)	C (%)	CF (%)
É importante informar sobre a necessidade de não deixar lixo no local da atividade.	0	0%	0%	20,83	79,17
Não é necessário alertar que o barulho durante a atividade atrapalha a harmonia do ambiente.	25	20,83	41,67	8,33	4,17
É necessário informar que os elementos da natureza (flores, pedras e outros) devem ser deixados onde foram encontrados.	0	0	4,17	25	70,83
É importante informar sobre a possibilidade de alimentar os animais silvestres.	25	8,33	20,83	20,83	25
Não é necessário discutir as questões globais críticas que prejudicam a harmonia do ambiente, pois isto é de responsabilidade do governo.	25	50	16,67	0	8,33
É desnecessário informar sobre a proteção ao meio ambiente.	50	33,33	4,17	4,17	8,33
É importante alertar sobre o compromisso de cada um na proteção ambiental.	0	0	4,17	37,5	58,33
Deve-se informar e alertar sobre a necessidade de ação imediata para a solução dos problemas ambientais.	0	0	4,17	50	45,83

DF – Discorda fortemente da afirmativa

D – Discorda da afirmativa

NDNC – Nem discorda nem concorda da afirmativa

C – Concorda com a afirmativa

CF – Concorda fortemente com a afirmativa

Fonte: Elaborada pelo autor.

Com relação à categoria Conteúdos informativos de sensibilização, a maioria dos condutores de atividades de aventura participantes da pesquisa parece estar consciente do seu compromisso de disseminação de informações aos praticantes. Conquanto em algumas afirmativas houvesse sujeitos que discordassem dessa necessidade de informação sobre alguns enfoques, como se pode observar nos resultados, em torno de 50% dos participantes concordaram muito com os aspectos relativos à sensibilização dos praticantes por meio de informações.

As afirmativas que tiveram maior concordância se referem à informação sobre a necessidade de não deixar lixo no local da atividade (79,17%) e de deixar os elementos da natureza onde foram encontrados (70,83%). Isto por ser justificado pelo fato de que essas condutas já estão sendo mais divulgadas atualmente, tanto na mídia impressa ou televisiva, quanto em outros espaços, como em *sites*, a exemplo do Pega Leve!, o qual divulga princípios de mínimo impacto e objetiva sensibilizar as pessoas para realizarem visitas ao meio ambiente, prezando pela conservação dos ambientes naturais (PEGA LEVE, [20--?]).

O motivo de alguns condutores ainda não estarem preocupados com o desenvolvimento da sensibilização ambiental, ou mesmo, incertos, como no caso das afirmativas referentes a evitar fazer barulho durante a atividade, ou de alimentar os animais silvestres, pode ser pelo fato de que 45,83% dos participantes não tiveram, em sua formação, abordagens sobre o processo de Educação Ambiental, como já apontado anteriormente. Embora já existam algumas iniciativas institucionais ou governamentais que promovam a capacitação desses condutores, muitos dos profissionais têm sua formação na própria empresa (SCHWARTZ; CARNICELLI FILHO, 2006; FIGUEIREDO, 2012), na qual, nem sempre ocorre a devida sistematização e enfoque para as questões ambientais.

Um exemplo de iniciativa que promove a capacitação de profissionais para atuar com o ecoturismo e as atividades de aventura, inserindo, inclusive, conhecimentos sobre Educação Ambiental e aspectos de sensibilização, se refere ao Ministério do Meio Ambiente, por meio do Programa de Apoio ao Ecoturismo e à Sustentabilidade Ambiental do Turismo (PROECOTUR). Este programa oferece oficinas de sensibilização, planejamento estratégico,

conceitos fundamentados nos princípios da sustentabilidade ambiental, dentre outras metodologias (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2010, [20--?]). Nesta perspectiva, cabe às empresas que atuam com as atividades de aventura, buscar maior apoio destas instituições, para capacitarem melhor seus profissionais. Além disto, cabe, inclusive, aos próprios condutores procurarem se envolver, por si próprios, com novos conhecimentos, sempre reciclando e complementando o que aprendem nos cursos, desde que estejam conscientes de seu importante papel nesse processo.

Há, ainda, as associações, confederações, federações ou sociedades específicas de algumas modalidades, a exemplo da Associação Brasileira de Voo Livre (ABVL), Confederação Brasileira de Montanhismo e Escalada (CBME) e a Sociedade Brasileira de Espeleologia (SBE), as quais devem colaborar com esta formação, procurando difundir esse conhecimento relativo à Educação Ambiental. Torna-se fundamental que todas as modalidades de atividades de aventura tenham apoio dessas instituições, a fim de se garantir uma formação adequada e o monitoramento da atuação dos profissionais nestas atividades, para que os profissionais possam efetivamente ser multiplicadores das ideias conservacionistas.

Categoria 2 - Estratégias pedagógicas

A categoria Estratégias pedagógicas está relacionada aos recursos educacionais que o condutor de atividades de aventura pode utilizar durante as vivências. A tabela 2 apresenta as porcentagens de sujeitos para cada número assinalado na escala, de acordo com as afirmativas apresentadas.

Tabela 2 - Escala de Intervenção sobre Sensibilização Ambiental (EISA) - para Condutores de Atividades de Aventura - Categoria Estratégias pedagógicas.

Afirmativas	DF (%)	D (%)	NDNC (%)	C (%)	CF (%)
Deve-se incentivar o cliente a observar os elementos da natureza.	0	0	4,17	29,17	66,67
É inadequado propor ao cliente a audição dos sons da natureza (pássaros, árvores, água e outros).	41,67	37,5	0	12,5	8,33
É preciso estar preparado para fazer possíveis adaptações nas atividades conforme a instabilidade do público e do ambiente.	0	0	8,33	50	41,67

Não recolher o lixo encontrado durante a atividade na frente do cliente o incentiva a fazer o mesmo.	16,67	8,33	4,17	25	45,83
É interessante utilizar jogos e brincadeiras para trabalhar a sensibilização ambiental.	0	0	16,67	50	33,33
A adequação da maneira de explicar os conteúdos de sensibilização ambiental conforme o público é irrelevante.	29,17	50	20,83	0	0
Tornam-se úteis os conhecimentos obtidos em cursos e treinamentos para enriquecer os conteúdos ambientais a serem abordados com os clientes.	0	0	12,5	33,33	54,17
Oferecer momentos de reflexão sobre a necessidade de conservação ambiental não é função do condutor.	33,33	29,17	25	8,33	4,17

DF – Discorda fortemente da afirmativa

D – Discorda da afirmativa

NDNC – Nem discorda nem concorda da afirmativa

C – Concorda com a afirmativa

CF – Concorda fortemente com a afirmativa

Fonte: Elaborada pelo autor.

No que concerne à categoria Estratégias pedagógicas, a maioria dos sujeitos participantes da pesquisa concordou com a importância em utilizar diversos recursos para alcançar os objetivos educativos durante a vivência. A estratégia mais enfatizada foi a exploração dos sentidos, por meio da observação dos elementos da natureza, afirmativa com a qual 66,67% concordaram fortemente.

Incentivar os praticantes a observar os animais, vegetação, entre outros, assim como, escutar os sons e, até mesmo, tocar em folhas para sentir as diferentes texturas, representam elementos essenciais a serem trabalhados durante as atividades de aventura. De acordo com Ribeiro (1998), ao desenvolver a metodologia Educação Ambiental de Corpo&Alma, esta autora apregoa que, para efetivamente sensibilizar os indivíduos, se torna necessário, entre outros caminhos, haver maior exploração dos órgãos dos sentidos, por meio do contato com os elementos naturais, para que seja uma vivência experimentada pelo corpo todo, fazendo sentido ao seu enredo psíquico.

Em um estudo de Holyfield (1999), ao realizar uma pesquisa participante e acompanhar algumas descidas de *rafting*, a pesquisadora relatou que os profissionais mostravam aos clientes os aspectos naturais, como a fauna, flora e peixes, explorando, ainda, as características ao redor do rio. Nesta perspectiva, cabe aos profissionais chamar a atenção dos praticantes para observarem os elementos do entorno e curiosidades do local, como os

pássaros e os animais, que podem estar presentes em determinadas épocas do ano, no sentido de estimular a sensibilidade.

Torna-se necessário enfatizar que 25% dos profissionais investigados ficaram duvidosos sobre a perspectiva da função do condutor em oportunizar momentos para a reflexão sobre conteúdos ambientais. Neste sentido, Marinho e Seabra (2002) chamam a atenção para que os cursos de graduação, os quais, ao inserirem novos conteúdos que contribuam para a formação de profissionais de atividades de aventura, estarão favorecendo uma atuação qualitativa destes profissionais, com vistas a desenvolver indivíduos mais sensíveis em relação às questões ambientais e à necessidade de disseminação de valores pró-ambientais. Porém, não são apenas os cursos de graduação que deverão abordar estes conteúdos, mas também aqueles oferecidos pelas próprias empresas, associações, federações dessas modalidades de aventura, dentre outros, mostrando a estes profissionais a importância em aliar essas atividades com a sensibilização ambiental, a fim de serem coadjuvantes na construção de sujeitos mais comprometidos com o meio ambiente, não apenas durante as vivências, mas, inclusive, no cotidiano.

Também fizeram parte da EISA duas questões abertas, as quais complementam a categoria 2 – Estratégias pedagógicas. Estas questões tiveram por objetivo oportunizar um espaço para que os condutores pudessem expor suas estratégias adotadas e os impactos das mesmas.

A primeira questão se referiu às estratégias particulares de ações adotadas. A maior incidência de estratégias apresentadas pelos condutores participantes da pesquisa, representando 62,5% dos sujeitos, diz respeito ao incentivo e informações aos clientes sobre possíveis ações ou condutas, tais como: não maltratar ou espantar os animais, trabalhar no sentido de despertar certa inveja natural das pessoas, ao mostrar como é o local onde os condutores trabalham, para que os clientes sintam vontade de estar em um ambiente agradável como o deles, ou mesmo, incentivar os participantes a tirar fotos, para que o cliente possa ver, lembrar e sentir como a natureza é importante.

Entre os condutores investigados, 25% utilizam como estratégia servir de exemplo aos praticantes, demonstrando condutas conservacionistas aos clientes, para que eles se conscientizem e procurem realizar ações de mínimo impacto, os quais relataram utilizar orientações e condução da atividade dentro dos procedimentos corretos para a conservação do meio ambiente. Já para 12,5% dos sujeitos, as estratégias adotadas estão relacionadas à

exploração dos sentidos (ver, ouvir, sentir), como no caso do *paraglider*, no qual o condutor relata mostrar a beleza das matas, dos rios e de toda a natureza do alto aos seus clientes, para sensibilizá-los.

Neiman (2007), ao analisar profissionais de diferentes áreas do conhecimento que trabalham com Educação Ambiental, sobre qual seria a estratégia mais eficiente para desenvolver esta temática durante as vivências na natureza, apresenta que os mesmos priorizaram questões da racionalidade, como análises teóricas, para a construção desse conhecimento. De acordo com o autor, parece ainda haver um mito, na sociedade, para a qual a educação seria uma mera transmissão de conhecimentos. Esse resultado corrobora os apresentados na presente pesquisa, na qual os condutores, em sua maioria, enfatizaram a estratégia de informação, como sendo a mais utilizada.

Em relação às estratégias de ação para a sensibilização ambiental, Karp (1996) ressalta que os fatores extrínsecos também merecem atenção, no que concerne à formação de valores, os quais, quando associados aos valores intrínsecos, podem contribuir para a construção de novas crenças. Portanto, ressaltar os fatores persuasivos inerentes ao ambiente, aliados aos aspectos da motivação intrínseca, parece ser uma estratégia interessante a ser adotada neste processo. Reforçando esta ideia, de acordo com Corraliza e Berenguer (2000), o comportamento ambiental depende da interação de variáveis pessoais e situacionais.

Nesse sentido, os condutores podem representar uma influência positiva aos praticantes, no que se refere ao processo de disseminação de valores e sensibilização ambiental. Dependendo de sua própria sensibilização e responsabilidade a esse respeito, o condutor pode representar um exemplo a ser seguido, devido às diversas emoções e sensações presentes nas atividades de aventura, o que pode gerar estratégias de persuasão e motivação fortemente aceitas na disseminação de atitudes e condutas pró-ambientais, tornando-se necessário não focar apenas nos aspectos racionais, mas também, nos emocionais e afetivos.

A segunda questão foi relacionada à percepção sobre os impactos das estratégias adotadas para sensibilização ambiental. De acordo com 87,5% dos condutores de atividades de aventura investigados, as estratégias utilizadas têm auxiliado positivamente na sensibilização ambiental. Inclusive, alguns condutores relataram o retorno de vários clientes, os quais, após terem vivenciado atividades de aventura, mudaram seu estilo de vida e passaram a ter mais contato com a natureza e interesse em cuidar da mesma.

Houve, ainda, condutores que, por terem um tempo maior de permanência com os clientes, salientaram ter observado mudanças de conduta durante as práticas, como não jogar lixo no chão e, inclusive, conversas sobre o assunto, dias após à própria vivência. Outro sujeito apontou que não há uma preocupação da empresa para a qual trabalha, com um programa de Educação Ambiental, sendo que a adoção de estratégias nesse sentido, fica restrita ao próprio profissional, se este estiver consciente desta importância.

Um dos sujeitos, representando 4,17% dos participantes da pesquisa, afirmou não utilizar estratégias de sensibilização, embora, nas afirmativas fechadas da escala, referentes às estratégias sobre sensibilização ambiental, esse próprio condutor apontou concordar ou concordar muito com a adoção de estratégias de sensibilização ambiental. Outro condutor de montanhismo, também representando 4,17% dos participantes, salientou que as estratégias auxiliam indiretamente na sensibilização, por não ser este o foco da atividade e que a sensibilização acontece naturalmente, por meio de conversas e da observação dos clientes. Por fim, um condutor, representando 4,17% dos sujeitos, não respondeu a esta questão.

No que concerne à construção de valores, Kunreuther (2011) afirma que a boa atuação dos profissionais envolvidos nas atividades experienciais em ambientes naturais pode estar diretamente relacionada ao sucesso desse processo, podendo refletir, inclusive, em condutas pró-ambientais pelos praticantes, ao retornarem para o seu dia-a-dia. De acordo com Schwartz (2009), as próprias características das atividades de aventura já evocam apelos intuitivos, capazes de desencadear mudanças de valores, em decorrência do impacto afetivo-cognitivo que elas podem causar. Portanto, cabe aos condutores se apropriarem de maneira adequada destas características, para contribuir com as mudanças de valores nos praticantes.

De acordo com Bruhns (1997), ao experimentar novas emoções e sensibilidades, os participantes poderão apresentar percepções variadas e adotar diferentes maneiras de envolvimento com o meio que os cercam. Na visão da maioria dos condutores participantes da presente pesquisa, as estratégias utilizadas estão sendo capazes de alcançar os objetivos referentes à sensibilização ambiental e disseminação de valores, podendo ser o reflexo de uma boa atuação, também por estes profissionais da área da aventura, nesta perspectiva de colaborar com o compromisso ambiental.

Porém, pode-se observar que alguns condutores ainda não estão conscientes sobre esta responsabilidade em trabalhar as questões ambientais durante a atuação com estas atividades. Embora o estudo do meio ambiente, envolvendo o processo de Educação Ambiental, já tenha

sido sugerido inclusive pelos Parâmetros Curriculares Nacionais como um tema transversal a ser trabalhado nas diversas áreas do conhecimento (BRASIL, 1998) no âmbito da educação formal, muitas vezes, esta temática fica restrita a áreas específicas, ou mesmo, as outras áreas não reconhecem seu compromisso em contribuir com as discussões acerca das questões ambientais.

Nesta perspectiva, assim como já discutido anteriormente, os cursos de formação e as próprias empresas de aventura devem atentar mais a essa perspectiva de os condutores explorarem estratégias de sensibilização ambiental com os praticantes, durante as vivências. Ainda, os próprios condutores precisam estar sensibilizados, comprometidos e interessados em desenvolver essas questões ambientais, sendo esta a próxima categoria discutida, isto é, a automotivação para esta sensibilização.

Categoria 3 - Automotivação para sensibilização

A categoria Automotivação para sensibilização está relacionada com os aspectos afetivos e cognitivos que os condutores de atividades de aventura utilizam e buscam, para serem colocados em prática durante a atividade, com vistas a despertar a sensibilização nos praticantes. A tabela 3 apresenta as porcentagens de sujeitos para cada número assinalado na escala, de acordo com as afirmativas apresentadas.

Tabela 3 - Escala de Intervenção sobre Sensibilização Ambiental (EISA) - para Condutores de Atividades de Aventura - Categoria Automotivação para sensibilização.

Afirmativas	DF (%)	D (%)	NDNC (%)	C (%)	CF (%)
É preciso que eu encontre sempre novas maneiras para trabalhar a sensibilização ambiental.	0	0	12,5	37,5	50
Não é importante que eu busque atualidades relacionadas aos temas ambientais para discutir com os clientes.	33,33	29,17	25	4,17	8,33
É essencial que eu procure motivação para apresentar formas dinâmicas de trabalhar a temática ambiental com os clientes.	0	0	20,83	45,83	33,33
É preciso que eu acredite na relevância do meu trabalho para a sensibilização ambiental.	0	0	8,33	45,83	45,83
A motivação para trabalhar os conteúdos de sensibilização ambiental depende de minhas experiências anteriores.	4,17	25	16,67	37,5	16,67

É imprescindível que eu tenha prazer em minha atuação, para desenvolver nos clientes novos valores de sensibilização ambiental.	0	0	0	41,67	58,33
É importante que eu acredite em minha responsabilidade como agente multiplicador de atitudes e condutas pró-ambientais.	0	0	8,33	25	66,67
A alegria em minha atuação não é um elemento importante para o desenvolvimento de novos valores nos clientes.	50	29,17	8,33	4,17	8,33

DF – Discorda fortemente da afirmativa

D – Discorda da afirmativa

NDNC – Nem discorda nem concorda da afirmativa

C – Concorda com a afirmativa

CF – Concorda fortemente com a afirmativa

Fonte: Elaborada pelo autor.

No que se refere à categoria Automotivação para sensibilização, embora a maioria dos condutores de atividades de aventura participantes da pesquisa tenha se mostrado favorável a esta perspectiva, houve alguns sujeitos que ficaram duvidosos, apontando serem indiferentes a este aspecto e outros, ainda, discordaram, como no caso da afirmativa referente à interferência de experiências anteriores. Esses elementos podem estar associados com os diferentes níveis motivacionais que influenciam os comportamentos dos sujeitos.

Com o intuito de explicar a motivação que afeta o comportamento dos indivíduos, Deci e Ryan (1985) e Ryan e Deci (2000) desenvolveram a Teoria da Autodeterminação, criando subsídios para se entender os níveis e os elementos influenciadores da conduta. A Teoria da Autodeterminação salienta que um indivíduo pode ser motivado com base em estímulos intrínsecos e extrínsecos, ou, ainda, se mostrar desmotivado ao envolvimento e à realização de determinadas ações.

Nesse sentido, de acordo com estes autores, a motivação intrínseca está relacionada com aquilo que os sujeitos acreditam ser importante, se envolvendo na atividade por sua própria causa, fazendo sentido ao seu próprio enredo psicológico. Já a motivação extrínseca, está relacionada à conduta adotada em resposta a fatores externos à tarefa, no sentido de conseguir algum tipo de recompensa material ou social, e, até mesmo, reconhecimento, como finalidade de atender a pressões advindas de alguma outra pessoa ou, ainda, para evidenciar determinados valores ou competências.

E, por fim, tem-se a ausência de fatores motivacionais ou amotivação, na qual o sujeito não acredita que tal atividade possa ser agradável, não acredita ser capacitado o suficiente para realizá-la ou, ainda, por acreditar que a mesma não trará resultado satisfatório

que possa vir a afetar sua vida. Esses três tipos de motivação podem, inclusive, estar relacionados com os as dimensões de comportamento ambiental propostas por Thompson e Barton (1994), sendo elas: ecocentrismo, antropocentrismo e apatia ambiental.

Sendo assim, no que se refere à motivação intrínseca podem se enquadrar os condutores participantes da pesquisa que concordam ou concordam muito com as questões relativas à automotivação para sensibilização, destacando os aspectos referentes ao prazer durante a atuação e a sua função como agente multiplicador de atitudes e condutas. Já na motivação extrínseca podem se enquadrar os sujeitos participantes da pesquisa que ficaram duvidosos em algumas afirmativas, como no que se refere ao encontro de novas maneiras para trabalhar a sensibilização ambiental ou à busca de atualidades relativas à Educação Ambiental. Para finalizar, no que se refere à amotivação, podem se enquadrar os sujeitos que discordam dos aspectos referentes à automotivação para sensibilização, como na afirmativa referente à importância em considerar as experiências anteriores, sendo que isso pode estar associado ao fato de alguns condutores acreditarem que não é sua principal função desenvolver temáticas relativas às questões ambientais.

Outra teoria, a de Ruel (1987) - Teoria da Motivação e da Representação do Si-Mesmo - aborda que a motivação está associada com as percepções afetivo-cognitivas que os sujeitos possuem em relação a eles mesmos e a sua própria cultura. Esta perspectiva está diretamente relacionada com os diversos aspectos estratégicos que os condutores de atividades de aventura utilizam e buscam para serem implementados durante a atividade, com vistas a despertar a sensibilização ambiental nos praticantes, sejam eles emocionais, subjetivos ou racionais.

Ainda, de acordo com Samulski (2009), a motivação engloba uma variável determinante energética (nível de ativação) e uma determinante da direção do comportamento (intenções, interesses, motivos e metas). Sendo assim, cabe aos condutores determinarem quais objetivos pretendem alcançar com o desenvolvimento da atividade, mas devendo sempre atentar aos aspectos motivacionais que possam contribuir para o desenvolvimento de um comportamento pró-ambiental, por meio da sensibilização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os resultados, os dados indicam que a maioria dos condutores de atividades de aventura investigados está consciente do seu compromisso, no que concerne às

informações de sensibilização ambiental aos praticantes, havendo, porém, alguns que ainda não apresentem esta conscientização. Os resultados também indicam que grande parte dos sujeitos participantes da pesquisa acredita na relevância da utilização de estratégias pedagógicas diferenciadas. Em relação à automotivação para sensibilização, pode-se constatar diferentes níveis de motivação, embora a maioria dos condutores se sinta motivada a esta perspectiva.

No entanto, observa-se uma tendência à valorização de estratégias racionais e, até mesmo, condutores que não se consideram responsáveis em desenvolver a temática ambiental durante sua atuação. Neste sentido, o segmento da aventura carece de maior atenção por parte das empresas, das instituições acadêmicas, associações, dentre outras que estão envolvidas com essas atividades, bem como, dos próprios profissionais, no que concerne ao processo de formação para atuação com estas atividades, a fim de contemplar, não somente os aspectos técnicos, mas preparar de maneira integral o condutor, inclusive, em relação à importância de seu papel no processo de sensibilização ambiental.

A inserção de estratégias pedagógicas mais significativas durante a capacitação e a atuação destes profissionais pode favorecer uma ação diferenciada, pautada no compromisso ambiental, porém de forma descontraída e atraente, elementos que são características da educação no âmbito não formal. Ao trabalhar as questões ambientais durante a realização das atividades de aventura, o condutor estará contemplando, não somente as crianças, adolescentes e jovens, adultos e idosos, mas, inclusive, públicos diversificados de profissionais de diversos setores, os quais, cada vez mais, buscam o contato mais próximo com a natureza por meio destas vivências e podem ser decisivos como formadores de opinião. Isto reitera a relevância de seu papel como coadjuvante nesse processo de Educação Ambiental e de disseminação de valores e condutas pró-ambientais.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Ed. rev. e atual. Lisboa: Edições70, 2010.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília, DF, 1998.

BRUHNS, H. T. O corpo visitando a natureza: possibilidades de um diálogo crítico. In: SERRANO, C.; BRUHNS, H. T. (Org.). **Viagens à natureza: turismo, cultura e ambiente**. Campinas, SP: Papirus, 1997. p. 125-140.

CAMPAGNA, J. **Lazer**: significados e ressonâncias da educação não-formal do idoso. 2009. 164f. Tese (Doutorado em Ciências da Motricidade) – Departamento de Educação Física, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2009.

CHIPENIUK, R. Childhood foraging as a means of acquiring competent human cognition about biodiversity. **Environment & Behavior**, Thousand Oaks, v. 27, n. 4, p. 490-512, jul. 1995. Disponível em: < <http://eab.sagepub.com/content/27/4/490.short>>. Acesso em: 13 out. 2012.

CORRALIZA, J. A.; BERENGUER, J. Environmental values, beliefs, and actions: a situational approach. **Environment and Behavior**, Thousand Oaks, v. 32, n. 6, p. 832-848, nov. 2000. Disponível em: < <http://eab.sagepub.com/content/32/6/832>>. Acesso em: 13 out. 2012.

DECI, E. L.; RYAN, R. M. **Intrinsic Motivation and self-determination in human behavior**. New York: Plenum, 1985.

FIGUEIREDO, J. P. Atividades de aventura e formação profissional: aspectos acadêmicos e de mercado de trabalho. In: PEREIRA, E. A.; SCHWARTZ, G. M.; FREITAS, G. S.; TEIXEIRA, J. C. (Org.). **Esporte e turismo**: parceiros da sustentabilidade nas atividades de aventura. Pelotas: UFPel, 2012. p.115-128.

GOHN, M. G. **Educação não-formal e cultura política**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

HOLYFIELD, L. Manufacturing adventure the buying and selling of emotions. **Journal of Contemporary Ethnography**, Thousand Oaks, v. 28, n.1, p. 3-32, feb. 1999. Disponível em: < <http://jce.sagepub.com/content/28/1/3.short>>. Acesso em: 17 out. 2012.

KARP, D. G. Values and their effect on pro-environmental behavior. **Environment and Behavior**, Thousand Oaks, v. 28, n. 1, p. 111-133, jan. 1996. Disponível em: < <http://eab.sagepub.com/content/28/1/111.short>>. Acesso em: 15 out. 2012.

KUNREUTHER, F. T. **Educação ao ar livre pela aventura**: o papel da experiência e o aprendizado de valores morais em expedições à natureza. 2011. 182f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

KUNREUTHER, F. T.; FERRAZ, O. L. Educação ao ar livre pela aventura: o aprendizado de valores morais em expedições à natureza. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 2, p. 437-452, abr./jun. 2012. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022012000200011&script=sci_arttext>. Acesso em: 13 out. 2012.

MARINHO, A.; SEABRA, L. F. Atividades de aventura e formação profissional. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 14., Santa Cruz do Sul, 2002. **Anais...** Santa Cruz do Sul: s.ed., 2002.

MEGID NETO, J. (Coord.) **O ensino de Ciências no Brasil**: catálogo analítico de teses e dissertações (1972-1995). Campinas: UNICAMP/FE/CEDOC, 1998.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **MMA realiza oficina de ecoturismo de base comunitária na Bahia**. 2010. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/informma/item/6575-mma-realiza-oficina-de-ecoturismo-de-base-comunitaria-na-bahia>>. Acesso em: 17 out. 2012.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Capacitação**. [20--?]. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/desenvolvimento-rural/turismo-sustent%C3%A1vel/desenvolvimento-ambiental-do-turismo/capacita%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 17 out. 2012.

NEIMAN, Z. **A Educação Ambiental através do contato dirigido com a natureza**. 2007. 138f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

PALMBERG, I. E.; KURU, J. Outdoor activities as a basis for environmental responsibility. **The Journal of Environmental Education**, Philadelphia, v. 31, n. 4, p. 32-36, 2000. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/00958960009598649>>. Acesso em: 13 out. 2011.

PEGA LEVE. **8 Princípios Pega Leve!** [20--?]. Disponível em: <http://www.pegaleve.org.br/principios_pegaleve.asp>. Acesso em: 26 set. 2012.

RIBEIRO, I. C. **Ecologia de corpo&alma e transdisciplinaridade em Educação Ambiental**. 1998. 191f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) - Departamento de Educação Física, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1998.

RUEL, P. H. Motivation et représentation de soi. **Revue des sciences de l'éducation**, Montreal, v. 13, n. 2, p. 239- 259, 1987. Disponível em: <<http://www.erudit.org/revue/rse/1987/v13/n2/900563ar.html>>. Acesso em: 20 out. 2012.

RYAN, R. M.; DECI, E. L. Self-determination theory and facilitation of intrinsic motivation, social development and well-being. **American Psychologist**, Washington, v. 55, p. 68-78, jan. 2000. Disponível em: <<http://psycnet.apa.org/journals/amp/55/1/68/>>. Acesso em: 20 out. 2012.

SAMULSKI, D. M. **Psicologia do esporte**: conceitos e novas perspectivas. 2. ed. Barueri: Manole, 2009.

SCHWARTZ, G. M. Atividades de aventura e pró-atividade no lazer. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA, 4., 2009, Mucugê. **Anais...** Mucugê: Laboratório de Estudos do Lazer, 2009, p. 114-115.

SCHWARTZ, G. M.; CARNICELLI FILHO, S. (Desin)Formação profissional e atividades de aventura: focalizando os guias de “Rafting”. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 103-109, abr./jun. 2006. Disponível em:

<<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/rbefe/v20n2/v20n2a03.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2012.

THOMPSON, S. C. G.; BARTON, M. A. Ecocentric and anthropocentric attitudes toward the environment. **Journal of Environmental Psychology**, London, v. 14, n. 2, p.149-157, jun. 1994. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0272494405801689>>. Acesso em: 17 out. 2012.

7 CONCLUSÃO

A finitude dos recursos naturais e a necessidade de traçar estratégias capazes de auxiliar nas discussões acerca da sensibilização ambiental, pelas diferentes esferas da sociedade, têm gerado iniciativas em diversas áreas do conhecimento. No campo da Motricidade Humana, esta preocupação também merece atenção, haja vista que este campo engloba o corpo e sua relação com os diversos ambientes. Portanto, debruçar o interesse sobre as possibilidades de exploração do universo de estudo da Motricidade Humana no tocante à temática da Educação Ambiental se faz necessário, no sentido de contribuir com novas perspectivas para que este tema seja devidamente apropriado.

Diante da necessidade de despertar a reflexão e a sensibilização ambiental nos indivíduos, o contato com o ambiente natural vem se tornando um importante recurso para se atingir estes objetivos, conforme aponta a literatura especializada. Uma das possibilidades de estreitamento desse envolvimento com a natureza versa sobre as atividades de aventura, aspecto pouco explorado quando se traça a relação com a Educação Ambiental.

Nesta perspectiva, torna-se de igual importância estreitar as relações entre o papel dos profissionais envolvidos no setor da aventura e a possibilidade de conscientização sobre o compromisso associado à disseminação de atitudes e condutas pró-ambientais. A maneira como alguns condutores desenvolvem suas atividades, contemplando ou deixando de contemplar aspectos relevantes referentes à sensibilização ambiental, bem como, as suas próprias crenças relativas ao seu papel neste processo, podem representar o sucesso ou insucesso no delineamento de atitudes e valores pró-ambientais para os praticantes. Estes aspectos foram os geradores do interesse deste estudo.

Nesse sentido, primeiramente, buscou-se aprofundar a compreensão sobre o universo das atividades de aventura e as possibilidades de contribuição dessas vivências para o processo educativo. Para tanto, foi desenvolvida a pesquisa exploratória realizada nos periódicos nacionais, conforme constou no artigo 1.

Ao analisar os artigos que tratam sobre as diferentes abordagens e estratégias metodológicas, relacionando as temáticas atividades de aventura e

Educação Ambiental, nesses periódicos, pode-se constatar que esta relação é ainda pouco explorada na área de Educação Física. Além disso, os aspectos referentes às mudanças de valores e atitudes pró-ambientais necessitam maior atenção.

Na intenção de complementar esses dados coletados por intermédio da análise dos estudos publicados nos periódicos e, para se buscar *in loco* novas contribuições para este estudo, procedeu-se a uma nova pesquisa exploratória. Esta pesquisa envolveu condutores de atividades de aventura e os resultados encontram-se dispostos nos artigos 2 e 3.

A fim de compreender os aspectos referentes às atitudes e condutas desses profissionais de atividades de aventura, nesta dissertação foram utilizados três instrumentos de pesquisa. Estes foram aplicados no intuito de investigar as características da população envolvida no estudo, assim como, as atitudes e comportamentos ambientais de condutores de atividades de aventura e as perspectivas de disseminação de valores sobre sensibilização ambiental para os praticantes, durante as intervenções referentes a vivências de atividades de aventura.

Com relação à caracterização da amostra houve um predomínio do sexo masculino e de formação em nível superior, nas mais diversas áreas. O principal motivo para o envolvimento com esta profissão foi referente à possibilidade de contato com a natureza.

Outro dado importante, a ser destacado, refere à ausência de abordagem sobre Educação Ambiental nos cursos de formação por eles realizados. No que concerne à concepção de Educação Ambiental, embora este tema não tenha sido privilegiado na formação de muitos condutores, de modo geral, estes parecem compreender a amplitude do termo Educação Ambiental.

Em relação aos resultados do segundo instrumento, referente à Escala de Ecocentrismo e Antropocentrismo de Thompson e Barton, pode-se identificar que a maioria dos condutores de atividades de aventura investigados apresenta atitudes ecocêntricas e pouca tendência às atitudes de apatia ambiental, representando, assim, uma valorização da natureza pelo seu valor intrínseco. Além disso, grande parte dos condutores se reconhece responsável pela disseminação da Educação

Ambiental. Esses aspectos proporcionam uma perspectiva positiva, no que concerne à possibilidade de uma atuação pautada no compromisso ambiental.

Entretanto, há, ainda, profissionais que não estão conscientes do seu papel, no que se refere à construção de valores ambientais para os praticantes. Neste sentido, para que haja efetivamente a condução de uma atividade embasada em valores e atitudes pró-ambientais, torna-se necessária maior atenção ao processo de formação desses condutores.

De acordo com os resultados do terceiro instrumento, a Escala de Intervenção sobre Sensibilização Ambiental (EISA) - para Condutores de Atividades de Aventura, a maioria dos condutores de atividades de aventura está consciente do seu compromisso, no que concerne às informações de sensibilização ambiental aos praticantes. Embora este seja um dado positivo, isto não se configura como regra, uma vez que alguns desses profissionais ainda não apresentam esta conscientização.

No que se refere às estratégias pedagógicas, grande parte dos condutores investigados acredita na relevância da utilização de estratégias pedagógicas diferenciadas, conquanto pode-se constatar um predomínio pela utilização de estratégias racionais, as quais são utilizadas na educação formal, com pouco envolvimento de aspectos de sensibilização, necessitando, assim, melhor exploração dos elementos emocionais e sensitivos, inerentes a estas atividades. Ainda em relação aos resultados do terceiro instrumento, os condutores se mostram, em sua maioria, automotivados para promover a sensibilização ambiental aos seus clientes.

Nesse sentido, o fato de os condutores de atividades de aventura apresentarem um predomínio pelas atitudes ecocêntricas, pode ter contribuído para maior compromisso com a sensibilização ambiental, evidenciando que os resultados dos dois instrumentos se correlacionaram de maneira positiva. Estes aspectos demonstram a importância de os condutores possuírem valores e atitudes pró-ambientais internalizados, para que reflitam em atuação profissional qualitativa e integral.

Porém, cabe também ressaltar os elementos negativos apontados pelos próprios profissionais, no que se refere à falta de reconhecimento do seu papel na

difusão da sensibilização ambiental, bem como, a priorização pelos conteúdos racionais durante as intervenções. Neste sentido, novos olhares devem ser dados à formação profissional destes condutores, para que os cursos abordem incisivamente aspectos relacionados com a atuação eficiente sobre a dinâmica social, buscando subsidiar os profissionais para elaborarem e utilizarem estratégias mais significativas.

As empresas que oferecem cursos de capacitação para este setor devem focalizar, não somente os aspectos técnicos das modalidades, mas também, se preocupar com a construção de atitudes e valores dos condutores, sensibilizando-os por meio de diversas estratégias, tais como atividades lúdicas, atividades reflexivas, vídeos, contato com os elementos naturais, dentre outros, para que estes valores sejam efetivamente internalizados e possam refletir em condutas pró-ambientais. Além disso, durante os treinamentos, torna-se importante a inserção e exemplificação de estratégias pedagógicas significativas, que os condutores possam utilizar com os praticantes durante as atividades, como a exploração dos diversos sentidos.

Torna-se premente que os próprios condutores estejam mais comprometidos com a sua formação, buscando outros cursos e outras instituições que preparem os profissionais interessados em trabalhar com as atividades realizadas em ambiente natural, atentando aos aspectos educativos que podem estar embutidos nesta atuação. Neste sentido, ampliar as condições de aquisição de conhecimento sobre as questões ambientais e suas perspectivas de disseminação se torna essencial, para uma atuação com qualidade.

O envolvimento dos condutores de atividades de aventura com eventos decisivos para ampliar reflexões, a exemplo da Rio + 20, acontecido recentemente no país, também representa uma ação importante, uma vez que estes espaços possibilitam que os profissionais de atividades de aventura possam expor suas experiências para diversas esferas da sociedade e construir novos conhecimentos. Além disso, a participação em eventos dessa natureza pode instigar uma atuação pautada, sobretudo, nos diversos princípios propostos pelo Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global.

A área da Motricidade Humana (Educação Física) também é responsável pelo processo de formação dos condutores de atividades de aventura, uma vez que este conteúdo já tem sido desenvolvido nos currículos desta área. Deve-se, assim, atentar para que os conteúdos das disciplinas oferecidas em nível de graduação e pós-graduação possam ser de tal forma explorados, com vistas a preparar futuros profissionais atentos para uma atuação pautada no compromisso ambiental.

Da mesma forma, as diferentes áreas, por meio de ações transdisciplinares, devem colaborar para o desenvolvimento da sensibilização, despertando o interesse em promover um ambiente mais sustentável. Isto pode refletir, inclusive, para que as futuras gerações também possam usufruir os benefícios que o contato com o ambiente natural pode proporcionar, tendo oportunidade de vivenciar momentos prazerosos e significativos em meio à natureza.

REFERÊNCIAS

AB´SABER, A. A universidade brasileira na (re)conceituação da Educação Ambiental. **Educação brasileira**, Brasília, v. 15, n. 31, p. 59-106, 2º sem. 1996.

ALVES, D. M. G. et al. Em busca da sustentabilidade educadora ambientalista. **Ambientalmente Sustentable**, v. 1, n. 9-10, p. 7-35, jan./dez. 2010. Disponível em: < <http://www.institutoaf.org.br/TextocoletivoAmbienteSustentable.pdf>>. Acesso em 4 out. 2012.

ANDRADE, A. B.; MARCELLINO, N. C. Estudo do meio: lúdico e sustentabilidade. In: CONGRESSO DE PÓS-GRADUAÇÃO E MOSTRA ACADÊMICA UNIMEP, 9., 2011, Piracicaba. **Anais...** Piracicaba: 2011. Disponível em: <<http://www.unimep.br/phpg/mostraacademica/anais/9mostra/5/394.pdf>>. Acesso em: 26 set. 2012.

ARAÚJO, U. F. **Os direitos humanos na sala de aula**: a ética como tema transversal. São Paulo: Moderna, 2001.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS EMPRESAS DE ECOTURISMO E TURISMO DE AVENTURA (ABETA). **FAQ ABETA**. 2005a. Disponível em: < http://www.abeta.tur.br/pt-br/pgn.asp?id_pg=89&nivel=1>. Acesso em: 24 set. 2012.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS EMPRESAS DE ECOTURISMO E TURISMO DE AVENTURA (ABETA). **Atividades Turismo de Aventura**. 2005b. Disponível em: <<http://www.abeta.com.br/pt-br/atividades-turismo-de-aventura.asp>>. Acesso em: 6 jan. 2012.

BAHIA, M. C.; SAMPAIO, T. M. V. Lazer – meio ambiente: em busca das atitudes vivenciadas nos esportes de aventura. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 3, p. 173-189, maio 2007. Disponível em: <<http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view/30/37>>. Acesso em: 10 ago. 2011.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições70, 1977.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Ed. rev. e atual. Lisboa: Edições70, 2010.

BEMFICA, V. T. **A sensibilidade estético-literária potencializando alternativas para a Educação Ambiental**. 2011. 154f. Tese (Doutorado em Educação Ambiental) – Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Rio Grande, 2011.

BONOTTO, D. M. B. **O trabalho com valores em Educação Ambiental**: investigando uma proposta de formação contínua de professores. 2003. 231f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2003.

BONOTTO, D. M. B. Contribuições para o trabalho com valores em Educação Ambiental. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 14, n. 2, p. 295-306, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v14n2/a08v14n2.pdf>>. Acesso em: 4 out. 2012.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental; Ministério da Educação. Coordenação Geral de Educação Ambiental. **Programa nacional de educação ambiental – ProNEA**. 3. ed. Brasília, 2005. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaoambiental/pronea3.pdf>>. Acesso em: 26 set. 2012.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para assuntos jurídicos. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF, 5 out. 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 26 set. 2012.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para assuntos jurídicos. **Lei nº 9.795**, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a Educação Ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Brasília, DF, 27 abr. 1999. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9795.htm>. Acesso em: 26 set. 2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília, DF, 1998.

BRUHNS, H. T.; MARINHO, A. Ritos e rituais nas viagens à natureza. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 87-102, jan./abr. 2012. Disponível em: <<http://www.sbecotur.org.br/rbecotur/seer/index.php/ecoturismo/article/view/313>>. Acesso em: 26 set. 2012.

CAMPAGNA, J. **Lazer**: significados e ressonâncias da educação não-formal do idoso. 2009. 164f. Tese (Doutorado em Ciências da Motricidade) – Departamento de Educação Física, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2009.

CARNICELLI FILHO, S. **O prazer e o medo nas atividades físicas de aventura na natureza**. 2007. 156f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) – Departamento de Educação Física, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2007.

CARTA DA TERRA BRASIL. **O que é a Carta da Terra**. [20--]a. Disponível em: <http://www.cartadaterrabrasil.org/prt/what_is.html>. Acesso em: 27 set. 2012.

CARTA DA TERRA BRASIL. **O texto da Carta da Terra**. [20--]b. Disponível em: <<http://www.cartadaterrabrasil.org/prt/text.html>>. Acesso em: 27 set. 2012.

CARVALHO, I. C. M. **A invenção do sujeito ecológico**: sentidos e trajetórias em Educação Ambiental. 2001. 349f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

CHIPENIU, R. Childhood foraging as a means of acquiring competent human cognition about biodiversity. **Environment & Behavior**, Thousand Oaks, v. 27, n. 4, p. 490-512, jul. 1995. Disponível em: <<http://eab.sagepub.com/content/27/4/490.short>>. Acesso em: 4 mar. 2011.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

COELHO, J. A. P. M.; GOUVEIA, V. V.; MILFONT, T. L. Valores humanos como explicadores de atitudes ambientais e intenção de comportamento pró-ambiental. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 1, p. 199-207, jan./abr. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n1/v11n1a23.pdf>>. Acesso em: 3 mar. 2011.

CORNELL, J. **A alegria de aprender com a natureza**: atividades na natureza para todas as idades. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1997.

CORRAL-VERDUGO, V. La definición del comportamiento proambiental. **La Psicología Social en México**, Guadalajara, v. 8, p. 466-472, 2000.

COSTA, C. S. C. **Formação profissional no esporte escalada**. 2004. 112f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2004.

CSIKSZENTMIHALYI, M. **A psicologia da felicidade**. São Paulo: Saraiva, 1992.

D'AMBRÓSIO, U. **Transdisciplinaridade**. São Paulo: Palas Athena, 1997.

DIAS, V. K. **A participação de idosos em atividades de aventura na natureza no âmbito do lazer**: valores e significados. 2006. 119f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2006.

DIEGUES, A. C. S. **O mito moderno da natureza intocada**. 3. ed. Hucitec: São Paulo, 2001.

FERREIRA, B. W. Análise de conteúdo. **Aletheia**, Canoas, v. 11, p.13-20, jan./jun. 2000.

FESTINGER, L. **A Theory of Cognitive Dissonance**. Stanford, CA: Stanford University Press, 1957.

FIGUEIREDO, J. P. Atividades de aventura e formação profissional: aspectos acadêmicos e de mercado de trabalho. In: PEREIRA, E. A.; SCHWARTZ, G. M.;

FREITAS, G. S.; TEIXEIRA, J. C. (Org.). **Esporte e turismo: parceiros da sustentabilidade nas atividades de aventura**. Pelotas: UFPel, 2012. p.115-128.

FIGUEIREDO, J. P. et al. Educação Ambiental e atividades físicas de aventura na natureza (AFAN): perspectivas de utilização no contexto escolar. **Lecturas Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, ano 15, n. 146, p. 1-1, jul. 2010. Disponível em: < <http://www.efdeportes.com/efd146/educacao-ambiental-e-atividades-fisicas-na-natureza.htm>>. Acesso em: 2 mar. 2011.

FIGUEIREDO, J. P. et al. Lazer e Educação Ambiental: a estratégia dos jogos e brincadeiras. In: **Encontro nacional de recreação e lazer**, 23. Várzea Paulista: Fontoura, 2012. p. 63-71.

FIGUEIREDO, L. A. V. **Cavernas como paisagens racionais e simbólicas: imaginário coletivo, narrativas visuais e representações da paisagem e das práticas espeleológicas**. 2010. 466f. Tese (Doutorado em Geografia Física) – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

FIGUEIREDO, L. A. V. Imaginário da aventura e as representações sociais das cavernas e das práticas espeleológicas. In: PEREIRA, E. A.; SCHWARTZ, G. M.; FREITAS, G. S.; TEIXEIRA, J. C. (Org.). **Esporte e turismo: parceiros da sustentabilidade nas atividades de aventura**. Pelotas: UFPel, 2012. p. 35-74.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2008.

GOHN, M. G. **Educação não-formal e cultura política**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

HATTIE, J. et al. Adventure education and Outward Bound: out-of-class experiences that make a lasting difference. **Review of Educational Research**, Thousand Oaks, v. 67, n.1, p. 43-87, spring 1997. Disponível em:< <http://rer.sagepub.com/content/67/1/43.short>>. Acesso em: 4 mar. 2011.

KARP, D. G. Values and their effect on pro-environmental behavior. **Environment and Behavior**, Thousand Oaks, v. 28, n. 1, p. 111-133, jan. 1996. Disponível em: <<http://eab.sagepub.com/content/28/1/111.short>>. Acesso em: 19 ago. 2011.

KIMBALL, R. O.; BACON, S. B. The wilderness challenge model. In: GASS, M. A. (Org.) **Adventure therapy: Therapeutic applications of adventure programming**. Dubuque, IA: Kendall/Hunt Publishing Company, 1993. p. 11-41.

KLEIN, A. L.; TROIAN, A.; SOUZA, M. O turismo rural pedagógico e a Educação Ambiental: as ações pedagógicas desenvolvidas na fazenda Quinta da Estância Grande – Viamão (RS). **Revista eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 27, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.remea.furg.br/edicoes/vol27/art8v27.pdf>>. Acesso em: 2 out. 2012.

KUNREUTHER, F. T. **Educação ao ar livre pela aventura**: o papel da experiência e o aprendizado de valores morais em expedições à natureza. 2011. 182f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

LAVOURA, T. N.; SCHWARTZ, G. M.; MACHADO, A. A. Aspectos emocionais da prática de atividades de aventura na natureza: a (re)educação dos sentidos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 119-127, abr./jun. 2008. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?pid=S1807-55092008000200003&script=sci_arttext&tling=en>. Acesso em: 3 mar. 2011.

LESTINGE, S.; SORRENTINO, M. As contribuições a partir do olhar atento: estudos do meio e a educação para a vida. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 14, n. 3, p. 601-19, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v14n3/a15v14n3.pdf>>. Acesso em: 26 set. 2012.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê**. São Paulo: Cortez, 2005.

MAERRAWI, L. E. **Universidade lança pós-graduação em esportes e atividades de aventura**. 2009. Disponível em: <<http://www.webventure.com.br/bike/n/universidade-lanca-pos-graduacao-em-esportes-de-aventura/24772>>. Acesso em 27 set. 2012.

MARINHO, A. Do bambi ao rambo ou vice-versa? As relações humanas com a (e na) natureza. **Conexões: Educação, esporte e lazer**, Campinas, v. 1, n. 3, p. 33-41, 1999. Disponível em: <<http://polaris.bc.unicamp.br/seer/fef/viewarticle.php?id=211>>. Acesso em: 3 mar. 2011.

MARINHO, A. Lazer, natureza e aventura: compartilhando emoções e compromissos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 22, n. 2, p. 143-153, jan. 2001. Disponível em: <<http://cbce.tempsite.ws/revista/index.php/RBCE/article/viewArticle/418>>. Acesso em: 2 mar. 2011.

MARINHO, A.; INÁCIO, H. L. D. Educação física, meio ambiente e aventura: um percurso por vias instigantes. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 3, p. 55-70, maio 2007. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/124>>. Acesso em 25 jun. 2012.

MARINHO, A.; SCHWARTZ, G. M. Atividades de aventura como conteúdo da educação física: reflexões sobre seu valor educativo. **Lecturas Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, ano 10, n. 88, p. 1-1, set. 2005. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd88/avent.htm>>. Acesso em: 3 mar. 2011.

MATTOS, M. G. de; ROSSETTO JÚNIOR, A. J.; BLECHER, S. **Teoria e prática da metodologia da pesquisa em educação física**. São Paulo: Phorte, 2004.

MENDONÇA, R. A experiência na natureza segundo Joseph Cornell. In: SERRANO, C. (Org.). **A educação pelas pedras**: ecoturismo e Educação Ambiental. São Paulo: Chronos, 2000. p. 135-154.

MENDONÇA, R.; NEIMAN, Z. **À sombra das árvores**: transdisciplinaridade e Educação Ambiental em atividades extraclasse. São Paulo: Chronos, 2003.

MONTIBELLER JUNIOR, G. **O mito do desenvolvimento sustentável**: meio ambiente e custos sociais no moderno sistema produtor de mercadorias. 2. ed. Florianópolis: EdUFSC, 2004.

MONTIBELLER JUNIOR, G. **Empresas, desenvolvimento e ambiente**: diagnóstico e diretrizes de sustentabilidade. Barueri: Manole, 2007.

MOREIRA, J. C. C. **Caminho da fé**: pedestrianismo, estados emocionais e reflexões sobre a ambiência. 2007. 246f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) – Departamento de Educação Física, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2007.

MORENO, D. U. **A perspectiva da Educação Ambiental na produção científica do congresso brasileiro de atividades de aventura (2006-2010)**. 2011. 56f. Monografia (Especialização em Educação Ambiental e sustentabilidade) – Centro Universitário Fundação Santo André, Santo André, 2011.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

NADLER, R. S. Therapeutic process of change. In: GASS, M. A. (Org.) **Adventure therapy**: Therapeutic applications of adventure programming. Dubuque, IA: Kendall/Hunt Publishing Company, 1993. p. 57-69.

NEIMAN, Z. **A Educação Ambiental através do contato dirigido com a natureza**. 2007. 138f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

NEIMAN, Z. Ecoturismo, sustentabilidade e educação ambiental: abordagens, diagnósticos e prognósticos. In: PEREIRA, E. A.; SCHWARTZ, G. M.; FREITAS, G. S.; TEIXEIRA, J. C. (Org.). **Esporte e turismo**: parceiros da sustentabilidade nas atividades de aventura. Pelotas: UFPel, 2012. p. 11- 20.

NICOLESCU, B. **O manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 2001.

OLIVEIRA, E. M. de. **Educação Ambiental**: uma possível abordagem. 2. ed. Brasília: IBAMA, 2000.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Educação Ambiental no Brasil**. [2012]. Disponível em:

<<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/special-themes/education-for-sustainable-development/environmental-education/>>. Acesso em: 24 set. 2012.

OSGOOD, C. E. The representational model and relevant research methods. In: POOL, I. de S. (Org.). **Trends in content analysis**. Urbana: University of Illinois Press, 1959. p. 33-88.

PÁDUA, S. **Afinal, qual a diferença entre conservação e preservação?** 2006. Disponível em: <<http://www.oeco.com.br/suzana-padua/18246-oeco15564>>. Acesso em: 24 abr. 2012.

PAIXÃO, J. A.; COSTA, V. L. M.; GABRIEL, R. E. C. D. Esporte de aventura e ambiente natural: dimensão preservacional na sociedade de consumo. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 2, p.367-373, abr./jun. 2009a. Disponível em: <<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/1990/2379>>. Acesso em: 3 mar. 2011.

PAIXÃO, J. A.; COSTA, V. L. M.; GABRIEL, R. E. C. D. O instrutor de esporte de aventura no Brasil: implicações ligadas ao processo ensino aprendizagem. **Lecturas Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, ano 14, n. 134, p. 1-1, jul. 2009b. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd134/o-instrutor-de-esporte-de-aventura-no-brasil.htm>>. Acesso em: 3 mar. 2011.

PALMBERG, I. E.; KURU, J. Outdoor activities as a basis for environmental responsibility. **The Journal of Environmental Education**, Philadelphia, v. 31, n. 4, p. 32-36, 2000. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/00958960009598649>>. Acesso em: 4 mar. 2011.

PEGA LEVE. **Pega Leve! em atividades ao ar livre**. [20--?]a. Disponível em: <<http://www.pegaleve.org.br/aventura.asp>>. Acesso em: 26 set. 2012.

PEGA LEVE. **8 Princípios Pega Leve!** [20--?]b. Disponível em: <http://www.pegaleve.org.br/principios_pegaleve.asp>. Acesso em: 26 set. 2012.

PINHEIRO, J. Q. et al. **A escala de ecocentrismo e antropocentrismo como base de indicadores do vínculo pró-ambiental de estudantes universitários**. Natal: Grupo de Estudos Inter-ações Pessoa-Ambiente/Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2005. [Apostila].

RASTEIRO, M. A. A problemática da classificação de visitantes de cavernas em unidades de conservação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ESPELEOLOGIA, 29., 2007, Ouro Preto. **Anais...** Campinas: Sociedade Brasileira de Espeleologia, 2007, p. 239-250.

REIGOTA, M. **Meio ambiente e representação social**. São Paulo: Cortez, 1995.

REIGOTA, M. **O que é Educação Ambiental**. 2. ed. rev. ampl. São Paulo: Brasiliense, 2009.

RIBEIRO, I. C. **Ecologia de corpo&alma e transdisciplinaridade em Educação Ambiental**. 1998. 191f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) - Departamento de Educação Física, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1998.

RIBEIRO, I. C. Atividades recreativas e Educação Ambiental: uma parceria imbatível. In: SCHWARTZ, G. M. (Org.). **Educação Física no ensino superior**: atividades recreativas. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2004, pp. 29-45.

RIBEIRO, I. C. **Educação Ambiental de Corpo&Alma**: trabalhando sentimentos e valores numa experiência com Agenda 21 escolar. [S.L]: São Francisco Gráfica e Editora, 2005.

RIBEIRO, I. C. Educação Ambiental de Corpo&Alma. In: SEABRA, G. (Org.). **Educação Ambiental no mundo globalizado**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2011. p.39-64.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

RIO+20. **Sobre a Rio+20**. [2012]. Disponível em: <http://www.rio20.gov.br/sobre_a_rio_mais_20.html>. Acesso em: 26 set. 2012.

ROSENFELD, M.; COSTA, K. **Ecoturismo de Aventura é foco de curso superior**. 2006. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dimenstein/cbn/capital_201006.shtml>. Acesso em: 25 set. 2012.

SACHS, I. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. 3. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

SATO, M.; SANTOS, J. E. **Sinopsis de la Agenda 21**. México: SEMANARP & PNUD, 1997.

SCHMIDT, E. B. et al. Breve panorâmica da “Rio + 20”. **Ambiente & Educação**, Rio Grande, v. 17, n. 1, 2012. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/ambeduc/article/view/2983>>. Acesso em: 20 dez. 2012.

SCHULTZ, P. W. et al. Implicit connections with nature. **Journal of Environmental Psychology**, London, v. 24, n. 1, p. 31-42, mar. 2004. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0272494403000227>>. Acesso em: 4 mar. 2011.

SCHWARTZ, G. M. **Atividades lúdicas no contexto da Educação Física**: possível dissonância? 1997. 177 f. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

SCHWARTZ, G. M. Homu Expressivus: as dimensões estética e lúdica e as interfaces do lazer. In: BRUNHS, H. T. (Org.). **Temas sobre o lazer**. Campinas: Autores Associados, 2000. p. 87-99.

SCHWARTZ, G. M. O corpo sensível como espaço ecológico. **Motus Corporis**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 49-54, 2001.

SCHWARTZ, G. M. Atividades de aventura e pró-atividade no lazer. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADES DE AVENTURA, 4., 2009, Mucugê. **Anais...** Mucugê: Laboratório de Estudos do Lazer, 2009, p. 114-115.

SCHWARTZ, G. M.; CARNICELLI FILHO, S. (Desin)Formação profissional e atividades de aventura: focalizando os guias de “Rafting”. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 103-109, abr./jun. 2006. Disponível em: <<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/rbefe/v20n2/v20n2a03.pdf>>. Acesso em: 2 mar. 2011.

SCHWARTZ, G. M.; TREVISAN, P. R. T. C. Esporte e turismo: parceiros da sustentabilidade nas atividades de aventura. In: PEREIRA, E. A.; SCHWARTZ, G. M.; FREITAS, G. S.; TEIXEIRA, J. C. (Org.). **Esporte e turismo: parceiros da sustentabilidade nas atividades de aventura**. Pelotas: UFPel, 2012. p.157-164.

SILVA, L. O.; FIGUEIREDO, L. A. V. Racionalidades e sensibilidades em trilhas interpretativo-perceptivas: promovendo ações formativas de Educação Ambiental na Vila de Paranapiacaba – Santo André (SP). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 25-58, 2011. Disponível em: <<http://www.sbecotur.org.br/rbecotur/seer/index.php/ecoturismo/article/view/73>>. Acesso em: 23 set. 2012.

SOARES, C. J. S.; PAIXÃO, J. A. Atividades de aventura e Educação Ambiental: possibilidades nas aulas de educação física escolar. **Lecturas Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, ano 14, n. 142, p. 1-1, mar. 2010. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd142/atividades-de-aventura-e-educacao-ambiental.htm>>. Acesso em: 3 mar. 2011.

TABANEZ, M. F. et al. Avaliação de trilhas interpretativas para Educação Ambiental. In: PADUA, S. M.; TABANEZ, M. F. (Org.). **Educação Ambiental: caminhos trilhados no Brasil**. Ipê: Brasília, 1997. p. 89-102.

TEIXEIRA, F. A.; MARINHO, A. Atividades de aventura: reflexões sobre a produção científica brasileira. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 3, p. 536-548, jul./set. 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/1980-6574.2010v16n3p536/pdf_28>. Acesso em 27 set. 2012.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

THOMPSON, S. C. G.; BARTON, M. A. Ecocentric and anthropocentric attitudes toward the environment. **Journal of Environmental Psychology**, London, v. 14, n. 2, p.149-157, jun. 1994. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0272494405801689>>. Acesso em: 4 mar. 2011.

TRATADO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA SOCIEDADES SUSTENTÁVEIS E RESPONSABILIDADE GLOBAL. **Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global**. [20--]. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/educacao-ambiental/politica-de-educacao-ambiental/documentos-referenciais/item/8068>>. Acesso em: 20 dez. 2012.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. **Apresentação VII CBAA**. 2012. Disponível em: <<http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/lel/apresentacaocbaa.htm>>. Acesso em: 1 out. 2012.

WWF-BRASIL. **O que significa a sigla WWF?** [20--?]a. Disponível em: <http://www.wwf.org.br/wwf_brasil/wwf_mundo/wwf/>. Acesso em: 26 set. 2012.

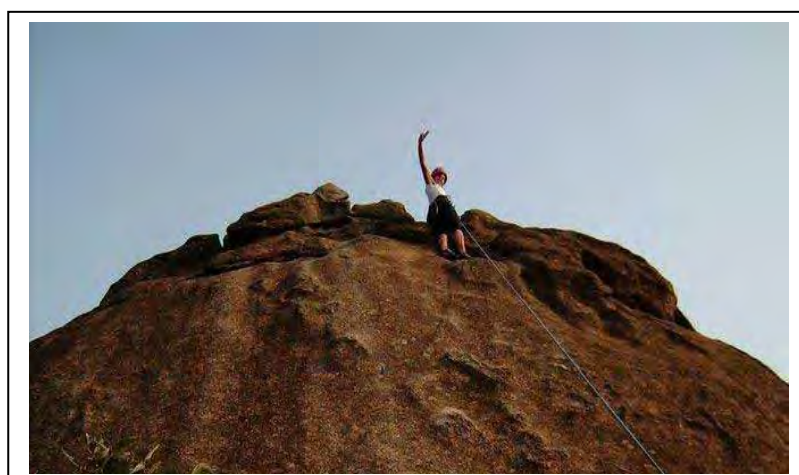
WWF-BRASIL. **A organização**: princípios institucionais. [20--?]b. Disponível em: <http://www.wwf.org.br/wwf_brasil/organizacao/>. Acesso em: 26 set. 2012.

APÊNDICE A – Fotos das cidades e modalidades selecionadas para a coleta de dados do estudo²

Foto 1 - Brotas/SP – *Rafting*.



Foto 2 - Campinas/SP – Montanhismo.



² Fotos retiradas do acervo pessoal do autor (maio/set. 2012).

Foto 3 – Poços de Caldas/MG – *Paraglider*.



Foto 4 – Andradas/MG – *Paraglider*.



APÊNDICE B – Caracterização da amostra

1. Sexo: () Feminino () Masculino
2. Idade: _____
3. Nível de Escolaridade:
 - () Ensino Fundamental Incompleto
 - () Ensino Fundamental Completo
 - () Ensino Médio Incompleto
 - () Ensino Médio Completo
 - () Superior Incompleto – Curso de _____
 - () Superior Completo – Curso de _____
 - () Pós-graduação – Especialização em _____
 - () Pós-graduação – Mestrado em _____
 - () Pós-graduação – Doutorado em _____
4. O que motivou você a ser condutor de atividades de aventura?

5. Modalidade de atividade de aventura com a qual trabalha: _____
6. Tempo de atuação como condutor: _____
7. Você participou de algum curso ou capacitação para atuar com as atividades de aventura?

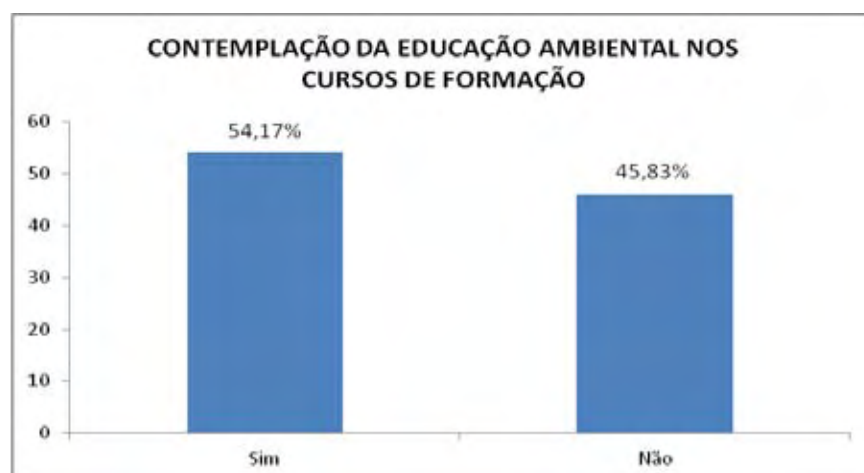
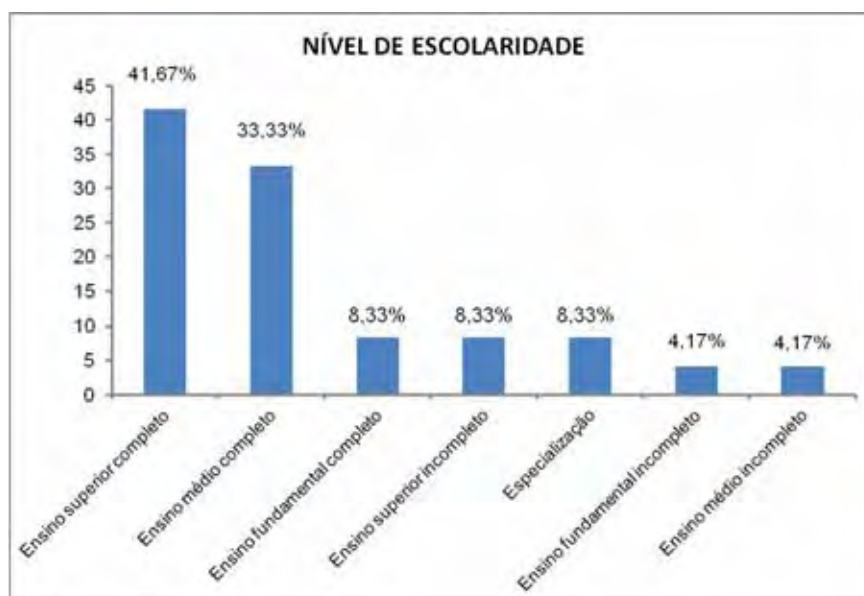
Sim () Não ()

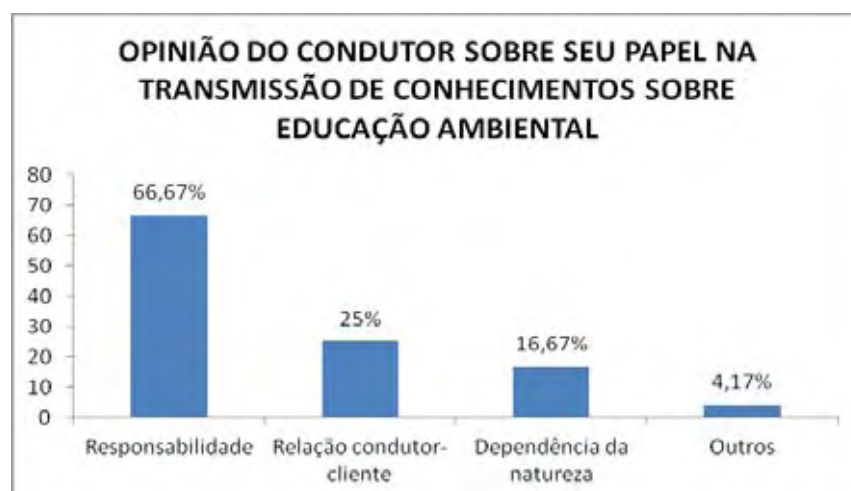
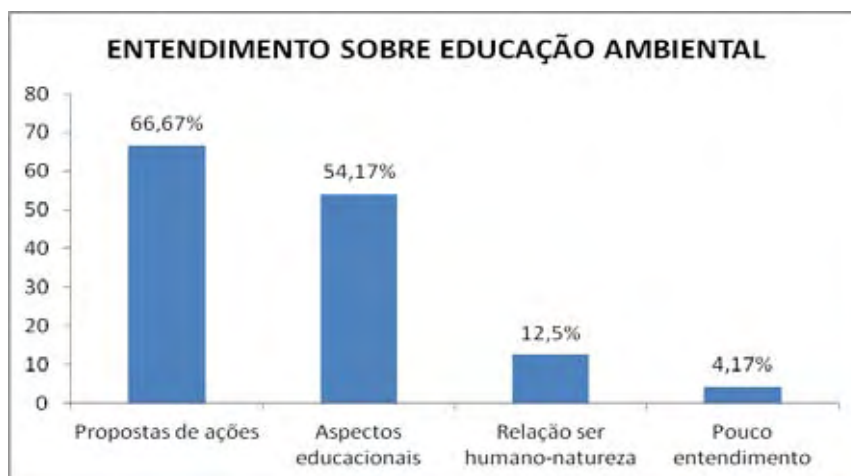
Se sim, este curso abordou a Educação Ambiental?

Sim () Não ()
8. O que você entende por Educação Ambiental?

9. O que você pensa sobre o papel do condutor na transmissão de conhecimento sobre Educação Ambiental? Explique.

APÊNDICE C – Ilustração da caracterização da amostra





APÊNDICE D – Escala de Intervenção sobre Sensibilização Ambiental (EISA) - para Condutores de Atividades de Aventura

Indique, de acordo com a escala a seguir, **o quanto cada frase representa aspectos importantes sobre a condução das atividades de aventura**. Note que, quanto maior o valor associado a cada afirmação, mais você está de acordo com ela. Não há respostas certas ou erradas. A melhor resposta é aquela que representa mais perfeitamente sua opinião. Responda todas as questões de forma sincera, não deixando nenhuma resposta em branco.

- (1) Discordo fortemente**
- (2) Discordo**
- (3) Nem discordo, nem concordo**
- (4) Concordo**
- (5) Concordo fortemente**

Em sua opinião, durante a condução das atividades de aventura...

1. é importante informar sobre a necessidade de não deixar lixo no local da atividade.	1	2	3	4	5
2. deve-se incentivar o cliente a observar os elementos da natureza.	1	2	3	4	5
3. é preciso que eu encontre sempre novas maneiras para trabalhar a sensibilização ambiental.	1	2	3	4	5
4. não é necessário alertar que o barulho durante a atividade atrapalha a harmonia do ambiente.	1	2	3	4	5
5. é inadequado propor ao cliente a audição dos sons da natureza (pássaros, árvores, água e outros).	1	2	3	4	5
6. não é importante que eu busque atualidades relacionadas aos temas ambientais para discutir com os clientes.	1	2	3	4	5
7. é necessário informar que os elementos da natureza (flores, pedras e outros) devem ser deixados onde foram encontrados.	1	2	3	4	5
8. é preciso estar preparado para fazer possíveis adaptações nas atividades conforme a instabilidade do público e do ambiente.	1	2	3	4	5
9. é essencial que eu procure motivação para apresentar formas dinâmicas de trabalhar a temática ambiental com os clientes.	1	2	3	4	5
10. é importante informar sobre a possibilidade de alimentar os animais silvestres.	1	2	3	4	5
11. não recolher o lixo encontrado durante a atividade na frente do cliente o incentiva a fazer o mesmo.	1	2	3	4	5
12. é preciso que eu acredite na relevância do meu trabalho para a sensibilização ambiental.	1	2	3	4	5
13. não é necessário discutir as questões globais críticas que prejudicam a harmonia do ambiente, pois isto é de responsabilidade do governo.	1	2	3	4	5

14. é interessante utilizar jogos e brincadeiras para trabalhar a sensibilização ambiental.	1	2	3	4	5
15. a motivação para trabalhar os conteúdos de sensibilização ambiental depende de minhas experiências anteriores .	1	2	3	4	5
16. é desnecessário informar sobre a proteção ao meio ambiente.	1	2	3	4	5
17. a adequação da maneira de explicar os conteúdos de sensibilização ambiental conforme o público é irrelevante.	1	2	3	4	5
18. é imprescindível que eu tenha prazer em minha atuação, para desenvolver nos clientes novos valores de sensibilização ambiental.	1	2	3	4	5
19. é importante alertar sobre o compromisso de cada um na proteção ambiental.	1	2	3	4	5
20. tornam-se úteis os conhecimentos obtidos em cursos e treinamentos para enriquecer os conteúdos ambientais a serem abordados com os clientes.	1	2	3	4	5
21. é importante que eu acredite em minha responsabilidade como agente multiplicador de atitudes e condutas pró-ambientais.	1	2	3	4	5
22. deve-se informar e alertar sobre a necessidade de ação imediata para a solução dos problemas ambientais.	1	2	3	4	5
23. oferecer momentos de reflexão sobre a necessidade de conservação ambiental não é função do condutor.	1	2	3	4	5
24. a alegria em minha atuação não é um elemento importante para o desenvolvimento de novos valores nos clientes.	1	2	3	4	5

25. Acrescente outras estratégias de ação particulares que você utiliza para desenvolver a sensibilização ambiental com os clientes:

26. As estratégias que você tem utilizado auxiliam diretamente para a sensibilização ambiental? Explique.

APÊNDICE E - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

(Conselho Nacional de Saúde, Resolução 196/96)

O(a) senhor(a) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa intitulado: **CONDUTA PRÓ-AMBIENTAL E ATIVIDADES DE AVENTURA**, desenvolvido por **JULIANA DE PAULA FIGUEIREDO**, aluna do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Motricidade, orientada pela Profª Drª Gisele Maria Schwartz. O(a) senhor(a) será instruído a responder duas escalas: a Escala de Ecocentrismo e Antropocentrismo de Thompson & Barton e a Escala de Intervenção sobre Sensibilização Ambiental (EISA) - para Condutores de Atividades de Aventura.

O objetivo do estudo é investigar a interferência das vivências cotidianas realizadas em ambiente natural, no desenvolvimento do comportamento pró-ambiental de condutores de atividades de aventura.

Sua participação se dará por meio de resposta a dois questionários aplicados pela pesquisadora responsável, Srtª: Juliana de Paula Figueiredo, RG: 14.933.575, Residente à Avenida 20 A, n.474, apt. 3, Vila Indaiá – Rio Claro – SP Fone: (19) 8178-4749, que estará à disposição para informações ou esclarecimentos de qualquer dúvida, antes e durante a pesquisa. Os riscos são mínimos, os quais podem ser de natureza emocional, devido à possível ansiedade relativa à resposta a instrumentos desconhecidos. Os resultados do estudo poderão ser publicados, mas, com a garantia de que sua privacidade, nome ou identificação não serão revelados. Para tanto, se faz necessário sua assinatura na declaração abaixo:

DECLARAÇÃO

Eu, _____, Documento de
 Identidade nº _____, Sexo _____ Data de
 Nascimento _____, Endereço _____ -
 _____ Telefone para contato _____,
 declaro que CONCORDO em participar da pesquisa intitulada “CONDUTA PRÓ-AMBIENTAL E ATIVIDADES DE AVENTURA”, tendo sido suficientemente esclarecido(a) sobre os objetivos, a forma de participação, a liberdade de interrupção a qualquer momento, sem penalização ou risco de qualquer natureza e sobre a garantia de anonimato.

Local: _____

Data: _____

Assinatura: _____

Titulo do Projeto: CONDUTA PRÓ-AMBIENTAL E ATIVIDADES DE AVENTURA

Pesquisador Responsável: Juliana de Paula Figueiredo

Cargo/Função: Pesquisadora/Mestranda

Instituição: LEL/DEF/ IB/UNESP-UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JULIO DE MESQUITA FILHO” – CAMPUS DE RIO CLARO-SP

Endereço: Av. 24-A, 1515 – Bela Vista, Rio Claro-SP – CEP: 13506-900

Dados para Contato: fone (19) 8178-4749 e-mail: julianapfig@hotmail.com.br

Orientadora: Profª Drª Gisele Maria Schwartz

Instituição: LEL/DEF/ IB/UNESP-UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JULIO DE MESQUITA FILHO” – CAMPUS DE RIO CLARO-SP

Endereço: Av. 24-A, 1515 – Bela Vista, Rio Claro-SP – CEP: 13506-900

Dados para Contato: fone (19) 3526-4125 e-mail: schwartz@rc.unesp.br

Data: ____/____/____

Juliana de Paula Figueiredo

Pesquisadora responsável

ANEXO A – Escala de Ecocentrismo e Antropocentrismo (Escala T&B)

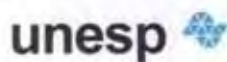
Este instrumento apresenta afirmações que descrevem vários tipos de comportamentos relacionados com o meio ambiente. Indique, conforme a escala a seguir, o quanto você está de acordo ou em desacordo com as afirmações apresentadas. Note que, quanto maior o valor associado a cada afirmação, mais você está de acordo com ela. Não há respostas certas ou erradas. A melhor resposta é aquela que representa mais perfeitamente sua opinião. Responda todas as questões de forma sincera, não deixando nenhuma resposta em branco.

- (1) Discordo muito**
(2) Discordo
(3) Indiferente
(4) Concordo
(5) Concordo muito

1. Uma das piores coisas da superpopulação é que muitas áreas naturais estão sendo destruídas pelo desenvolvimento.	1	2	3	4	5
2. Gosto de passar algum tempo em ambientes naturais pelo simples fato de estar em contato com a natureza.	1	2	3	4	5
3. Ameaças ambientais, tais como o desmatamento e a diminuição da camada de ozônio, têm sido exageradamente divulgadas.	1	2	3	4	5
4. A pior coisa a respeito da perda das florestas tropicais é que o desenvolvimento de novos medicamentos será prejudicado.	1	2	3	4	5
5. É entristecedor ver as matas serem destruídas para uso da agricultura e da pecuária.	1	2	3	4	5
6. A maioria dos ambientalistas é pessimista e um tanto paranóica.	1	2	3	4	5
7. Prefiro as reservas naturais aos zoológicos.	1	2	3	4	5
8. O melhor de acampar é que é uma forma barata de passar férias.	1	2	3	4	5
9. Eu acho que o problema do esgotamento de recursos naturais não é tão ruim como se diz.	1	2	3	4	5
10. Para mim é difícil estar muito preocupado pelos temas ambientais.	1	2	3	4	5
11. Me preocupa que os seres humanos fiquem sem sua reserva de petróleo.	1	2	3	4	5
12. Preciso passar algum tempo junto à natureza para ser feliz.	1	2	3	4	5
13. Ciência e tecnologia resolverão nossos problemas de poluição, de superpopulação e de recursos naturais cada vez mais limitados.	1	2	3	4	5
14. O que mais me preocupa a respeito do desmatamento é que não haverá madeira (nativa) para as gerações futuras.	1	2	3	4	5
15. Acho que os seres humanos não dependem da natureza para sobreviver.	1	2	3	4	5
16. Quando me sinto triste encontro conforto na natureza.	1	2	3	4	5
17. A maioria dos problemas ambientais se resolverá por conta própria se lhes for dado tempo suficiente.	1	2	3	4	5
18. Os problemas ambientais não me importam.	1	2	3	4	5
19. Uma das razões mais importantes para manter lagos e rios limpos é que as pessoas tenham um local para se divertir na água.	1	2	3	4	5
20. Sou contra programas para preservar lugares selvagens, para reduzir a contaminação e para conservar recursos.	1	2	3	4	5
21. Fico triste ao ver o ambiente natural destruído.	1	2	3	4	5

22. A razão mais importante para conservação ambiental é a sobrevivência humana.	1	2	3	4	5
23. Uma das melhores coisas sobre a reciclagem é que economiza dinheiro.	1	2	3	4	5
24. A natureza é importante porque pode contribuir para o prazer e bem-estar humanos.	1	2	3	4	5
25. Dá-se ênfase excessiva à conservação.	1	2	3	4	5
26. A natureza é valiosa, independente de qualquer coisa.	1	2	3	4	5
27. Precisamos preservar os recursos para manter uma alta qualidade de vida.	1	2	3	4	5
28. Estar na natureza é um grande redutor de stress para mim.	1	2	3	4	5
29. Uma das razões mais importantes para conservar o ambiente é assegurar um padrão de vida bom e contínuo.	1	2	3	4	5
30. Uma das razões mais importantes para conservar o ambiente é a preservação de áreas selvagens.	1	2	3	4	5
31. O uso contínuo das terras para agricultura é uma boa idéia desde que isso não interfira na qualidade de vida.	1	2	3	4	5
32. Às vezes os animais me parecem quase humanos.	1	2	3	4	5
33. Seres humanos fazem parte do ecossistema, assim como outros animais.	1	2	3	4	5

ANEXO B – Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Rio Claro



DECISÃO CEP N° 017/2011

Instituição: UNESP – IB – CRC	Departamento: Educação Física
Protocolo nº: 1905	Data de Registro CEP: 24.03.2011
Projeto de Pesquisa: "Conduta pró-ambiental e atividades de aventura"	

Pesquisa Individual	Pesquisador Responsável: -.- Colaboradores: -.-
---------------------	--

Pesquisa Alunos de Graduação	Pesquisador Responsável: -.- Orientando(a): -.-
------------------------------	--

Pesquisa Alunos de Pós-Graduação	Pesquisador Responsável: Juliana de Paula Figueiredo Orientador(a): Profa. Dra. Gisele Maria Schwartz
----------------------------------	--

Objetivo Acadêmico:	☐ TCC ☒ Mestrado ☐ Doutorado ☐ Outros
---------------------	---

O Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Biociências da UNESP – Campus de Rio Claro, em sua 42ª reunião ordinária, realizada em 24/05/2011

☒	Aprovou o Projeto de Pesquisa acima citado, ratificando o parecer emitido pelo relator.
☐	Desde que atendidas as pendências apontadas na reunião (vide anexo), aprova o Projeto de Pesquisa acima citado.
☐	Referendou o Projeto de Pesquisa acima citado, ratificando o parecer emitido pelo relator.
☐	Aprovou retornar ao interessado para atendimento das pendências encontradas (prazo máximo de 60 dias):
☐	Não Aprovou.
☐	Retirou , devido à permanência das pendências.
☐	Aprovou o Projeto de Pesquisa acima citado e o encaminha , com o devido parecer, para apreciação da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa- CONEP/MS , por se tratar de um dos casos previstos no capítulo VIII, item 4.c.

➔ "Formulário para Acompanhamento dos Protocolos de Pesquisa Aprovados"
Data de Entrega: Junho de 2012

Rio Claro, 27 de maio de 2011,

Profa. Dra. Maria Izabel Souza Camargo
Coordenadora do CEP

ANEXO C – Comprovante de submissão do Artigo 1

06/02/12 Mensagem de Impressão do Hotmail

[Imprimir](#) [Fechar](#)

[Motriz] Agradecimento pela Submissão

De: **motriz@rc.unesp.br**
Enviado: segunda-feira, 6 de fevereiro de 2012 10:16:52
Para: Juliana de Paula Figueiredo (julianapfig@hotmail.com)

Juliana de Paula Figueiredo,

Agradecemos a submissão do seu manuscrito "Atividades de aventura e educação ambiental como foco nos periódicos da área de Educação Física" em 26/01/2012 para Motriz. Revista de Educação Física. UNESP. Através da interface de administração do sistema, utilizado para a submissão, será possível acompanhar o progresso do documento dentro do processo editorial, bastando logar no sistema localizado em:

URL do Manuscrito:
<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/author/submission/5323>
Login: julianafigueiredo

Em caso de dúvidas, envie suas questões para este email. Agradecemos mais uma vez considerar nossa revista como meio de transmitir ao público seu trabalho.

Afonso Antonio Machado
Motriz. Revista de Educação Física. UNESP
motriz@rc.unesp.br
<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz>

co102w.col102.mail.live.com/mail/PrintMessages.aspx?cpids=6c48c541-50... 1/1

ANEXO D – Comprovante de submissão do Artigo 2

Mensagem de Impressão do Hotmail

<http://col125w.col125.mail.live.com/mail/PrintMessages.aspx?cpids...>**[EPSIC] EPSIC-488 - Submissao cadastrada**

De: **Estudos de Psicologia (Natal)** (suporte.aplicacao@scielo.org)

Enviada: quinta-feira, 8 de novembro de 2012 15:07:39

Para: JULIANA DE PAULA FIGUEIREDO (julianapfig@hotmail.com)

Prezado(a) autor(a),

Acusamos o cadastro de sua submissao no sistema web da revista Estudos de Psicologia (Natal).

O manuscrito passara por uma analise preliminar para decidirmos sobre o inicio do processo de avaliacao propriamente dita ou recusa inicial do mesmo.

Tao logo tenhamos essa informacao, entraremos em contato.

Para acessar o sistema, utilize o login e senha fornecidos no e-mail de cadastro.

Agradecemos a preferencia por Estudos de Psicologia.

Cordialmente,
Katie Almondes e Flvia Lopes, Editoras

Estudos de Psicologia (UFRN-Natal)

E-mail: <revpsi@cchla.ufrn.br>

Editoras: Katie Almondes & Flvia Lopes

Editores-associados: Arrilton Araújo de Souza; Ana Karenina de Melo

Arraes-Amorim; Ilana Lemos de Paiva; Gleice Virginia Medeiros de Azambuja

Elail; Wallisen Tadashi Hattori

Apolo Editorial: Lizianne Juline

<http://submission.scielo.br/index.php/epsic>

ANEXO E – Comprovante de submissão do Artigo 3

Mensagem de Impressão do Hotmail

<http://co125w.col125.mail.live.com/mail/PrintMessages.aspx?cpids...>**[EP] Agradecimento pela Submissão**

De: **José Aguinaldo da Silva** (suporte.aplicacao@scielo.org)
Enviada: quinta-feira, 8 de novembro de 2012 14:24:16
Para: JULIANA DE PAULA FIGUEIREDO (julianapfig@hotmail.com)

Prezada(o)

JULIANA DE PAULA FIGUEIREDO,

Agradecemos a submissão do seu artigo "EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM ÂMBITO NÃO FORMAL: O CONDUTOR DE ATIVIDADES DE AVENTURA E A SENSIBILIZAÇÃO" para avaliação de Educação e Pesquisa. Através da interface de administração do sistema, utilizado para a submissão, será possível acompanhar o progresso do documento dentro do processo editorial, bastando logar no sistema localizado em:

URL do Manuscrito:
<http://submission.scielo.br/index.php/ep/author/submission/105841>
Login: julianafigueiredo

Em caso de dúvidas, envie suas questões para este email.

Agradecemos mais uma vez por considerar nossa revista como meio ideal de transmitir ao público o seu trabalho.

José Aguinaldo da Silva
Educação e Pesquisa
Educação e Pesquisa : Revista da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo
epfeusp@usp.br / revedu@usp.br
<http://submission.scielo.br/index.php/ep>